

RAÇAS HUMANAS.

Nous ne connaissons point d'objets sur la terre, quelles que soient leur grandeur et leur importance, qui nous intéressent de plus près que notre étude.

VIREY.

I.

O calôr é o elemento da vida, assim como o frio é o principio da morte. Estimuladas pelo calôr, as sementes germinam nos prados e nos montes; e os vegetaes com as suas côres variadas, formas elegantes e exalações odoríferas não aformoseariam de certo a natureza; se os vivificantes raios do sol os não aquecessem.

É o calôr, que anima os innumeraveis animaes, que correm na superficie da terra, que nadam nos raios e nos mares, ou que vôm rapidos na atmosphera.

Habituados a vêr a terra servir constantemente de theatro aos phenomenos vitaes, mal podemos concebê-la, sem que a cubra a verdura das florestas, sem que a animem os movimentos e as vozes dos animaes.

Toda esta vida, toda esta actividade, propria dos sêres vivos, enfraquece, e acaba até em parte, durante o inverno.

N'esta terrivel estação o vento frio do norte, açoitando as corollas, o gêlo amontuando-se em volta dos caules, definha as delicadaservas, e paralisa a circulação das robustas arvores, que á mingua de calôr e nutrição deixam cair mortas as folhas e as flores.

Os animaes sentem da mesma sorte os effeitos destruidores do frio. Uns invernam semimortos no interior da terra, outros procuram regiões longinquoas, onde o rigor do inverno os não persiga; e aquelles, que não invernam, nem emigram, resistem com difficuldade á acção prolongada de um frio excessivo.

Quando no mundo organico tudo é entorpecimento, tudo é morte, a natureza inorganica agita-se com excesso, vive desordenadamente.

As correntes descem impetuosas pelas encostas dos montes; o mar quebra-se nos rochedos com o estridor do trovão; os rios, sahindo de seus leitos, inundam os campos e os valles; e o furacão sibilla medonho por entre os ramos resequidos das arvores, ou pelas fendas dos penhascos, que se erguem tristes e despidos nas cumiadas das montanhas.

Mas a primavera vem substituir uma suave animação a tão rude actividade. Os raios solares, cahindo menos obliquamente sobre as zo-

nas temperadas, reanimam os sêres, que o inverno deixára quasi mortos.

Os animaes correm alegres nos bosques, cedendo todos ao doce impulso do amor; os prados cobrem-se de relva, e as arvores de verdes folhas.

Todavia em muitos paizes da zona torrida reinam continuamente os ardentes calores do estio ou a moderada temperatura da primavera dos nossos climas. O sol, não passando nunca além dos tropicos, emite os seus raios a estas regiões mais perpendicularmente, que a qualquer outra parte da terra, e não deixa por isso, que a temperatura desca a tão baixo gráu, como nas proximidades dos pólos, ou nas zonas temperadas, durante a estação invernososa.

É nos tropicos, que a natureza mostra maior riqueza de organização, mais abundancia e fertilidade. É ahi, que se contemplam os sublimes e grandiosos quadros da criação. Ao lado das extensas florestas, cujas arvores são revestidas e enfeitadas por muitas e diferentes plantas trepadeiras, vê-se o mar coberto das maravilhoas ilhas de coraes, ou as montanhas gigantes coroadas de neve, e povoadas inferiormente de palmeiras, de bambús e de fetos arborecentes.

De dia estas scenas magnificas, os deleitosos cantos das aves, e os delicados perfumes das flores arrebatam os sentidos; de noite admira-se a poesia majestosa do mar, que, agitando-se languidamente, e como temendo perturbar o repouso da natureza, reflecte a frouxa luz planetaria da bella constellação da *Cruz do sul*, das *Nebulosas de Magalhães*, e de milhões de estrellas, que brilham, mas não scintillam.

Não havendo nos tropicos o frio inimigo da vegetação, as plantas manifestam sempre a vida em toda a sua actividade, adquirem um desinvolvimento extraordinario, e offerecem aos olhos do europeu um espectáculo, que os seduz não menos do que as brilhantes e desconhecidas constellações, que fulguram no céu austral; não menos do que as bellas e admiraveis côres das aves e dos quadrupedes, que povôam a America equatorial.

A força organica e a vida augmentam gradualmente dos pólos para o equador, mas a vegetação não apresenta o mesmo aspecto em cada zona da terra; varia muito no mesmo paralelo de latitude. Alegre e virente nas margens dos regatos, elegante e graciosa nos valles, rica e majestosa nas grandes planicies, differe essencialmente, quando veste as rochas

ardentes das faldas do Chimborazo, ou quando lucha com as neves e com os gelos que cobrem o cume do mesmo monte.

O augmento gradual de vida, variedade e belleza dos typos dos seres organicos, dos pólos para o equador, é um facto observado, e que se explica pela influencia do clima na organização.

De todos os animaes um só faz excepção a esta regra; um, cuja perfeição decresce tanto mais, quanto mais perto vive do equador. É o homem que exclusivamente não segue a regra geral imposta a todos os seres.

Esta excepção não é rigorosamente verdadeira. O homem do norte não é tão desinvolvido, como o do centro da Europa; o que habita na America meridional mesmo debaixo do equador, excede muito, physica e moralmente, o cafre ou o hottentote, que vive a 30 grãos de latitude. Mas em geral podemos dizer, que, dentro de certos limites climatologicos, a especie humana não obedece á lei, seguida pelas outras especies animaes.

Ao philosopho, que além de observar e conhecer os phenomenos, que se passam no mundo material, estuda as condições e dotes sublimes da rasão humana, não será difficil averiguar a causa de tal excepção.

O espirito e a organização do homem estão em reciproca dependencia. Não soffre o espirito, sem que o corpo dê sinais de soffrimento, nem é o corpo impressionado, sem que o espirito sinta a impressão.

N'estas duas naturezas que constituem o homem, essencialmente differentes, mas ligadas entre si, está a solução do problema.

O homem, sendo cosmopolita, vive tanto nas regiões abrazadoras da Africa, como nos gelados paizes da Siberia. Porém não affronta impune o calor ardente da zona torrida, ou o frio excessivo das terras polares. As suas duas naturezas resentem-se sempre da influencia climatologica, que regula as causas das quaes depende a diversidade de caracteres, que distingue todos os povos.

São essas causas o desinvolvimento moral e o exercicio da organização.

As raças, cuja intelligencia é mais desinvolvida, são tambem aquellas, que apresentam a organização melhor proporcionada. Os antigos bustos dos gregos e dos romanos revelam-nos na regularidade das feições o subido grau de desinvolvimento physico e moral, a que estes povos haviam chegado.

É inquestionavelmente na parte da zona terrestre comprehendido entre as costas occiden-

taes da Europa e as margens do mar Caspio, que existem os typos mais perfeitos da nossa especie. O solo, exigindo o trabalho da cultura para produzir os alimentos de que o homem necessita, faz nascer a actividade do commercio, da industria e das artes, e com ella o desinvolvimento physico e moral.

Não assim nos tropicos. A contínua e abundante vegetação prodigalisa espontaneamente ao homem os fructos das arvores, ou as plantas nutritivas.

O habitante do equador não tem mais, digamos assim, do que estender a mão para colher o doce cacho da bananeira, o saboroso annaz, ou o fresco fructo do coqueiro.

Podendo deixar de trabalhar para se alimentar, o homem vive em uma certa indolencia, da qual não sahe, por que não é estimulado, nem pelo frio, nem pela fome. Estes dois excitantes não apparecem nas quentes e fer-teis regiões tropicas.

Assim as duas condições essenciaes á perfeição da especie humana — o desinvolvimento moral, e o exercicio da organização — são impedidas pela indolencia, que a abundancia determina, e que o clima favorece. É por isso que o indigena de Guiné ou do Perú differe tanto do europeu.

Nas proximidades dos pólos a belleza dos typos diminue muito. A intensidade do frio enfraquece as funções nutritivas, e embota a sensibilidade. Ahi duas forças oppostas actuam incessantemente na organização do homem.

Induzido ao somno e á indolencia pelo rigor do frio, é ao mesmo tempo obrigado a um grande trabalho, a fim de prover ao seu sustento, porque nas zonas frigiditas apenas vegetam os musgos, os lichens, e algumas arvores enfezadas, como para obstem unicamente ao horrór de uma esterilidade eterna.

O corpo disforme e acanhada estatura dos esquimós, e de outros povos do norte, manifestam o resultado da lucha prolongada das forças vitales com as circumstancias exteriores. O systema nervoso destes povos dá bem claras mostras da influencia do frio excessivo na economia animal. Os seus sentidos, fracos e obtusos, não recebem senão fortes impressões. As bebidas mais violentas mal lhe impressionam o paladar, e todos os outros órgãos estão em debilidade extrema.

Podemos agora avaliar até que ponto, ou em que circumstancias se deve considerar verdadeira a lei de que fallamos, relativa ao decrescimento da perfeição da especie humana.

O facto geral é, que partindo do centro da

Europa para o equador, a degradação do homem augmenta progressivamente. Mas o mesmo acontecerá, se, em lugar de marcharmos para o equador, caminharmos para o pólo. Por tanto a zona mais favoravel ao desinvolvimento da nossa especie é aquella, onde a moderação do clima e a mediana fertilidade do solo deram origem á civilisação dos povos que a habitam, e que estes levaram depois ás mais remotas partes do globo. Os colonos europeus têm vencido pelo desinvolvimento da intelligencia a poderosa influencia do clima das regiões equatoriaes. Oppondo a força moral á força physica, conseguiram já introduzir em alguns d'aquelles paizes a doçura dos nossos costumes, e a perfeição typica da nossa raça.

(Continua)

Augusto Philippe Simões.

NECROLOGIO.

Que me importa a mim a ingratidão dos homens na hora extrema da vida? ... foi com o pensamento em Deus que andei sempre por este mundo..... a justiça de Deus me julgara.

Alves da Silva.

(REVISTA ACADEMICA, Vol. I. pag. 57).

Como são nobres e eloquentes estas palavras! Como é grande o pedestal que para si ergueu esse homem, cuja vida se passou, segundo elle mesmo nos diz, *entre os infermos e agonisantes*, restituindo o filho ao pae, a esposa ao marido, o irmão ao irmão! Que sanctidade no soffrer! Que resignação no expirar! Que vida tão pura, que os homens não haverão que chorar outra igual! Quem exerceu melhor do que elle a missão sublime do medico, que a sua penna descreveu com tão sublimes traços nas paginas da Revista Academica? Quem de dia, de noite, a toda a hora, sem dar trégoas ao corpo, nem allivio ao espirito, caminhou mais direito para o leito do infermo? Quem com mais obstinação trocou o repouso pela fadiga, o somno pela vigilia? Quem, mais do que elle, enxugou as lagrimas ao pobre, derramou a abundancia e a paz no seio das familias?

Conhecido e honrado entre os presentes, seu nome ha de chegar aos vindouros coroado da unica gloria, que não perece, porque tem as suas raizes no céu! Chamava-se Alves da Silva: bacharel na faculdade de medicina pela universidade de Coimbra, doutor na mesma faculdade pela universidade de Paris, socio do Instituto da Academia Dramatica de

Coimbra, foi antigo redactor da Revista Academica.

É o auctor das singelas e tocantes palavras, que acima transcrevemos, e que são para nós como um testamento sagrado onde recolhemos reverentes as lições do verdadeiro amor e caridade evangelica.

Depois que aquellas palavras foram escritas, umas poucas de gerações academicas passaram por sobre este solo, que pizaram os pés do generoso martyr, que agora baixou ao tumulo.

E assim como o arbusto, açoitado pela furia do vendaval, se despenha na torrente deixando apoz si algumas raizes apegadas ao sólo, assim nos ficaram gravados n'alma os sublimes preceitos, que ennobreceram aquella existencia tão formosa de virtudes e de crenças.

Academicos! Possa este tributo de lagrimas, que vimos hoje pagar á sua memoria, perpetuar o nome nunca assaz querido, nunca assaz chorado d'aquelle, *que para curar os outros se deixou morrer a si.*

Alexandre Meyrelles.

L'AMITIÉ.

Lorsque Dieu fit l'homme à son image et à sa ressemblance, il créa dans son cœur deux affections distinctes, et pourtant principes et mobiles de toutes les autres: l'amour et l'amitié. L'amour, le premier des deux, parce qu'il est le plus fort, le plus puissant des sentiments de l'homme, celui qui brave tout, qui peut tout, qui ose tout, qui suave tout!... Quoique moins forte et moins courageuse, l'amitié, dérive immédiatement de l'amour, elle est sœur de l'amour; pourtant l'amour brule le cœur, il le consume, le réduit en cendres, tandis que l'amitié est calme; le feu qu'elle répand autour d'elle, est doux, consolateur, charmant! Tout homme est capable d'aimer d'amour; mais il n'est pas donné à tous de posséder une âme assez élevée, pour ressentir, dans toute sa plenitude, le doux sentiment de l'amitié.

Oh! il n'y a qu'un homme noble et loyal que l'amitié puisse juger digne de le visiter; mais lorsqu'elle a trouvé un autel, sur lequel elle pense pouvoir se reposer, elle reste, demeure, et répand autour d'elle mille fleurs détachées de sa couronne; ces fleurs pures et embaumées tombent mollement sur le cœur de l'homme qu'elle possède; l'amitié est exi-

geante, elle veut des sacrifices, elle exige le dévouement, aussi est-ce pour cela qu'il est si rare de rencontrer un ami sincère, et l'homme qui l'a trouvé, doit s'estimer heureux! mille fois heureux! . . . et tout faire au monde pour conserver cet ami.

Comme les plantes délicates, suaves et odorantes, riches de couleurs et de formes, qui ne croissent que dans certains climats, aux chauds rayons d'un soleil d'orient, l'amitié vraie est aussi une fleur rare, que l'homme parfois cherche bien long-temps sans pouvoir découvrir! Souvent il se trompe, et ses regards s'arrêtent sur une plante belle, éclatante, ouvrant ses larges pétales pour recevoir les gouttes de rosée et les baisers du zéphyr; il ne considère d'abord que les apparences, il s'empresse de cueillir la fleur, mais aussitôt de sa brillante corolle, que tout à l'heure encore recérait les parfums les plus doux, s'échappe une liqueur vénéneuse et empoisonnée, qui force celui qui l'a saisie à la jeter loin de lui avec dégoût; telle est la fausse amitié.

Cependant Dieu a parfois pitié de ses enfants, et lorsqu'ils ont souffert bien de souffrances, pleuré bien de larmes, soupiré bien souvent! il sèche leurs pleurs par la voix douce et consolante d'un ami! . . . Oh! douce amitié! Fleur céleste éclore au paradis, en tout temps les poètes t'ont chanté! aux brillantes époques de la chevalerie, le troubadour, pauvre oiseau voyageur, errant et sans asile, célébrait tes vertus, en même temps que la beauté de la dame de ses pensées, que la vaillance de son coursier, dont les pieds fouillent le sol! dont le regard dévore l'espace!

En tous les âges les héros t'ont considérée avec déférence, toujours, ils respectèrent les larmes causées par ton pouvoir!

Oh! amitié! amitié! sœur des anges, ne pleures pas! ne caches pas ton visage dans les replis de ton aile! Ton règne n'est pas éteint encore! . . . Les sceptiques du jour ont voulu t'anéantir; les hommes dans leur fureur aveugle contre le ciel, ont tout voulu détruire! tout ce qui rattache l'âme à Dieu, tout ce qui fait espérer des jours meilleurs, mettait des entraves à leurs coupables projets; aussi ils t'ont renié! oh! vertu! ils t'ont repoussée détruite jusque dans ta base! Ils ont essayé de démontrer aux peuples assemblés, que tu n'étais qu'un nom! qu'une ombre, vaine et insaisissable! Aussi André Chenier, ce poète du cœur, cette pure victime, immolée comme on le sait aux fureurs de la République Française de 1893, s'écria-t-il dans un moment désespéré:

«Toi vertu! pleure si je meurs! . . .» Or en détruisant le corps, ne brisaient ils pas les membres? En tuant la vertu, ne voulaient ils pas arrêter d'un seul coup toutes les sources, qui en découlent! L'amitié, l'honneur, la probité, la loyauté! Mais non! en vain l'essayèrent ils! on la reconnaît encore quelques fois dans des âmes d'élite, réfugiée et craintive, montrant sa tête blonde et pâle! triste et découragée, mais jamais vaincue! et un éclair de triomphe brille un moment dans ses longs yeux voilés de pleurs, lorsqu'elle reconnaît dans un homme un sublime cœur! une belle âme!

Jeune homme! vous possédez de nobles qualités! Le vent du malheur, du crime, du péché n'a pas encore soufflé autour de vous! Votre cœur est resté neuf et digne des temps antiques! Le mal n'a pas d'accès près d'une âme comme la vôtre!

Soyez béni, soyez heureux! O vous qui avez écoutée au dedans de votre cœur cette douce voix de l'amitié, qui vous parlait et vous disait d'aimer! et vous désignait entre tous un jeune homme comme vous, enfant chéri de Dieu, plein d'honneur et de foi, accessible à tout ce qui est beau, à tout ce qui est bon, à tout ce qui élève l'esprit et la pensée! Sous son enveloppe fière, triste et belle, vous l'avez deviné, vous l'avez choisi pour être votre frère, le confident de vos joies et de vos peines. Au dedans de vous même vous éprouviez le besoin vif, pressant de pouvoir exercer les trésors de votre âme, pure de toutes les puretés célestes!.. Oui, vous l'avez trouvé! oh! aimez vous toujours. L'ami qui renie son ami, se rend coupable d'un crime infâme! son chatiment l'attend ou dans ce monde ou dans l'autre! Il ne mérite plus rien! ni la protection de Dieu! ni le bonheur sur terre! ni l'estime de ses pères, ni la tendresse de sa mère! Sa conscience le condamne! c'est en vain qu'il cherche le repos! il ne le retrouvera pas! le remords est là qui le tourmente à toute heure, et lui dit sans cesse qu'as tu fait?....

Non! de cette faute sans nom, vous ne vous rendrez coupable! La vertu brillera toujours dans votre cœur, comme la beauté sur votre front! Vous vivrez heureux et honoré, entouré d'égards et de respects, et bien long temps après vous, votre mémoire vivra encore! Et le soir près du soir, le père contera à son fils comment un homme pratiqua toujours, durant sa vie, les doux préceptes de l'honneur, de la vertu, de l'amitié!

AEROSTAÇÃO.

O problema da navegação aérea, de cuja definitiva solução mal podem aventar-se os resultados, tem sido objecto de repetidas experiências, thema para largas discussões nas academias, e alvo sublime de aspirações grandiosas.

Nem podia deixar de ser assim. — O homem, a cuja vontade obedecem os elementos, destinado, por sua intelligencia e perfeições, a exercer um imperio absoluto sobre todos os seres da criação, — o homem, que precorre audacioso a superficie encapellada dos mares, que tem explorado a origem dos vulcões e as profundezas da terra, e a cujos pés o leão, rugindo de despeito, vem depôr homenagens de vassallo, sujeitando ao pesado grilhão a cerviz mal soffrida, — o homem enfim, que prende n'uma equação o movimento dos astros e planetas, que giram nos confins do espaço, não podia satisfazer ao seu orgulho, e parar em seus committimentos, sem ir devassar as regiões superiores da atmosphera, que a sua vista apenas lograva alcançar.

Obedecendo porém ás leis geraes do mundo physico, mal pôde o homem por si elevar-se a algumas pollegadas, e por poucos instantes, acima da superficie da terra, para cujo centro, como os demais corpos da natureza, pende irresistivelmente; e por isso elle não pôde exemptar-se d'um sentimento profundo de inveja e despeito, que a sciencia revella em suas classificações, chamando *despresivel* á rainha das aves, quando a aguia, desprendendo seu vôo altaneiro, paira sublime acima das mais elevadas montanhas.

É assim, que os mais energicos sentimentos, que podem aguilhoar o espirito humano, concorrem á porfia para dar á invenção de Montgolfier um extraordinario interesse, que o enthusiasmo e admiração universaes têm manifestado em todas as occasiões. O assombro, que causaram as primeiras ascensões aerostaticas, e os applausos, com que foram acolhidos os intrepidos navegadores, que primeiro ousaram confiar-se no fugitivo elemento dos ares, mostram com effeito a importancia de tão brilhante descobrimento, e as consequencias, ainda

Nas classificações ornithologicas acham-se as aves divididas em diferentes familias, tribus, secções, etc. O genero *aguia* está comprehendido na secção das aves de presa *despresiveis*. Ha tambem uma secção das aves de presa *nobres*.

mal calculadas mas instinctivamente previstas, que forçosamente havia de produzir em todos os ramos, em que pôde exercer-se a humana actividade.

Com a invenção da polvora modificou-se apenas a arte da guerra; — a applicação do vapor á navegação e a telegraphia electrica offereceram novas condições de progresso; — a illuminação a gaz trouxe mais uma commodidade; — a descoberta d'um novo planeta pôde enfim concorrer para o aperfeiçoamento da astronomia: mas, resolvido uma vez o problema da aerostação, a sociedade tem de transformar-se, e mal se pôde antever actualmente, a que ponto chegariam as consequencias da conquista dos ares, o mais indocil dos elementos da natureza. Infelizmente, no estado actual dos nossos conhecimentos, o problema não offerece uma proxima solução, relativamente á direcção dos aerostatos, ponto capital e condição indispensavel para as applicações practicas e verdadeiramente proveitosas.

Mas nem por isso devemos condemnar desde já todas as tentativas, que se fizerem n'este sentido, quando não sejam reguladas segundo principios, manifestamente contrarios ás demonstrações da mechanic. Se pelos meios, de que actualmente a sciencia dispõe, a navegação atmosphérica é incerta e perigosa, não tardará talvez, que o progresso das sciencias physicas traga consigo a solução do problema. A descoberta d'um novo agente motôr, que possa empregar-se sem os pesados apparatus das machinas actuaes, tornará a navegação aerea, se não mais facil, talvez menos perigosa do que a navegação maritima. D'esta descoberta depende unicamente a possibilidade dos sonhos romanticos de E. Souvestre, que podem realisar-se ainda antes do anno 3000. Seja como for, os ensaios já effectuados na mira de obter estes resultados, o emprego dos aerostatos na arte da guerra e nas investigações scientificas, a magnificencia e brilhantismo do simples facto de uma ascensão, dão á historia da navegação aerea tão subido interesse, que o nome dos seus primeiros inventores será sempre illustre e celebrado a par dos homens, que por intelligencia e coração têm merecido um lugar eminente nos fastos da humanidade.

Mas a quem hade conferir a historia o titulo glorioso de primeiro inventor?

Quando em qualquer epocha o talento se revella por uma aspiração grandiosa, que a intrepidez e constancia vem realisar depois, nem sempre a geração contemporanea, eivada por mesquinhos sentimentos, faz justiça inteira

ao genio, que engrandeceu a sciencia com um novo descobrimento, ou dotou a humanidade com novos meios de desinvolvimento e civilisação. Mas, quando depois as concepções do espirito se materialisam no facto, e a experiencia vem confirmar o, que pouco antes era apenas um sonho dourado,—então morrem as contestações, o applauso geral faz emmudecer os detractores, e as nações e as cidades reclamam para si a gloria de ter alimentado dentro em seus muros o genio illustre que honra a humanidade.

Foi Socrates accusado de atheu e corruptor, Christovão Colombo alcunhado de aventureiro e visionario, Galileu fulminado e abatido pelos raios do Vaticano, e Christo escarnecido e crucificado;—mas Socrates é o principe dos philosophos, Christovão Colombo descobre um mundo novo, Galileu faz girar o globo em seus eixos, e Christo regenera a humanidade.

Exemplos d'estes revella cada pagina da historia— a historia das sciencias principalmente.

A invenção da polvora, da imprensa, da etherisação, das machinas a vapor tem dado margem a largas contestações; e ainda hoje se discute sobre saber, a que nação e a que cidade cabe a gloria da prioridade destas descobertas. É assim tambem, que a invenção dos ballões aerostaticos, cujo emprego assenta em principios, que a sciencia demonstra rigorosamente, tem sido objecto de encontradas opiniões na historia das sciencias phisicas, opiniões mais ou menos favorecidas pelo espirito de nacionalidade.

II.

Aos irmãos Montgolfiers, fabricantes de Annonay, se attribue geralmente a invenção dos aerostatos. Não falta porém quem diga que a descoberta é anterior, e que já muitos tinham concebido a idéa de subir aos ares, construindo para isso diferentes apparatus, de que se obtiveram resultados mais ou menos vantajosos. N'esta contenda d'emulação nacional entrámos tambem nós, os portuguezes, offerecendo o nosso Padre Gusmão, por autonomia o voador, como inventor das machinas aerostaticas.

Dando porém a cada um o, que é seu, e pondo de parte o espirito de nacionalidade, que nos induzira a seguir esta opinião, julgamos que os factos não a favorecem, e tudo nos leva a crêr, que é franceza a descoberta, e não d'outro paiz.

É certo, que um Padre portuguez, por nome Bartholomeu Lourenço de Gusmão, irmão do ministro d'estado Alexandre de Gusmão, teve a lembrança de viajar pelos ares, o que pôz em practica, ao que parece, no anno de 1709, como se deprehende da data do privilegio, que ElRei D. João V. lhe concedeu, junctamente com uma conezia, e o titulo de lente de prima da faculdade de mathematica. Mas se attendermos a que não é possível fazer idéa da machina empregada pelo padre Gusmão, na sua viagem aerea, pelas descripções, que d'ella se acham em alguns manuscritos, e ao mesmo tempo ao mau exito da expedição, pouca importancia poderemos dar a este successo em relação á descoberta dos ballões aerostaticos. Que o nosso Gusmão foi mal succedido na sua tentativa se deprehende claramente, já porque apenas pôde passar voando d'um para o outro lado do Terreiro do Paço, e descendo do alto d'um torreão, circumstancia muito para attender, já tambem porque a experiencia não deixaria de ser repetida, se da primeira vez obtivesse feliz successo.—e tanto mais por ser o padre Bartholomeu Lourenço, como consta, dotado de vivo engenho e ardentes qualidades.

Parece pois, que ao physico portuguez apenas cabe a gloria de conceber a idéa arrojada de viajar pelo ar, e tental-o pôr em obra o, que porventura não conseguiu completamente. Que esta idéa porém occorresse primeiro ao padre Gusmão do que a outro qualquer, é o que não parece exacto.

Pondo de parte o, que a fabula conta a respeito de Icaro, que tentou fugir do labyrintho de Creta, voando com azas de cera, *pennis non homini datis*, na phrase do lyrico romano, é sabido que nos principios do seculo passado a possibilidade de fazer voar na atmosphaera diferentes machinas, capazes de transportar gente, foi discutida pelos mechanicos d'esse tempo, que se occuparam muito d'este objecto, já theoreticamente, já executando com essa mira diversas tentativas.

E com effeito ainda antes de 1700, e por consequente anteriormente ao ensaio do padre Gusmão, o padre Lana, jesuita de Brescia, concebeu o projecto d'uma navegação atmospherica, cuja possibilidade, em 1755, outro religioso, o padre Galiano d'Avinhão, pertendeu demonstrar, ainda que fundando-se para isso em principios, que a sciencia não admitte, e que sómente existiam nos delirios da sua imaginação.

Em 1678 um mechanico francez, Le Bes-

nier, fez tambem em Paris algumas experiencias d'uma machina de voar, composta de quatro azas, e de que obteve algum successo.

Em fim um certo Bernon fez em Francfort uma experiencia semelhante, de que todavia tirou maus resultados.

Antes pois do padre Gusmão, outros tinham concebido a mesma idêa, e tentado pô-la em practica; o que por outra parte não é para admirar, se considerarmos que a maneira, por que as aves se elevam e sustentam na atmosphera em todos os tempos, deverá ter excitado a curiosidade e admiração, e inspirado ao homem o desejo de as imitar.

Se ao nosso Gusmão porém não cabe a gloria de inventor ou de executor, nem por isso a sua tentativa deixou de grangear-lhe alguma reputação; pois, além da recompensa e honras que lhe concedeu D. João V., o seu nome ficou sendo conhecido ainda fóra de Portugal, como se vê no seguinte trecho d'uma obra de Julião Turgan, citada por Luiz Figuier na sua exposição e historia das descobertas scientificas modernas, quando tracta dos aerostatos: — «N'uma experiencia publica feita em Lisboa, diz Turgan, em presença do rei D. João V., um certo Gusmão, physico portuguez, elevou-se n'um cesto de vimes coberto de papel com um braseiro aceso debaixo. Quando esta machina chegou á altura dos telhados, batendo na cornija do palacio real, quebrou-se e cahiu. A quéda porém foi muito devagar, e Gusmão ficou são e salvo.»

O auctor acrescenta depois que o padre Bartholomeu Lourenço foi preso, como feiticeiro, ás ordens do sancto officio, valendo-lhe a intercessão do rei, que salvou o infeliz aeronauta das fogueiras da inquisição.

Cumpra além d'isso não esquecer que a tentativa do padre Gusmão, bem como todas as que a precederam e seguiram até Montgolfier em 1783, mui pequena ou nenhuma influencia tiveram sobre a invenção dos aerostatos, deduzida de principios inteiramente diversos das bases scientificas, em que assentam aquellas experiencias.

Funda-se a theoria dos ballões no famoso principio d'Archimedes: *que um corpo, mergulhado n'um fluido, perde uma parte do seu pezo, equal ao pezo do fluido, que desloca.*

Este principio, que em physica se demonstra, já directamente, já por meio de verificações experimentaes, foi descoberto pelo geometra syracusano, quando, estando no banho, observou que o seu corpo fluctuava e vinha á tona d'agua; e conta-se que tão grande fóra

o seu contentamento n'esta occasião, que, pondo de parte a gravidade e compostura que a tal homem competia, elle correria, meio nu, pelas ruas de Syracusa, exclamando entusiasmado: *inveni, inveni.*

Decorre d'este principio que um corpo mergulhado na atmosphera deve elevar-se, cair para a terra, ou ficar em equilibrio, conforme o seu pezo fôr menor, maior, ou equal ao pezo do ar, por elle deslocado.

Diversa porém é a theoria de todos osapparelhos empregados pelos aeronautas até Montgolfier, theoria que tem por fundamento o principio de mechanica, que achamos formulado pelo Sr. Antonio Sanches Goulão da seguinte maneira—todo o fluido oppõe ao movimento dos corpos uma resistencia dependente da sua densidade, e que deve tambem variar segundo a velocidade do movel e a extensão da superficie, exposta directamente á acção do fluido. Mostra a experiencia, que a existencia d'um fluido é proporcional á sua densidade, ao quadrado da velocidade do corpo que se move, e á extensão da superficie, que este offerece directamente á impulsão do fluido.

Com effeito, qualquer que seja a sua natureza, todos os corpos caem no vazio com a mesma velocidade; e se não acontece o mesmo no meio da atmosphera, em que vivemos, é isto devido á presença do ar, que oppõe á queda dos corpos uma resistencia, variavel segundo as leis, que acabamos de apresentar.

Vê-se pois, que a tentativa do padre Gusmão, assim como todas as experiencias do mesmo genero anteriores a Montgolfier, ministraram, quando muito, a idêa para a construcção do aparelho conhecido geralmente hoje pelo nome de pára-queadas, e de nenhum modo concorreram para a descoberta das machinas aerostaticas, descoberta, que, em nossa opinião, não póde attribuir-se, com justiça, senão aos irmãos Estevão e José Montgolfier.

¹ Principios Geraes de Mechanica, impressos na typografia da Universidade — anno 1852.

² Consta-nos, que o nosso abalisado litterato o Sr. Francisco Freire de Carvalho publicou nas Memorias da Academia das Sciencias um escripto, que tem por fim reivindicar para a nação portugueza a invenção das machinas aerostaticas. Não podemos haver á mão esta memoria, e por isso seria arrojado temerario, impossivel até, dar aqui a sua refutação, mas em presença das considerações, que apresentamos, não será permittido accreditar, que, zeloso pelo engrandecimento das coisas patrias, o illustre academico se deixasse illudir por este, aliás tão generoso, quanto desculpavel sentimento?

Amamos tambem esta nossa patria de Portugal, e quizeramos para ella os mais viçosos ramos de gloria; mas por sobre tudo está o amor da verdade, de que nos não fará desviar um falso pundonor nacional; além de que, como escreve o Sr. A. Herculano, — se não tivermos o generoso animo de dizermos a nós próprios a verdade, os estranhos nol-a virão dizer com mais cruel franqueza.

Assim dêmos embora aos francezes a gloria da invenção dos aerostatos, que lhes pertence; que a terra que viu nascer o infante D. Henrique, Pedro Nunes, e José Anastacio da Cunha, não pôde receber honras maiores; e quem tantas façanhas commetteu por mares, nunca d'antes navegados, não precisa, para engrandecer-se, de roubar estranhas glorias.

(Continúa) A. A. Giraldes.

BIBLIOGRAPHIA.

Um livro, de subido interesse acaba de sahir dos prelos da Imprensa da Universidade. São as Taboas auxiliares para o calculo das ephemerides astronomicas, publicadas pelo Sr. Jacome Luiz Sarmiento, lente substituto ordinario da faculdade de Mathematica.

Para aquelles, que sabem o, que são umas taboas, trabalho sempre impertinente mas utilissimo, basta o annuncio do livro para se verem as difficuldades, com que o Sr. Jacome teve de luctar, e o serviço, que com essa publicação prestou. Mas estas taboas, além das vantagens, communs a toda esta especie de trabalhos, têm outras muito especiaes, e que as tornam por isso muito mais recommendaveis.

Contêm aquelle trabalho do Sr. Jacome 5 taboas differentes; as 4 ultimas, ainda que de menor importancia, introduzem todavia consideraveis simplificações no calculo das ephemerides; a 1.^a serve para achar as distancias lunares. São muitas e consideraveis as vantagens d'esta taboa.

Em primeiro logar o calculador encontra já formadas as partes proporcionaes, o que lhe poupa um grande trabalho, sem que por isto seja menor a approximação; porque o A. demonstra rigorosamente, que o erro, que se possa commetter, tomando as differenças medias pelas verdadeiras, é pequenissimo, e sem influencia no final do calculo, que se tem em vista.

Além disto as quantidades, que entram na formula, dependentes da somma ou differen-

ça das latitudes do astro e da lua, acham-se sempre na taboa muito proximas uma da outra, e tornam pela sua pequenez muito facil a multiplicação indicada na formula. O mesmo acontece com as quantidades, onde entra a differença das longitudes e a distancia procurada, pois que se acham quasi sempre na mesma pagina.

Ainda mais: a equação, que o Sr. Jacome reduziu a taboa, não contém senão quadradados, e por isso temos sempre a fazer as mesmas operações independentemente dos signaes, sendo só necessario attender aos das latitudes para a formação da sua somma ou differença, que entra na formula.

Já se vê pois a grande utilidade, que resulta ao astronomico do uso destas taboas. Em calculos tão laboriosos, como os das ephemerides, toda a simplificação é sempre um grande serviço, que faz. O Sr. Jacome torna-se digno dos maiores elogios por comprehender e concluir um trabalho desta ordem, onde, a par da difficuldade da redução da formula a numeros, teve talvez outra não menor — o lembrar-lhe deduzil-a de maneira, que produzisse todas estas vantagens.

MÉDITATION.

Fais silence, ó mon âme, écoute de la mer
Ce bruit profond et sourd, que rend le flot amer,
Vois la vague sans but, qui s'élève et qui tombe!
Cet horizon sans fin, qui s'efface dans l'onde!
Cette image de Dieu par son immensité!
Ce chaos incompris comme l'éternité!
Eh! que suis-je, Seigneur, devant ces grandes choses?
Un être qui se meurt, sans espoir et sans causes,
Qui naît pour admirer, s'étonner et souffrir!
Un étranger qui passe, et s'assie pour mourir!
Et vous, Dieu tout puissant, de ce triste passage
Vous n'avez nul souci... ah! si l'homme était sage,
Il saurait apaiser l'orage de son cœur,
Comprimer ses élans, écraser sa douleur!
Briser tous ses liens, et deriver ses chaînes,
Il trouverait la paix, sans veilles et sans peines!
Mais il marche au hasard, trébuche à chaque pas,
Court après le bonheur et ne le trouve pas,
Il interroge tout! se heurte à chaque chose...
L'insecte vit joyeux! et meurt dans une rose!...

5 Setembro 1853, Porto.

O CASTELLO DE POMBAL.

Eis o fim de quanto existe,
Sobre um seculo outro corre,
E o mortal sempre illudido
Assim nasce e vive e morre.

No topo de erguido monte,
Guardando a amena Pombal,
Serena a rugosa frente
C'os olhos presos no val,
Senhor de veigas e prados,
De collinas e montados
Que se perdem tanto além...
Mas sem o pendão d'outr'ora,
Quem pôde temer-te agora?
Quem dar-te preito?.. ninguém.

N'outras eras, que passaram,
Dominaste como rei,
Dos heroes, que te habitaram,
Diz-me os nomes, que os não sei;
Não sei, não, que nestas fendas
Vejo pedras sem legendas,
Vejo ruínas fataes,
E essa torre desabando,
E este vento sibilando,
Ruínas diz... nada mais!

Ruínas só! que mais pôde

Ler o poeta?— não sei:..

Eis o vento, que saccode

Pó dos sonhos, que eu sonhei!

Attenta bem, viandante:

Neste castello gigante

Não vejas ruínas só,

Vê, que os sonhos, que sonhaste,

Grandezas que immaginaste,

Sonhos são, ruínas... pó!!

Eis d'esses muros fendidos

A luctuosa inscripção

Cantado em hymnos descritos

Miseria e pó que mais, não!..

Castello: se neste mundo,

N'um scepticismo profundo

As crenças queres fundir,

Se d'alma singella e pura

Queres murchar a candura,

Mal haja o teu existir!

Esta poesia foi inspirada pela gratidão, e devida ao benevelo acolhimento, que fizeram os habitantes de Pombal aos Academicos, por occasião dos infaustos acontecimentos do carnaval.

Morre, soldado, não queiras
O teu brazão deslustrar,
Cobre de pedra as caveiras,
Que te mandaram guardar.
Mas... não, vive, que na terra
Do tempo sorrindo á guerra,
Tens uma nobre missão,
— Mandar ao mundo presente
Que respeite reverente
As eras, que já lá vão;

Pedir ás gentes descritas
Não pizem no seu lidar
As ossadas carcomidas,
Que se não podem vingar;
Pedir aos olhos um pranto,
Pedir ao poeta um canto
De triste recordação;
E n'um supplicar plangente,
Pedir lembranças á mente
Saudades ao coração!..

Mas quando morto, prostrado,
Findar teu longo estertor,
Quem, vigia do passado,
Bradará — respeito e dor?! —
E o tempo trabalha... ancia;
Cada anno tira uma areia
Da campa que abre a teus pés;
Cada seculo que passa
Não rouba á tua couraça
Uma seteira? talvez!

Tens de morrer!.. mas distante
Longe ao longe vem teu fim,
Que o sepulcro d'um gigante
Não se abre tão breve assim;
Podes pois sorrir do mundo
Que te julgar moribundo,
E dizer-lhe sorrindo — «vê...
Nessas pedras, que desceram,
Conta os seculos, que volveram,
E eu... resisto de pé—».

Resistes; — perdeu a historia
A lenda do teu pendão?
Terá d'olvidar-se a gloria
De que és vetusto padrão?
Embora, tambem o mundo
Morrerá; — somno profundo
Dormirão todos os seus,
Tu... podes morrer vingado;
Diz-lhe em teu extremo brado
Que a gloria vive nos Ceos.

Castello, que ouviste os cantos
Da lyra do trovador,
Que viste correr-lhe os prantos,
Minora mata-lhe a dor,
Eleva a rugosa fronte,
Vê... procura no horisonte,
Ao norte, mais... inda mais,
Alli... vê... á minha terra —
Leva a dor, que est' alma encerra
Traz-me a benção de meus pais!

Inda um pedido, e que seja
O derradeiro, como é;
Attenta n'aquella Igreja
Que alli defronte se vê;
Lá, quando o bronze sagrado
Tanger triste e compassado
Sentinella de Pombal,
Acorda ao funebre dobre,
Que alli jaz um grande, um nobre,
Que deu nome a Portugal.

E repete ao viandante
N'essa mystica inscripção,
Que, se a gloria vive constante,
Tambem vive a gratidão —
— Gratidão a quem amigo
Conforto nos deu e abrigo —
São nossos brados leaes,
Que as vaidades deste mundo
São egoismo profundo,
Ruinas, pó!... nada mais.

T. A. Ribeiro.

Pombal: 4 de Março de 1854.

AO MEU AMIGO J. J. DE S. TORRES E ALMEIDA.

Oui, la gloire t'attend, mais arrête et contemple
A quel prix on pénètre en ces parvis sacrés;
Vois l'infortuné, assise à la porte du temple
En garde les degrés.

LA MARTINE.

Amigo, se leres um dia meus versos,
Não culpes a magoa, que triste os dictou;
São echos bem frouxos nascidos do peito,
Aonde a ventura jamais fulgurou.

Se podes escuta meus cantos sentidos,
Mysterios da vida te quero ensinar;
Que as rosas, que brilham d'encanto cercadas
A aspide occultam capaz de matar.

Um sol radioso mostrou-te infinito
Extenso horisonte de gloria e d'amor,
Do ceu esse genio colheste em torrentes
Que o peito te inundam da vida na flor.

Mas ai! não procures, amando este mundo,
Em troca d'afagos senão maldições!
Ovidio te lembre morrendo no exilio,
O Tasso recorda, recorda o Camões!

Qu'importam d'um anjo promessas mentidas
Mil crenças formosas, mil sonhos d'amor?
Nas aras da patria, qu'importa o incenso
Em votos queimado d'intenso fervor?

Se crêres d'um anjo promessas mentidas,
Surrizos, encantos, ventura e prazer,
Na taça da vida, que o mel te offertara,
Só prantos amargos virás a sorver.

Se á patria querida contente votares
D'envolta co'a vida presente e porvir,
A patria querida, que tanto adoraras,
Alfrontas no rosto te ha de cuspir.

Não creias portanto, não creias no brilho,
Que a vida nos cerca d'ephemera luz;
Expande teus vãos, porém não te illuda
O facho enganoso, que a tantos seduz.

Coimbra: Março de 1854.

Gaspar de Queiróz B. d'A. e Vasconcellos.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

IV.

**A Rosa do Tejo. Vista dos Pyreneus.
Chegada ao Havre de Grace. O meu
Jornal.**

Quatro annos tinham volvido, depois que o
brigue francez Rosa do Tejo se fizera de vela
para França; desd'então nunca mais tinha
sabido do joven açoriano, e essa incerteza af-
fligia-me em extremo.

Algumas vezes, assaltado d'um triste pres-
sentimento, receava, para aquella organização
ainda debil e nascente, os terriveis effeitos dos
climas do norte. Não tardou porém, que meus
receios se convertessem na agradável certeza
de que elle vivia contente e feliz n'uma aldeã
de França distante de Paris uma legoa.

Fiel á promessa que nos havia feito, o jo-
ven podera lançar sobre o papel a historia
das suas impressões de viagem.

Eram folhas dispersas e truncadas, traços
fugitivos, colhidos aqui e alli no seu rapido
transito pelo mundo — viver de mancebo, que
em dourados sonhos passa o tempo descuidoso
e alegre, n'essa ditosa quadra, em que o ho-
risonte da vida costuma vestir-se de risonhas
côres; — viver todo poetico e romantico,
como costuma ser em taes idades.

Arrebatada por um impulso superior sua alma se debate no desejo ardente de resolver os problemas, que agitam a humanidade, e com os olhos fitos em Deus adora o Ente supremo no maravilhoso complexo das obras da criação. Seu coração palpita d'entusiasmo, e exulta de prazer, quando vê diante de si um vasto panorama, uma planície toda cuberta de verdura, aquecida pelos últimos raios do sol.

«Alli, me dizia elle, no meio dos bosques e dos campos minha alma se dilata, e se extasia! E penso em Deus e no futuro! oh! o futuro! accrescentava depois com gesto inspirado, a quem pertence senão a Deus? E é por isso que eu creio e espero. Sim, vi-o passar diante de mim com todo o seu cortejo d'alegrias e de dores, de triumphos e revézes, de dias bons e de dias maus, e não desfaleci, porque sei, que aquelle, que alimenta as hervinhas dos campos vela sobre mim e sobre todos.»

No meio do deserto sombrio e arido das crenças d'este seculo é doce ver abrigada em peito joven a flor modesta, que outr'ora era o mais bello attributo dos filhos do christianismo.

O MEU JORNAL.

Fontenay-aux-Rose. Setembro de 1839.

De noite, o mar rugia em roda do navio, como um leão antes d'engulir a sua preza. O vento era da proa. Muitas vezes batia com a cabeça nas taboas do bélixe. O capitão francez era um homem alto e robusto; com o portavoz na mão parecia desafiar o furor das vagas. A primeira noite foi angustiada. Os perigos do presente, as incertezas do futuro occupavam já um lugar nas minhas meditações, e a dôr de me ver separado de tudo, quanto tinha de mais caro no mundo, pezava sobre mim com todo o imperio das mais vivas saudades.

De manhã, quando a tempestade serenava, subia os degraus da escada da camara, e ia sentar-me no convés do navio. Quantas vezes a escuma me burrifou as faces!

Pobre creança que eu era! Mas já acostuada áquelles folguedos do mar. Lembra-me, que na minha ingenua fé olhava de vez em quando para o horisonte, como se nas suas extremidades divisasse as montanhas do archipelago.

As nuvens negras, que a tempestade varria diante de si, ás lufadas do vento, que agitava a superficie dos mares, ás estrellas, que brilha-

vam a espaços no firmamento e rapidas se sumiam nas trevas, a todos esses mysterios emfim do dia e da noite, andava sempre associada no meu espirito a idéa risonha da patria. E com os olhos devorava aquella perspectiva encantadora, que o destino erguia diante de mim para depois me lançar um triste e cruel desengano.

«Não! aquillo não eram senão sombras, que a mão de Deus lança no espaço para cubrirem com seu véu diaphano os oceanos da sua gloria e da sua grandeza.»

O homem, que nasce no meio das terras, rodeado sómente d'alguns pedaços d'agoa estagnada, estremece quando em logar d'aquella poesia suave e campestre vê deante de si uma poesia grandiosa, impenetravel, poderosa, horrivel! Mas eu habituei o meu ouvido, desde o berço, a escutar essa grande voz do oceano, essa voz sublime e profunda, que faz tremer os continentes.

O vento sibilava porém com força por entre as enxarcias do navio, as velas batiam desencontradas umas sobre as outras, e a Rosa do Tejo, cercada d'um vasto lençol de escuma, parecia aguardar o momento, em que teria d'enterrar a quilha, e desaparecer no turbilhão das vagas.

De joelhos balbuciava as orações, que minha mãe me tinha ensinado, e já interiormente me despedia da minha mocidade, dos meus sonhos doirados, da vida, da esperança! Algumas vezes imaginava estar no fundo do mar, e obrigado a dormir eternamente n'um leito d'arêa.

A Rosa do Tejo continuava porém resistindo aos repelões da vaga. Ora açoutada das ondas saltava até ás nuvens, ora rasgada a immensidade das agoas se via submergir no abysmo. Escondeu-se o sol sem nos ficar mais luz, que a dos relampagos e raios. Não havia esperança de remedio humano. Todos com lagrimas clamavam ao ceu, pedindo misericordia.

Duas vezes, desesperando de salvar o navio, o capitão francez bradara com voz de trovão — *ferrai as velas*; mas nem o vento nem o mar deixavam, que o navio obedecesse.

Felizmente com o despontar do dia a tempestade foi serenando pouco e pouco, e não permittiu Deus, que acabassemos alli a vida.

Outros perigos porém nos esperavam dias depois; foi quando nos achámos em frente d'um navio, que nos pareceu ser, e que era effectivamente, d'um pirata americano.

Uma tarde vieram dizer ao capitão, que a duas milhas de distancia um bello navio de

tres mastros fendia as ondas com a prôa voltada para nós. Esta noticia causou grande alvoroço, e passageiros e marinheiros, com os olhos fitos no capitão, que examinava com o oculo os signaes do navio, aguardavam ansiosos o desfecho d'este drama.

O capitão francez não dava mostras a principio de quem se arreceava da visita; mas quando o navio, approximando-se cada vez mais da Rosa do Tejo, pareceu querer tentar a abordagem, o capitão mandou collocar todos nos seus postos, e preparar para uma defeza, que promettia ser desesperada.

Duas pequenas peças e algumas pistolas compunham todas as nossas munições de guerra; e não era de crer, que, com tantas diminutas forças, podessemos resistir a um ataque d'abordagem. Valeram-nos porém, em tal conjunctura, o esforço e sangue frio do intrepido capitão; porque, depois d'uma breve explicação entre os dous capitães, o pirata julgando mais prudente a retirada, despediu-se como um relampago, deixando-nos com vento em pôpa, mais surprehendidos da ligeireza com que partia os mares, do que accommettidos pelo terror de cahirmos em seu poder.

A retirada do pirata foi saudada por um grito unanime de — viva a França!

Mais dois dias de vento contrario e estamos defronte dos Pyreneus. Aqui o vento acalmou, e pudémos admirar á vontade as bellezas agrestes, mas poeticas e magestosas, d'essas soberbas montanhas, que separam a Hespanha da França.

Algumas pobres cabanas dispersas aqui e alli; alguns pastores conduzindo rebanhos de cabras; grandes e sombrias massas de rochedos, que suspensas no alto das montanhas nos pareciam pedaços d'estatuas, ou os bustos mutilados dos guerreiros, que tingiram com seu sangue aquella boa terra de Hespanha, terra — mais que nenhuma — de heróes. Não é todavia uma paisagem amena, agitada pela aragem perfumada dos climas do meio dia, são ásperas e incultas serranias cobertas de neve, aonde apenas se avista o intrepido montanhez galgando as penedias d'arcabuz ao hombro, e com terrivel *cuchillo* ao lado.

O vento, soprando-nos favoravel, em breve perdemos de vista os Pyreneus. Entrámos no canal da Mancha.

O Havre de Grace apparecia-nos emfim como uma estrella brilhante depois da tempestade. Estavamos em terra de França.

(Continúa.)

Alexandre Meyrolles.

Extrahimos, com muita satisfação, do *Porto e Carta* o seguinte communicado, em que se recommenda á estima e gratidão do publico o procedimento philantropico e cavalleiroso do sr. Commendador Manoel Pinto da Fonseca, em favor d'um Academico nosso amigo; e de bom grado nos associamos a este testimonho de reconhecimento por um acto de beneficencia, que honra sobre maneira o individuo, que o practica.

Sabemos, que o sr. Manoel Pinto da Fonseca concedêra a um amigo nosso, que lhe fez conhecer a falta de recursos em Coimbra, onde deseja formar-se, uma mezada para este fim. Rasgos de tal natureza não devem passar desaperecebidos entre nós, tão pouco costumados a similiaes sentimentos de philantropia. O sr. Fonseca chama por este modo sobre si as vistas agradecidas de todos os amigos das letras; e o paiz todo não pôde deixar de render-lhe o tributo, que merece por tão louvavel procedimento, e pelo entusiasmo, com que recebeu as supplicas do nosso amigo; o que tudo nos faz agourar que não será este o unico acto de generosidade, que teremos de apreçoar, agradecendo-lh'o do coração.

Oxalá que o sr. Fonseca, com tão honroso exemplo, vá estimular todos os, que dispondo como elle de grandes fortunas, não se atrevem a distrahir d'ellas uma pequena parte em favor de tantos jovens, que nós todos conhecemos, dotados d'um talento raro, mas que, por insufficiencia de meios, não podem attingir o fim para que vieram ao mundo, desaparecendo d'elle sem que seus nomes sequer cheguem a ser conhecidos.

DO CREDITO, E DOS BANCOS.

Em especial o desinvolvimento do credito industrial pelo conceito de probidade e capacidade dos industriaes, e não menos do acerto das leis, e da exactidão na administração da justiça, é a condição indispensavel da maior e mais constante applicação dos valores economizados nos empregos productivos.

A. FORJAZ. *Estudos d'Economia Politica.*

Quando analyticamente discernindo os elementos progressivos das sociedades modernas, procuramos por uma investigação singular conhecer, quaes os primitivos e mais poderosos, somos obrigados, como em primeiro trabalho, a separar a parte material da moral civilizada.

A primeira vemos ser expressa no seu maior

desenvolvimento pela applicação do vapor, como motor, assim como ser o credito o ultimo termo, que na escala do progresso representa a segunda na sua phase mais brilhante.

Mas todo ideal, e dependente sempre de mais ou menos complicadas combinações intellectuaes, tem sido o credito, de resultados egualmente felizes para a prosperidade, menos applaudido, que o vapor, cuja existencia, só devida á boa direcção das leis phisicas e materiaes, penetra mais accessivel nas intelligencias vulgares.

Porém, se comparando-os, reconhecemos, poder ser o vapor pelo facto de seu nascimento extranho á civilisação, como conquista do acaso, que tantas vezes ludibria a intelligencia, inutilizando seus esforços pelas honras da invenção, mais forçados somos a respeitar o credito, como filho legitimo da civilisação, pertencendo-lhe em todos os seus periodos, vivendo sua propria vida.

Nascido da primeira condição social a — troca —, sua idéa devia suggerir-se com as primeiras necessidades, assim como a sua applicação effectuar-se, desde que ao simples contacto se substituiu uma mais intima communhão social.

Estabelecido com as primeiras sociedades dizemol-o por isso tão antigo como ellas. Concebendo-o desenvolvido como seu progresso, fazemos dependente a elevação e perfeição de sua idéa da illustração social.

Fundado na confiança reciproca, apoiado na moralidade, intelligencia e actividade dos povos, sua idéa é a propria civilisação, e até segundo o vimos mais ou menos admittido n'uma epocha, nos podemos servir d'elle, como indicio historico de maior ou menor desenvolvimento. É pouco assegurar ao homem, quando isolado, o limitado futuro, que o espera porque nem existiria, se fosse só. Impellido á convivencia pelas supremas necessidades da vida, que os instinctos da sociabilidade lhe fazem espontanea, por uma feliz combinação da providencia, as condições da sua existencia são ao mesmo tempo as da sua felicidade.

Conhecendo sua impotencia individual, convence-se não poder ser feliz, como principal, mas como membro do grande todo, a — humanidade, centralizada pela intelligencia no dominio uniforme da idéa, — a felicidade commum. Collocando por isso sua felicidade em razão directa das alianças, que o unem a maior numero de povos, é por isso que através dos seculos e das reformas o vemos ten-

der para esse alvo de todas as suas esperanças, e tornar-se mais perfeito quanto mais proximo a conseguil-o.

Se d'aqui podemos deduzir, que uma idéa é tanto mais civilisadora, quanto mais facilitar o grandioso projecto da associação, tambem ella serve a convencer-nos da excellencia do credito. Que é elle senão o resultado da associação? Quaes são seus effectos senão torna-a progressivamente mais desenvolvida e natural? Como combinar no individualismo a unidade com a variedade, sem a assistencia d'essa grande idéa, que nos ensina a satisfazer nos alheios nossos proprios interesses?

Só por elle se estabelece espontanea a união de esforços.

Só por elle se realisa, como por um modo natural, a repartição dos lucros.

Só por elle o mais humilde associado do mais pobre reino, se torna objecto da attenção dos homens de todas as raças, climas e paizes. Porque tambem só por elle ficam nossas necessidades satisfeitas, tendo como em primeiro empenho satisfazer as dos outros.

Com tudo, apesar de tão provadissimas vantagens, nem por isso se exceptou o credito da sorte das grandes descobertas, que antes de admittidas, são primeiro acrisoladas na critica publica, pela inveja da novidade, ou fundada em erros de applicação, quasi sempre injusta em suas primeiras decisões.

Estava destinada esta materia, forçoso é dizelo, mas vergonha é confessal-o, a ser depreciada pelos philosophos economistas de primeira intelligencia.

É verdade, que as falsas idéas de seus exaggerados defensores ameaçavam de ruina os mais poderosos reinos da Europa; e que por uma escala gradativa d'erros, se Melon, em França, assegurava que a divida pública nem augmentava nem diminuia a riqueza nacional; e Berceley, em Inglaterra, considerava a divida do estado como uma fonte de prosperidade, Pinto, na Hollanda, chegava a pretender, que os debitos accresciam a riqueza do estado do montante de seus capitães.

É verdade, que estes grosseiros prejuizos, dominando os homens de maior influencia, preparavam a quêda da Europa. Não negamos, que o credito, como a maior parte das instituições humanas, se funda sobre ruinas. Mas tambem é certo, que, sendo estes tão tristes successos da ignorancia desculpa natural aos espiritos communs de acanhadas idéas no futuro, e incapazes de avaliar um phenomeno pela sua natureza, o não eram

para intelligencias esclarecidas, destinadas por sua fecundidade a fazer epocha na sciencia.

Mas appresentem-se muito embora as theorias de Say em sonhos de um mais feliz estado social, ou as allucinadas censuras de Bonald e Sismondy em diatribes ao progresso; venham os frios calculos de Mac-Culloch, pretenciosos á rigidez mathematica e exactidão arithmetica, dizer-nos, que o credito é uma pura creação phantastica, mediocre, prejudicial ou inutil; todas essas idéas filhas de uma contradictoria ignorancia, ou de um egoismo profundo cahem desarmadas perante a realidade do credito. Pois felizmente existe elle hoje; ainda mais, existiu sempre e como um facto inevitavel na sociedade. Combatel-o é por tanto impossivel, porque é elle uma consequencia natural dos factos, e não uma creação accidental da theoria; dirigil-o com vantagem, eis a mais proveitosa conducta. Assim o homem, mau grado seu, caminha para o progresso; se por um movimento de ignorancia ou de orgulho se revolta ou desconhece o imperio imprescriptivel de uma ordem superior, que o domina, sua influencia nunca se perde, mais se revela. A contradicção de suas acções com seus pensamentos é o primeiro facto a demonstral-o, e o ridiculo, de que os cobre, o primeiro castigo ás theorias abstractas da natureza.

João B. Say depois de ter analysado com o seu prodigioso talento as vantagens do credito; depois de ter provado ser elle o mais facil distribuidor de capitaes, e o meio mais commodo a passal-os da mão do capitalista ocioso ou impossibilitado, para as do operario pobre e sem recursos, impedindo assim a industria de se paralyzar á falta de instrumentos, e estes de se esterilizarem á falta de trabalho; depois de ter levado á evidencia as necessidades do emprestimo, sua mutua vantagem, proporcionando ao credor o desempate de suas mercadorias sem consumo, e ao creditado a approximação de capitaes com independencia da usura; depois de nos ter dito, que o credito emancipa o operario, facilitando-lhe um brilhante futuro com o unico auxilio de sua intelligencia e seu trabalho, J. B. Say desconhece-se e contradiz-se com suas phantazias de imaginada prosperidade. O commercio e a industria, diz elle, serão mais favoravelmente desinvolvidos, quando sem dependencia de favores alheios, ajunctar o operario tal somma de riqueza, que o tornem superior ás necessidades do credito. Deste modo (continua), nem rejeitará a perdas im-

merecidas a fortuna alheia, poupar-se-ha a sacrificios, que augmentam o custo da producção, e não elevará pela concurrencia os juros ás proporções da usura. Foi este absurdo arrasado, á primeira vista capcioso, que no nosso conceito abateu uma brilhante intelligencia até ás humildes proporções de um charlatão vulgar. J. B. S. foi illudido pelas apparencias; só um analyzador superficial faria a injustiça de attribuir ao credito tão pequenas vantagens, e tão damnosos effeitos. É verdade, que á analyze deste escriptor escapou ainda uma de suas maiores vantagens, qual é a de reunir todas as pequenas economias, junctas pela classe pobre e laboriosa, incapazes, quando divididas, de uma empreza lucrativa, condemnadas á esterilidade por sua propria impotencia, e utilizadas pela sua concurrencia a um ponto dado.

Porém a sua, ainda que incompleta, analyse devia ser-lhe garantia já sufficiente a preserval-o de prejuizos, que ainda são do nosso tempo. É vulgarissima até a vaidosa satisfação, com que a maior parte dos nossos negociantes jactanciosos louvam o feliz estado de negociar cada um seus próprios fundos, mas em breve a natural direcção dos negocios vem demonstrar o abstracto de suas decantadas theorias, e o prejuizo de seus circumscriptos resultados. É uma falsidade asseverar, que o credito motiva o augmento do preço dos productos. Acontece exactamente o contrario, pois que o negocio com emprestimo produz tão avultados lucros, que não só, pagas as despezas da producção, egualam os do negocio sem credito, mas até o excedem com menor preço no mercado. Supponhamos, diz Coquelin, um negociante, que limitado á direcção de sua particular fortuna, obteve 100 de excedente com 10% de ganho, se pelo credito quadruplicar seus fundos, deduziria o mesmo proveito, vendendo suas mercadorias por um terço do preço anterior.

Quanto aos incommodos, que na opinião de Say tanto sobrecarregam a industria pelos emprestimos, são puras apparencias. Se o droguista empresta ao negociante seu trabalho e suas tintas, para nos servirmos de seu exemplo, estampando-lhe seus panos, o negociante em alternativa empresta ao droguista materia, em que se empregue sua actividade. Por tanto o effeito do credito n'este caso é a troca de serviços, e aonde os favores são reciprocos não ha sacrificios. O capitalista ficará, é verdade, privado por algum tempo de sua fortuna e de suas mercadorias, mas tambem estas lhe

não dariam maior proveito, antes grande perda quando empatadas em sua mão por falta de de concorrência. Ficando assim infinitamente compensado pela certeza de um empréstimo em occasião de necessidade, e pela possibilidade de augmentar sua industria pelo maior numero de seus consumidores.

Se attendermos porém ás theorias de Bonald, Sismondy e Mac-Culloch, reconhecemos não ser Say o mais injusto dos depreciadores do credito. Se este lhe attribue poucas vantagens, aquelles negam absolutamente uma hypothese, em que ellas se dêem. Na opinião de Mac-Culloch uma letra de cambio, quando emittida, garante a seu possuidor o alcance de um valor igual ao representado, e como se torna um puro instrumento de troca entre dous productos já existentes, que por isso não creou, a letra de cambio é inutil. Este paralogismo tantas vezes repetido, discutido, e combatido depois, que se funda na ideia — o credito — não é uma instituição de producção, mas de circulação —, consiste na má applicação de um principio, que ha toda a utilidade em reconhecer. Não somos levados por um falso enthusiasmo a desejar á sociedade os terribes males, motivados pelos exaggerados defensores do credito, que em reacção o negaram. Queremos ao contrario affirmar-o. D'elle se derivam todas as vantagens, que formam seu verdadeiro elogio. O credito não cria directamente capitaes, só ao trabalho com economia compete este nobre privilegio. Seu unico effeito é deslocar-os. Mas para colher a argumentação de Culloch seria necessario nos provasse, que essa deslocação é inutil. É inutil, diz elle, porque os valores trocados tanto podiam ser fertilizados pelo cedente, como pelo cessionario. Mac-Culloch quando assim pensou, foi um máo observador. A maior parte das trocas realizam-se em objectos, que não podem ser proveitosos aos cedentes; já porque os não alienavam, se os podessem sujeitar a uma administração lucrativa, já porque, como elle em outro lugar muito bem expôz, aquillo, que serve de instrumento a uns, não pôde ser por outros fructificado. E um simples exemplo practico nol-o fará comprehender melhor, que a extensa exposição de uma longa theoria.

Existe um arado em venda precizo a um agricultor, que tem, por sua falta, seus campos incultos. Sobram-lhe desejos de o comprar, mas só pôde offerecer como garantia de seu pagamento os lucros de seu futuro trabalho.

É-lhe este indispensavel instrumento concedido, e em breve o, que até ahí eram incultas

campinas, se converte em pingues searas. Com o producto de sua venda extrahiu o capitalista suas mercadorias, aliás empatadas, e o agricultor na miseria resgatou seu futuro. Poderão agora sustentar-se as theorias de Culloch, ou negarem-se as vantagens do credito?

Esta questão, a que deu causa uma das idéas mais civilisadoras da sciencia, controvertida pelas suas maiores intelligencias n'uma epocha tão propria já pelas luzes derramadas a avaliar e adoptar com enthusiasmo todas as verdadeiras doutrinas, é bastante a fazer-nos suppôr as contestações, que soffreu em tempos mais remotos e menos illustrados. E como a historia do credito é não só interessante pelas preciosas experiencias, de que nos enriquece, e pelas revoluções por elle occasionadas no viver das sociedades, como por nos mostrar as necessidades humanas gradativamente engrandecidas, conhecendo mais claramente por ellas o fim do credito, que as veiu satisfazer, resumiremos como em principio de materia as relações sociaes, que lhe foram anteriores, assim como seus estabelecimentos mais notaveis.

II.

Os limitados conhecimentos geographicos, circumscrevendo o mundo á parte dos continentes europeu, asiatico e africano; as acanhadas proporções da navegação em principio, animando só o triste commercio de cabotagem de curto transitio; o systema guerreiro dos primeiros povos; o exercicio da pirataria, tirando toda a segurança ás excursões longinquas por paizes desconhecidos; as pequenas necessidades do infeliz viver d'aquellas edades, e a facilidade da sua satisfação nos productos elementares da natureza; quando outras provas nos faltassem, são indicios sufficientes a accusar-nos a profunda miseria, em que se passa a existencia das primeiras associações. Por longo espaço de tempo se protrahiria este penozo estado de cousas, se um povo destinado pela Providencia a uma grande missão na terra; assignalada na posição geographica de seu paiz, limitrophe ao mesmo tempo de dois continentes differentes por seu clima, costumes e moralidade; na indicação de suas praias apontando para os mais ricos e precisados climas europeus, se não fizesse cargo de transmitir á europa a civilisação, de que o velho mundo estava proximo a abdicar. Esse povo era o phenicio.

Estabelecido nas costas orientaes do mediterraneo, protegido pela sombra de florestas ainda primitivas em sua criação, embalado desde o berço pelo constante rugir das vagas,

e pela furia dos ventos a inclinar irados os troncos gigantes dos cedros, que seculos tinham permitido occultassem o Lybano na perpetua noute de sua sombra, e que no embate da tormenta pareciam aspirar já aos perigos da navegação; pela aproximação das florestas para construção de seus navios; do mar para ensaio de suas empresas arriscadas; do oriente e occidente, que com as amostras de seus preciosos fructos os provocavam ao commercio, pela promessa precedente dos mais proficuos resultados, os mesmos accidentes physicos pareciam educar este povo, para um dia se entregar ao acaso *na fé do desconhecido*.

Se grande era a missão, que lhe cumpria, maior é o elogio; asseverando, não a illudiu. Em quanto seus vazos conduzidos ao principio á força de braços pelos remos, e depois por um progresso natural entregando suas velas ao vento, rasgam as agoas do Mediterraneo, e atam, como n'um laço de aliança, na prateada esteira de suas quilhes seus portos mais accessiveis, o commercio Phenicio associa já pelo sul suas empresas com as tribus errantes do dezerto, que até ali nada respeitavam, além da voz de seu emir commandando á carnagem e ao latrocínio.

Já não são os Europeus entregues a uma perigosa confiança, que se entranham pela Arabia em procura do seu commercio, mas Idumeos submissos aos dictames da civilização, que vem por Hadramuth e Sedochar depor no emporio de Tyro as mais ricas produções de Cachemira e Cadoart.

Em quanto o Nylo espontaneo offerece suas agoas para receber e transportar no Egypto o azeite e os perfumados cachos da Palestina, os Phenicios comprehendendo faltar á sua missão se sua industria, além de seu commercio, não desse a seus transportes, um valor propriamente seu, começam a talhar o marfim do deserto, a tecer a lã syrica, e a transformar-a com as tinturas da purpura, o mais precioso inyento de suas fabricas. Se por um lado as vastas relações extendidas até á industriosa Kabout, que demarcam seu commercio do sul, ou indico-arabe, solidamente os constituem felizes rivaes de Babylonia, por outro lado a Numidia, o Caucaso e as metropoles do mediterraneo facilitam e asseguram seu commercio até ás columnas de fabulosa inscripção, que o reflexo do oceano fazia respeitado e que elles foram os primeiros a desmentir. Por um progresso natural os conductores das cravanas de commissarios se fazem commercirntes, é assim que a opulenta Tyro orgulho-

sa do feliz successo de seus trabalhos, da vantagem de sua posição, e da segurança de seu porto, tão pacificamente accessivel ás embarcações de tracto ordinario, como propria a cepelir qualquer aggressão inimiga, vê amontoarem-se em suas praças os mais bellos e ricos productos da terra.

Porém a civilização motiva a civilização, e as necessidades mais amplamente satisfeitas criam mais amplas necessidades.

Se os primeiros trabalhos do homem deviam ser dedicados á producção — primeiro desejo natural occurrencia de suas necessidades; a circulação devia ser seu segundo empenho, como a mais obvia depois na exigencia. A variedade dos productos não encontrava já de prompto appetencia correspondente com offerecimento conveniente a pagar a mercadoria na quantidade e qualidade offerecida, collocando por isso seus productores na crise, ou de a darem com perda, ou de a partirem com estrago total ou parcial, ou de a demorarem empatada, com prejuizo para seus capitaes, e muitas vezes de sua fazenda de limitada duração. Era por tanto precisa uma materia de valor com facil reconhecimento, para se acreditar em todos, de pequeno pezo e volume para facilitar as transacções, divisivel com valimento para se proporcionar a todas as mercadorias, e sobretudo indestructivel á acção do tempo, para escrupulosamente guardar a fortuna de todos, e para realizar a lei indispensavel na producção — a economia. Feliz inyento da providencia humana, pela qual o homem desde o começo de seus trabalhos pôde chamar á partilha de suas riquezas seu ultimo descendente de mais prolongada existencia.

Em razão de ser esta a necessidade mais sentida, um meio que preenchesse estas condições, era a difficultosa solução do mais importante problema, que a sociedade, principalmente a d'aquelle tempo, pela difficultade em admitir outros meios de credito, podia agitar.

Mas o pedido era tão demasiadamente exigente, tão avultado nas condições, cuja singular satisfação era já difficil, que um *eureka* d'osta natureza era mais do que a solução de um difficil problema ero quasi um milagre.

Estava ainda reservado á boa estrella dos Phenicios resolver este embaraço.

Levados por seu caracter emprehendedor ao interior da Hespanha, na investigação incansavel d'alguma producção, digna pelo seu merecimento de compensar a immensa importação Asiatica, a que nenhum paiz europeu correspondia, são os primeiros a encontrar o or-

ro, e os primeiros a reconhecer o valor de suas qualidades.

Foi esta descoberta junctamente com a da escripta o digno remate de suas incalculaveis empresas. Uma nova civilisação começa depois a raiar; é a da Grecia.

Como natural sequencia da illustração Phenicia seus esforços ainda se dirigem a facilitar a circulação por um agente mais facil. É então, que o credito, cuja primeira expressão tinha sido o numerario, começa a desinvolver-se pelos bancos.

Com tudo o ponto de vista secundario, pelo qual os antigos encaravam as *na sua opinião deshonrosas occupaões da paz*, occasiona comecarem muito cedo os tempos antehistoricos a este respeito. Houveram bancos em Athenas e depois em Roma; e é tudo quanto de positivo podemos dizer de mais apartado pela historia. Os primeiros além dos juros immoderadamente exigidos, não emprestavam com usura sem garantia de hypotheca, que embolsavam primeiro, ficando d'antemão com valores em caixa sob outra especie, maiores ou eguaes aos emprestados. As mais das vezes estes bancos, necessarios já ao limitado commercio d'aquelles tempos, desconfiando do despotismo barbaro e guerreiro, acolhiam-se nos templos, refugiavam-se na religião, que nem sempre era solida barreira contra a avidez do seculo. Provam-no Julio Cesar dando assalto aos templos de Saturno, as pilhagens aos mesmos no tempo de Augusto, e os attentados ao Catholicismo pelo hypocrita Luiz XI, despojando o thesouro de nossa Senhora de Paris. Apesar d'estes contratempos alguns estabelecimentos houve d'este genero na antiguidade dignos de menção.

Por isso se tornaram notaveis os templos de Delphos e Delos, onde os sacerdotes não como particulares, mas assumindo o character de agentes publicos, dispunham dos presentes aos deuses, para fazerem emprestimos aos occorrentes. D'outros meios imperfeitos se serviram ainda o commercio e a industria, pactuando uma moeda puramente nominal, como a de couro complementar em Carthago, e a de ferro de Byzancio e Clazomena.

O que era já uma applicação mas imperfeitissima do credito, porque não tendo um valor real, em que se apoiassem, eram de difficil uso no paiz e regeitadas no estrangeiro, aonde só podia servir a moeda commum de ouro ou prata. A esta falta de credito no mundo antigo deve ser attribuida, quasi com exclusão, a miseria constante do povo, aonde a maior parte dos capitaes ficavam improductivos por falta de combinação de umas para outras mãos, e dif-

ficuldade nas trocas, o que só é perfeitamente remediado por este poderoso motor da civilisação. Sendo mais ainda para lamentar esta imperfeita applicação do credito, por ser occasionada pelas embaraçosas circumstancias da epocha e não poder ser imputada com razão á falta de conhecimentos, pois já então havia inteligentes avaliadores de suas vantagens. Mecenas em Roma, á imitação de Xenophonte em Athenas, n'um plano geral de administração apresentado a Augusto, tinha já dado idéa de vender os bens publicos de pouco rendimento, e de seu preço estabelecer bancos, aonde com algumas seguranças, se emprestassem dinheiros a todos os, que os podessem fertilizar na industria. Foram porém tão esclarecidos desejos de pouco resultado. Era necessario se desmornasse toda uma civilisação, e com bases novas se construísse a moderna sociedade, para ser ouvido e entendido com respeito Law expôdo sua theoria — ao estado compete dar credito e nunca recebê-lo. — N'aquelle tempo tinham mais succésso as estultas declamações tribunicias aconselhando a guerra aos povos, o trabalho aos escravos, e erigindo, em sua alta prudencia, os despojos da guerra em fontes as mais seguras e rendosas da riqueza nacional. As mais esclarecidas intelligencias, que reconhecessem as miserias da sua epocha, tinham necessidade de contemporisar. Ao mesmo Augusto os fataes acontecimentos paternos deviam exemplificar da sorte, que espera sempre a maior parte dos reformadores. Páram por isso aqui os projectos a tal respeito. Só comecam a reviver depois com a florescencia da liga Hanseatica e desinvolvimento da Hollanda a primeira potencia commercial. Ainda assim foi preciso um heroico esforço para estabelecer o credito em epocha tão pouco segura, como a do dominio feudal, da qual o homem sómente então se emancipava em cima das vagas entre *o undique caelum undique mare*. É por isso, que as mais opulentas cidades foram as maritimas, primeiro asylo do credito, mais confiante entre os piratas e furia dos elementos, que no meio de nobres ávidos e ociosos. Em 1157 se estabeleceram bancos publicos em Veneza. É a primeira instituição, que a historia nos faz lembrada, e por isso mesmo com algumas dúvidas. Anderson (historia do commercio,) nos dá sua existencia em 1157 outros a fixam em 1171. Cleirac n'uma obra escripta em 1657 diz haver em Veneza trez estabelecimentos, creados em diferentes epochas para o mesmo fim, e pertencentes á mesma direcção. O que, segundo alguns, causa a diversão dos escritores, que apoiados em fortes argumentos affirmam só parte da verdade.

Instituído para recurso do estado em tristes circumstancias pela guerra do Oriente, no governo de Vitalis Michael, estes bancos não foram destinados a operações desinvolvidas de credito, que só depois vieram a usar. Pouco sabidas são as particularidades de sua administração.

Dupuynode acredita terem sido estes empréstimos, depois de solidamente garantidos, administrados pelos proprios offerentes, que recebiam do estado os juros de 4% distribuídos em proporção de seus creditos; transmitidos depois a terceiros, que se regulavam pela conducta dos substituídos. Mac-Culloch julga antes os certificados deste empréstimo emitidos pelo estado, que os negociava com juro, e livremente circulantes. Em 1377 foi publicado um edicto para regular suas operações, emprestando-lhe sem interesse cinco milhões de ducados.

Foi um seculo mais tarde, que appareceu o banco de Genova chamado S. Jorge. Nascido nas mesmas circumstancias, que o de Veneza, foi destinado pelos mesmos meios a obviar a eguaes necessidades. E de mais breve duração, ensinou-lhe pela prioridade de seu fim as causas de sua extincção, assim como o outro pela sua anterior existencia o tinha instruído dos meios de sua criação.

Como aproveitando já a experiencia do passado, mais perfeito se estabeleceu, posto que mais tarde, o banco de Amsterdam, primeiro que no mundo se destinou ao credito exclusivamente particular. A Hollanda achava-se então inundada por seu extenso commercio de moeda de todos os seculos e paizes, diminuída não só no valor do seu cunho, como pelo seu uso alterada no pezo do metal, de que era composta, e que representava seu valor nas praças estrangeiras. Convergida para alli de todos os lugares da terra, depois de introduzida era immediatamente depreciada nos mercados, aonde só era aceite moeda nova, por isso com alta de 9%. Esta era immediatamente exportada, deixando em falta o commercio, precisadissimo de um avultado numerario, para facilitar a rapidez de suas multiplicadas trocas.

Sendo esta a necessidade mais sentida, também foi o fim principal d'este banco o remedial-a. Para isso aceitava toda e qualquer moeda no seu valor intrinseco, prohibindo ao mesmo tempo podesse por ella ser trocada moeda nova sem o desconto da moedagem. As bases seguras, que o estabeleciam, e o offerimento da cidade de Amsterdam, como responsável por seus pagamentos, foram causa

do favoravel acolhimento de suas letras, por isso elevadas dentro em pouco acima do valor representado. Porém como seu credito se apoiava nos valores em caixa, não podiam estes fructificar no commercio sem quebra do estabelecimento, obstando ao seu desvio d'ahi o custo da administração e moedagem, e a perda de seus interesses para os deponentes, não podendo por isso contar-se na classe mais perfeita dos bancos modernos.

Assumindo sómente as modestas operações dos bancos de deposito, não utilizavam todas as vantagens do credito, nem ficavam sujeitos ao perigo de suas lucrativas empresas, que uma adiantada civilisação permite nos limites da prudencia.

Limitados á troca de especies de uns para outros paizes, ou emittindo letras com valor igual á somma em caixa, seus tímidos ensaios estavam bem longe das arriscadas empresas que tolera, usadas com moderação, o commercio de nossos dias. Para marcharem a passos seguros no solido campo do ouro e da prata, não faziam dependente a industria das azas de Icaro segundo as pittorescas expressões de Adam Smith. Os primeiros bancos de Veneza, Genova, Barcelona, e Amsterdam pouca importancia por isso nos merecem a não ser como baliza historica. Porém, se não os comparando com a perfeição do credito no nosso tempo, attendermos á sua organização e epocha, temos já a notal-os como expressão a mais sympathica do primeiro respeito tributado ao homem pelo homem.

A origem das riquezas sociaes monopolizadas até ahi em numerario nas mãos do usurario, e no trabalho, impostas ao homem pela escravidão, começa a ser confiada, sem imprudencia, á liberdade pelo interesse, e á moralidade pelo credito. Feliz e poderosa idéa, que nos dirige pela natureza, nos obriga pela espontaneidade. Demonstração a mais completa da inutilidade da tyrannia, e primeira revelação da harmonia social.

(Continúa).

José Teixeira de Queirós.

DISCURSO PRÓFERIDO EM SESSÃO SOLEMNE DA SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMICA, PELO DELEGADO ALEXANDRE MEYRELLES DO CANTO E CASTRO.

Meus Senhores!

Quando o anno passado erguia n'esta casa a minha voz, para vos agradecer, em nome da Direcção passada, os vossos generosos esforços para conservar, augmentar e consoli-

dar esta obra d'illustrada philanthropia, estava bem longe de pensar, que me seria ainda confiada a honrosa missão de representar n'este dia a Direcção, que tão dignamente preside aos destinos da nossa sociedade.

E na verdade, Senhores, se então me fallariam as forças, e vergava o animo, por não acostumado a tractar tão elevados pontos de virtude e caridade christã, hoje a que ponto não sóbe a minha fraqueza, vendo sentados n'esses bancos tantos professores distinctos, e a flor da mocidade academica acompanhada de um tão numeroso e esplendido concurso de cidadãos!

A vossa bondade porém, Senhores, e as vossas luzes fazem-me esperar, que não attentareis sómente para as pobres e singelas flores, com que pretendo ornar o meu discurso, mais para vos provar a sinceridade dos meus esforços em captivar a vossa attenção, do que para ostentar atavios emprestados, que quasi nunca fallam á intelligencia, muito menos ao coração, e que o vosso maior cuidado e applicação será empregado em conhecerdes dos fructos, que esta arvore nascente vai derramando com tão copiosa abundancia.

Vivemos, Senhores, n'um seculo, em que os perigos e as luctas de todo o genero se succedem n'uma escala tão rapida e progressiva, que, para não cahir debaixo do golpe, que o scepticismo e o egoismo tem premeditado, para redusirem a sociedade a um cahos, é preciso, que nos colloquemos em volta do unico pendão, que traz inscripto nas suas dobras a eterna alliança do homem com Deus, o laço mysterioso, que prende nos mais deliciosos affectos do coração, o typo sublime de todas as virtudes, a virtude por excellencia — a caridade.

E, se duvidaes da justiça e veracidade dos meus receios, permitti que, por um pouco, eu levante esse sudario de miserias e de crimes, de pranto e de ruinas.

Se abro, Senhores, as paginas da historia contemporanea, esse livro negro dos nossos dias, que viu já afundir, para muitos dos, que aqui se acham, ventura, mocidade e crenças, e que para alguns, poderá ser, que seja em breve uma folha destacada do livro da vida, uma folha morta; se me ponho a meditar nos elementos, que caracterizam esta epocha, e que serão o seu corpo de delictò, perante o juizo severo, e incorruptivel da historia, recuo espavorido deante das minhas proprias concepções, diante d'esse espectro nú e mutilado, que, divagando por sobre as ruinas

da sociedade, em que vivemos, brada a meus ouvidos, egoismo, impiedade, corrupção!

Que não sou eu só, que o digo, Senhores; de pouco ou nada valeria o meu testemunho, disse-o um dos oraculos da França, o padre Lacordaire, disse-o o abbade Laménais, antes que a sua rasão naufragasse nos escolhos do atheismo, disse-o Silvio Pellico, esse martyr da liberdade, que expiou nos calabouços de Veneza o seu amor pela patria, disseram-o enfim todos os, que se não deixaram embriagar pela devassidão do seculo, a ponto de perderem o uzo da razão, digo-o eu agora, dizeil-o vós todos, Senhores, que julgo tereis tambem meditado este difficil e obscuro problema.

E se quereis um exemplo vivo, ainda que triste para um coração portuguez, eu teréi coragem para ler o que por ahí vai escripto n'essa terra, em que, mau fado meu, vim á luz do dia, (perdoai-me, Senhores, se pareço esquecer-me do amor, que devo, e que tenho, á minha patria,) por que não teria agora a aguda e cruel dor de contemplar o seu abatimento e desolação.

Lançado n'um campo, onde a vista poucas vezes se recréa com alegres e vistosas paisagens, onde os cardos e os abrolhos se erguem aos mil sob o escalpelo de ferro do historiadador philosopho, qual é o homem, que deante de tão medonho e safaro deserto, não sente o chão tremer-lhe debaixo dos pés e a voz prender-se-lhe na garganta?

Nenhum, Senhores: que ha dores taes, que não é dado ao fraco poder humano subjugar, hão de corroer-lhe as entranhas, hão de minar-lhe o peito, hão de partir-lhe a existencia hão de porfim fazer d'elle um cadaver.

Triste do povo, que, parando um dia no marco tombado da sua existencia, como um velho encanecido, prestes a exhalar o derradeiro suspiro, se pergunta a si mesmo, pelos dias da sua robustez e juventude, pelas rosas frescas e viçosas, que lhe cresciam debaixo dos pés, pelos loiros, que lhe cingiam a fronte, pelas glorias, pelos canticos de triumpho, por toda essa serie de dias brilhantes e felizes, e que inclinando a cabeça para a terra, como para um tumulo, só teve que responder, — desfeitas e fanadas essas rosas, ephemerhas, e perdidas essas glorias, seccos e mirrados esses loiros, mudos e calados esses canticos, perdido, perdido emfim tudo, menos a recordação do que fui, que essa permanece viva e sangrenta no fundo da minha alma, porque é o meu castigo, o meu supplicio, o meu remorso!

E julgaes, que nós, pequeno povo do occidente, favorecido pela natureza, como nenhum outro da Europa, cercados de mares, de rios, de campos tão ricos e tão férteis, teremos chegado a essa pausa fatal, em que é preciso, para não morrer, invocar o passado e atirar com elle, como uma recordação severa, mas necessaria aos que tem olhos e não vêem, aos que tem ouvidos e não ouvem!

Ah! que se me fosse preciso, Senhores, invocar em apoio d'estas minhas palavras o testemunho dos homens mais distinctos do nosso paiz pelo seu saber, pelos seus talentos, pelas suas virtudes, o testemunho mesmo de muitos d'entre vós, que para salvação e honra da patria vos achaes hoje á frente do primeiro estabelecimento scientifico de Portugal, d'este venerando monumento, que só ha de morrer, quando nós deixarmos todos de ser portuguezes, não me faltariam documentos, onde encontrasse descripto com as cores da eloquencia e da poesia o sombrio quadro, que acabo de vos traçar.

Basta porém, Senhores, de vos magoar com a exposição de tão lamentavel estado, que infelizmente é o nosso, e que continuará a sê-lo, se o mesmo braço, que outr'ora se ergueu para conduzir nossos guerreiros á victoria, se não levantar outra vez para nos salvar.

E quaes hão de ser as sentinellas avançadas destinadas por Deus para resuscitar este corpo sem vida? Sereis vós, Senhores, que de balde não vos chamam as esperanças da patria, sereis vós, que abrindo o exemplo pela prática de todas as virtudes sociaes, ireis clamando de cidade em cidade, de terra em terra, d'aldeia em aldeia, de uma a outra extremidade do reino, por esse espirito de fraternidade, que outr'ora assistiu nossos avós, por essa generosidade cavalleirosa, que tornou proverbial em todo o globo o nome portuguez, por esses brios adormecidos, por essas virtudes esquecidas.

Senhores, o espirito d'associação, que produziu a criação da Sociedade Philantropico-Academica, cuja festa d'inauguração vimos hoje celebrar, revelava já essa tendencia, que para alguns é indício de que se poderão ainda curar no futuro as feridas, que nos dilaceram.

A mocidade academica, e a corporação universitaria pensaram na immensa responsabilidade, que sobre ellas pesava. Os professores intenderam, que a elles, mais do que a ninguém, cumpria mostrar ao paiz, que o professorado não é uma tribuna vazia e ôca, onde

sómente se apregãoam theorias, mas um nobre e sublime apostolado de palavra e d'acção; e os mancebos academicos, em quem as inspirações nobres e generosas abundam como o sangue, que lhes pula nas veias, compreendendo a terrivel enfermidade d'este seculo, quizeram atalhal-a no nosso paiz, unindo-se, associando-se, para darem um exemplo solenne da grandeza da sua alma, e fundaram no anno, se bem me lembro de 1849, a Sociedade Philantropico-Academica.

Vós sabeis todos, Senhores, qual tem sido a vida desta sociedade, e os passos, que têm dado para poder um dia elevar-se a condições de maior bem star e prosperidade.

Não vos cançarei por tanto em o repetir, quando o relatorio, que a Direcção passada teve a honra de dirigir aos benemeritos socios d'esta sociedade, bem claramente mostra os tropeços, que tem encontrado todas as Direcções, não só para conservar, mas para augmentar este precioso deposito.

Permitti porém, Senhores, que vos lembre, que a essa Direcção deveu a sociedade o ter dado passos mais agigantados, como vereis do mencionado relatorio, não só conservando o capital, mas augmentando-o a ponto de poder accudir com seis mesadas a seis socios, que invocaram o seu auxilio, e emprestar a outros sommas assaz consideraveis.

Faço aqui esta confissão, que espero me tomeis em conta d'ingenua, leal e franca, não para vos lembrar os meus pequenissimos serviços, mas para prestar n'este dia solenne o testemunho da minha sincera admiração pelo constante zêlo, e fervorosa caridade, que distinguiram os meus illustres collegas no exercicio das suas funcções.

Agora, Senhores, julgo terminada a minha missão, e suppra o, que me faltou d'eloquencia e de sentimento, a vossa generosidade, que não ha mistér de ser excitada para continuardes a dar ao paiz este solenne testemunho da vossa civilisação.

Que esse obolo, que todos nós promettemos pagar, para enxugar as lagrimas de nossos irmãos, se succeda de geração em geração, até se realisar um fundo consideravel, que ponha muitos mancebos ao abrigo da miseria, dando-lhes um lugar no dominio da educação e nas fontes da intelligencia, e o pensamento dos illustres fundadores desta sociedade, dos quaes felizmente alguns ainda se assentam entre nós, saudado por milhares de infelizes, será o mais bello epithaphio gravado sobre a sua campa.

12

Report of the

Board of Directors
of the
Company

The Board of Directors has the honor to acknowledge the receipt of your letter of the 10th inst. in relation to the above mentioned matter.

and

in reply to inform you that the same has been forwarded to the proper authorities for their consideration.

13

Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 31, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 5—ABRIL DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
N. C. Pitta	Influencia do clima em geral.....	81
L. J. da Costa Junior	Socialismo	86
J. de Lemos	Coimbra (<i>Recordações</i>).....	88
T. A. Ribeiro	Um pedido ás damas.....	90
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	90
	Reflexões sobre o theatro Allemão.....	93
Ernesto Marecos	Zobeida.....	95
Alexandre Meyrelles	Sociabilidade	96
	Relatorio e contas da gerencia da Sociedade Philanthropico-Academica, no anno de 1854.....	98

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 2
Est.
Tab. 14
N.º 6 A

REVISTA - JOURNAL

JOURNAL MONTHLY

1911

1911

CONTENTS

1. The History of the Journal	1
2. The Journal's Purpose	2
3. The Journal's Organization	3
4. The Journal's Publications	4
5. The Journal's Distribution	5
6. The Journal's Future	6

REVISTA
1911



INFLUENCIA DO CLIMA EM GERAL.

Muitos argumentos analogicos em prova da influencia do clima em geral se podiam deduzir das mudançãas, que ella produz nos animaes inferiores.

Com tudo, para illustrar este objecto bastará reportar-nos aos exemplos tirados da historia do mesmo homem, que são assás numerosos e conducentes para estabelecer esta verdade.

Toda a mudança characteristicamente em a natureza humana, é effectuada imperceptivel e gradualmente. Grandes e subitas alterações parecem mui violentas para a delicada constituição do homem; e de facto tendem a destruil-a. Mudanças porém, cujos effectos se ligam com as acções geraes do corpo humano, e que a final formam o character de um clima ou nação, continuam progressivamente pela escala das gerações, até que rematando a sua ultima operação, se tornam perfeitamente analogas ao systema.

É assim que as mais pequenas causas, pela sua acção constante e diurna, produzem grandes e notaveis differenças no genero humano.

Lançando uma vista de olhos pelo Globo, desde o Pólo até o Equador, observamos uma gradação no aspecto do homem, quasi na proporção da latitude, que elle habita. Logo abaixo do circulo arctico, predomina uma côr alva e sanguinea, que succede á trigueira, á esverdehada, á branca, e por fim á negra: á medida que subimos para a linha. Estas gradações, em côr são mais ou menos irregulares. As mulheres por exemplo, da Biscaia, são mui claras, entre tanto que as de Granada são fuscãs, a pezar da pequena differença de latitude.

Não é todavia a mesma distancia do sol que constitue, em cada região, a natureza do clima. Varias causas secundarias modificam aquella influencia. A elevação do terreno, a vizinhança do mar, ou de grandes lagos e rios, a natureza do chão, o estado de cultura, ventos periodicos, meteoros, electricidade, etc., devem entrar em linha de conta. Paizes montanhosos e elevados são frios á proporção da sua altura sobre o nivel do mar; a vizinhança do oceano produz effectos contrarios nas latitudes polares e equatoreaes; por quanto a sua superficie tendo uma temperatura mais egual que a

terra, n'um caso corrige o frio, e n'outro modera o calor.

Cordilheiras de montes, taes como os Appeninos na Italia, Tauro, Caucazo e Imaus na Asia, interrompendo o curso dos ventos frios, torna mais quentes os paizes em baixo, e os paizes em cima mais frios do que corresponde a suas respectivas latitudes. A differença de terreno e cultura, modifica tambem a indole do clima.

A arêa é mais susceptivel de calor que o barro, e uma região inculta, á sombra de florestas e pantanosa, é mais fria nas latitudes polares, e mais temperada nas do equador, do que um paiz aberto á constante e directa acção do sol.

Muitas outras circumstancias podiam enumerar-se, que mostram a influencia do clima na côr e superficie do corpo humano. Estas com tudo bastarão para dar uma idéa geral do objecto, deixando ao intelligente a applicação destas causas ao estado de cada paiz em particular. Assim tambem destas observações geraes concluiremos — que há uma razão geral de calor e frio, que forma principalmente o que chamamos clima; e por conseguinte uma similhança geral de nações, analogas ás latitudes em que vivem, sujeitas com tudo a variações immensas provenientes das mencionadas circumstancias.

Com effecto, vemos nos habitantes de certos climas um aspecto tão similhante e generico, que se pode chamar nacional; e é quasi impossivel podel-o attribuir a outra causa que não seja á influencia do clima. D'isto os Chinezes nos offerecem um exemplo, cuja face chata é tão characteristicamente entre elles, como a belleza symetrica e excellente dos Inglezes, e Majorcanos o é entre os Europeus, segundo o observou Blumenbach.

Referindo pois as feições geraes de cada nação a este principio, não poderemos inferir, que a differença que se acha entre ellas, é devida á mesma influencia? O Arabe em particular pode facilmente seguir-se em sua linhagem pelo Abyssinio até ao verdadeiro Africano de nariz chato, e protraidos queixos. Continuando n'esta progressão, acharemos sómente uma especie desde o equador até ao pólo? Mas deixando racionios geraes, não nos mostra a experiencia o poder do clima sobre a forma e côr dos animaes? A respeito do homem em particular, vemos que o verão escurece a sua pele, e o frio do inverno excita a sua côr sanguinea. Mesmo

o Etiope é branco ao nascer, e só se faz negro quando se expõe á luz.

Quando o calor ou o frio predomina em qualquer região, imprime proporcionalmente uma côr fixa e característica. Um clima frio e penetrante aquece constantemente a face, e aviva a côr. O clima quente e humido relaxa a constituição, e occasiona, principalmente nos valetudinarios, uma tendencia á côr biliosa. Pela mesma razão, a face sanguinea é perpetua nas mais altas latitudes da zona temperada; e sempre achamos a morena, esverdehada, bronzea, e a negra, á proporção que descemos para o sul. Não só a côr destes povos, mas as feições diversificam, como se vê em o Europeu e o negro, e nos Laponios e Pantagões.

Indagações philosophicas tem confirmado esta verdade. O genero humano mudando de habitação, já pelo commercio, já pela conquista, não só experimenta mudança pela acção do clima, mas aclimado em paiz diverso, chega pelo andar dos tempos a não distinguir-se entre naturaes.

É um facto reconhecido, que as manchas contrahidas na pelle exposta uma vez á acção do ar, requerem certo tempo para desfazer-se, e chegam mesmo a ser indeleveis.

O sol tem egualmente poder de alterar a côr da pelle: e não é impropria a observação de alguns escriptores, que dão á côr escura de muitas nações o nome de mancha universal.

Não há exemplo mais caracteristico da influencia do clima, que a historia dos Judeus. Descendentes de um só tronco, não se misturando por casamentos com as outras nações, e com tudo dispersos pelo globo, mostram a côr dos povos onde nasceram. São alvos em Inglaterra e Allemanha, louros em França e Turquia, morenos em Portugal e Hespanha, baços na Syria e Chaldaea, ou côr de bronze na Arabia e Egypto. Se os Judeus todavia tem ainda feições que os distinguem dos Europeus, é que ainda carecem de mais prolongada acção das causas que os alteram, as quaes nunca cessam de obrar.

Um exemplo ainda mais sensivel da influencia do clima, e mesmo inquestionavel se pôde ver nos habitantes dos Estados-Unidos da America. Uma certa pallidez de face, e brandura fere os olhos do viajante da Grã-Bretanha, no momento que chega áquellas praias, a qual todavia não é percebida pelos naturaes do paiz, em razão do habito, ou por falta de termo de comparação.

Este effeito é mais sensivel nos estados do sul que nos do norte, e mais nas infimas e trabalhadoras classes, que nas familias, que possuem meios para se abrigarem da influencia do clima. É innegavel que estas circumstancias apresentam uma similhança do Indio; nem o facto de serem os escravos domesticos d'America mais trigueiros que nos campos, se oppõe ao presente raciocinio. O excessivo trabalho, a fadiga e debilidade podem temporariamente contrabalançar a influencia do clima, produzindo não uma alvura sadia, mas uma palidez morbosa.

Os Creolos tambem de paes Inglezes ou antepassados das Antilhas, mudam d'algum modo a sua côr nativa ingleza pela dos naturaes d'America, e adquirem certos olhos encovados, e prominentes ossos na face, ou como Blumenbach lhe chama « *austrum quasi expirans vultus et color* ». É tão notavel esta mudança, que as mulheres créolas, aliás claras e formosas, podem facilmente distinguir-se por esta caracteristica das suas parentas nascidas na Europa. Isto se observa entre os Asiaticos nascidos nas Indias Occidentaes, e os seus parentes Persas e mongolicos. Se, como diz Hawkesworth, dois naturaes d'Inglaterra casam no seu paiz, e passam depois ás Indias Occidentaes, os filhos alli gerados e nascidos conservam a côr india, e os outros que nasceram fóra d'alli, voltando os paes, não tem aquella caracteristica.

A côr dos naturaes das ilhas aproxima-se muito á côr de cobre escuro. Os descendentes dos Hespanhoes no sul d'America tem egualmente assumido aquella côr.

Os Portuguezes de Mitomba, na Serra Leôa, em a costa d'Africa, misturando-se por casamento com os naturaes, e adoptando as suas maneiras, se tem tornado em poucas gerações, perfeitamente semelhantes aos negros em aspecto, figura e côr. Vemos tambem nações, que se consideram méramente coloniaes, e originalmente d'uma e da mesma raça, contrahirem, debaixo de um novo céu, uma côr nacional differente. Os Hungaros, por exemplo, dizem proceder dos Laponios; estes ultimos n'uma zona septentrional tem assumido as feições ordinarias das nações do norte, em quanto os primeiros habitando nas regiões temperadas da Grecia e Turquia, tem adquirido uma forma de rosto a mais elegante.

Que estas mudanças se não devem attribuir ao cruzamento das raças differentes, se

vê da mais pequena inspecção; por quanto nem os Judeus, nem os Anglo-Americanos, nem os colonos europeus das Antilhas casam entre os naturaes d'estes respectivos paizes. Logo ao clima e só ao clima se devem attribuir taes mudanças.

O effeito do clima se augmenta pelo estado selvatico, e é corrigido pelo da civilisação. Effectivamente, muitas variedades se formam na especie humana por certo estado de sociedade. Realmente todas as feições do semblante humano se modificam, e o que propriamente se chama a sua expressão, radicalmente se forma pelo estado de sociedade. Toda a mudança notavel de feições que se tornou habitual no corpo se transmite aos filhos, assim como outras qualidades pessoaes. As feições grosseiras da gente que trabalha nos campos, em razão da fadiga e exposição ao tempo tambem se communicam. O grande pé do rustico que assim cresceu por andar continuamente descalço sobre o terreno, ou pelo muito exercicio; os braços e grossas mãos dos trabalhadores se observam nas suas creanças. —

Parece, comtudo, difficil assignar a razão por que um clima produz taes feições, e outro outras diversas. Philosophos muito engenhosos tem pretendido explicar a diversa côr das nações; taes como Kant e Volney nas suas viagens á Syria e Egypto.

Se attendermos porem aos effeitos d'um frio extremo, veremos que elle contrahe a pupila, e encrespa as sobrancelhas, levanta a face, pela pressão do queixo inferior contra o superior, diminuindo o comprimento do semblante, e alargando o dos lados, constitue a final este aspecto permanente das nações do norte.

O clima possui grande e manifesta influencia no cabello, não só do homem, mas de todos os outros animaes. O cabello geralmente segue a lei da côr; por quanto as suas raizes plantadas na pelle, derivam a sua nutrição e côr d'aquella substancia. Esta côr pode resultar em parte do calor externo, e em parte da natureza da substancia ou recreação que a nutre.

Um calor externo violento, torrando as extremidades do cabello, tende egualmente a encrespal-o.

A côr das varias nações pode talvez explicar-se pela influencia directa que o ar em differente temperatura e a luz d'intensidade diversa exercita sobre o sangue. Blumenbach é d'opinião, que a causa proxima da cor es-

cure da pele deve procurar-se na abundancia do elemento carbonico do corpo humano que junctamente com o hydrogenio, sai em excreto pela verdadeira pelle, mas sendo alli precipitado pelo accesso de oxygenio atmosferico, se fixa sobre a sede da substancia mucosa que existe debaixo da cutis.

— *Facies non omnibus una
Nec diversa tamen.*

OVID, MET. L. II.

Agora passarei a referir os particulares effeitos do clima sobre a varia estrutura externa, ou differente configuração do rosto humano.

O plano de Camper é mais extenso, que o de Blumenbach; envolve todas as ordens superiores de animaes, assim como o homem. A forma do craneo é a caracteristica dos differentes individuos da mesma especie, e decorrendo por uma gradação insensivel e uniforme constitue as feições particulares de cada nação.

Guiados deste principio os anatomicos tem pretendido estabelecer uma escala de dimensões, para determinar as varias configurações do craneo, e classificar-as. A linha facial de Camper pareceu o methodo mais adequado para aquelle fim. Para se dar uma idéa desta linha facial, deve suppor-se o craneo posto lateralmente, e tirarem-se duas linhas imaginarias sobre a sua superficie, de maneira que se interceptem n'um ponto; uma correndo horizontalmente de um a outro meato auditivo externo, e a outra, a chamada facial, da parte mais prominente da testa até á margem alveolar da maxilla superior. O angulo formado pelo encontro destas duas linhas chama-se tambem angulo facial; e a sua differente grandeza tem servido de caracterizar a differença não só entre o homem e os animaes da sua classe, mas até entre os seus semelhantes.

Á proporção que este angulo diminue, nós vemos a diminuição da quantidade cerebral, e das faculdades da intelligencia: de maneira que serve de escala na gradação dos animaes contando do homem. N'este o angulo facial se approxima do recto, isto é no homem Europeu é de 80, em o negro de 70, sendo a differença destes numeros a marca intermediaria que caracteriza as variedades dos seres humanos. Um angulo mais pequeno que o ultimo constitue uma approximação ao macaco.

Applicando estes factos ás variedades da especie humana, diz Camper, « Seria impraticavel desenhar todas as variedades characteristics que existem em a natureza; faremos por tanto tres divisões geraes. »

A primeira variedade, que elle admite é a Calmuca, relativamente á forma de cabeça, como o representante de toda a Asia, desde a Siberia até á Nova Zelandia, e igualmente da America do Norte, sendo provavel que os povos deste ultimo paiz descendessem dos Asiaticos do norte.

A segunda constitue a cabeça do Europeu, que pode considerar-se como geral em toda a Europa, e estende-se á maior parte da Arabia até ao Indostão.

A terceira forma a cabeça do Reto Angolista, que é a de toda a Africa comprehendendo os Hotentotes, que pouco differem dos Negros, os Caffres e os naturaes de Madagascar.

Blumenbach reduz a forma de semblante humano a cinco variedades distinctas, a media das quaes constitue a mais perfeita e symetrica. Estas cinco variedades posto que notavelmente diversas, constituem uma escala de gradações insensiveis e se referem a uma só especie. Ellas são a Caucasia, a Mongolia, a Ethiopica, a Americana e a Malaia. É a Caucasia que Blumenbach considera como primitiva; desta elle deriva logo as mais divergentes, a saber a Mongolia e Ethiopica; as outras duas tem o meio entre a primitiva e estas duas ultimas. A America entre a Caucasia e Ethiopica.

A variedade Caucasia é d'uma côr branca — faces rosadas — cabello sub-fusco ou castanho — cabeça quasi globosa — semblante oval, direito e moderadamente distincto em suas partes — a testa grande — nariz pequeno, ás vezes aquilino — bocca pequena — beiços, especialmente o inferior, um pouco roliços, a barba cheia e redonda. Em geral aquella forma de semblante, que segundo as nossas idéas de symetria, se julga a mais formosa e bella.

Os Europeus (á excepção dos Laponios, e o resto da raça Filandica), os habitantes da Asia menor até ás margens do Obi, do mar Caspio e Ganges e norte d'Africa; n'uma palavra, todos os povos do mundo, conhecidos dos antigos, pertencem a esta variedade. Ella deriva o seu nome do monte Caucaso, tanto porque nas suas vizinhanças habita a mais bella das raças Georgiana e Circassiana, como porque algumas razões physiologicas

concorrem a provar que alli fora a residencia dos primeiros progenitores da raça humana.

A variedade Mongolia é d'uma cor amarelada — cabello preto, aspero, liso e raro, — a cabeça como se fosse quadrada — cara larga ao mesmo tempo plana e deprimida; as suas partes pouco distinctas — a testa grande e larga — o nariz pequeno e chato — as faces globosas e prominentes e a barba um pouco aguda.

Esta variedade abraça os outros habitantes da Asia (á excepção dos Malaio da Peninsula transgangetica), os Filandrios Laponios, e a nação dos Esquimois amplamente espalhada pelas partes septentrionaes da America desde o estreito de Bering até á Groelandia, conhecida outrora debaixo do nome de Pastasos.

A variedade Ethiopica é de uma cor escura, cabello negro e crespo, cabeça estreita e lateralmente comprimida — testa gibbosa e arqueada — ossos das faces muito elevados — olhos prominentes — nariz grande e confundido algum tanto com os protrahidos queixos — os dentes anteriores fronteiros obliquamente agudos — os beiços principalmente o superior tumidos — barba curta — e muitas vezes pernas tortas. Os Africanos, excepto os do Norte, pertencem a esta variedade.

A configuração da cabeça do Negro, que é um meio termo entre o Europeu e o Orangou-tango; a existencia dos ossos intermaxilares n'uma idade, em que os vestigios da sua separação desaparecem completamente no Europeu, a posição alta e pequenez da barbiga das pernas, que lhes é natural, que se tem avançado como provas, e na verdade correctas, da sua inferioridade mental, não podem servir de pretexto para degradar esta consideravel porção da especie humana, e auctorizar a escravidão a que a tem reduzido nações civilisadas.

A variedade Americana é de uma cor de cobre — cabello preto corredio e pouco — testa curta — olhos encovados — nariz um pouco chato, e ao mesmo tempo levantado. Em geral o semblante largo, com eminentes ossos das faces — as suas partes lateraes como excavadas — a forma da testa muito artificialmente construida. Os habitantes da America pertencem a esta variedade, exceptuando os Esquimois.

A variedade Malaia é de uma cor morena — cabello preto macio, denso e encaracolado — a cabeça um pouco estreita, a testa sub-

tumida — o nariz grosso, largo e rombo — a bocca grande — a maxilla superior um tanto prominente — as partes da face, vistas lateralmente, assás proilientes e distinctas umas das outras.

Esta ultima variedade inclue as ilhas do mar Pacifico, os habitantes de Mariana, Philippinas, Mollucas, ilhas de Sunda e Península de Malaca, os quaes todos fallam o idioma Malaio, e por isso chamada propriamente Malaia.

De tudo isto Blumenbach conclue, que não obstante os limites que tão particularmente distinguem as variedades do homem nas diversas nações, a philosophia não descrepa da Religião em assignar o mesmo berço ao genero humano.

Sem pretendermos impugnar o systema d'estes dous tão celebrados auctores, parece-nos que ainda não temos sufficientes dados para determinar se o clima pode só fazer na especie humana mudanças tão sensiveis e tão diversas alterações como as que se allegam, vista a identidade da sua origem. O clima pode produzir e effectivamente produz grandes alterações no corpo humano, assim como em todas as substancias organizadas; mas que estas mudanças tenham produzido pela sua acção diuturna as diversas configurações do rosto humano em diversos paizes, e entre diversos povos, é o que de nenhuma sorte podemos admittir segundo as idéas que temos do modo de obrar dos agentes externos sobre os corpos organicos. Não duvidamos que o clima encerre em si os agentes mais energicos da natureza. O calor, a luz e a electricidade são em geral os principios que constituem o clima; e em particular as substancias aeriformes que se desinvolve dos destroços de animaes e sobre tudo vegetaes. Assim chamaremos clima aquella parte de uma região ou logar, onde certo predomínio daquelles principios opera regularmente. O calor e a luz, sendo os estímulos mais naturaes da fibra organica viva, pela sua intensidade ou defecção devem produzir alterações em todo o systema vital e principalmente naquelle organo mais proximo á sua acção, como a pelle, que podemos considerar como a barreira entre os seres organicos e inorganicos. Qualquer porem que seja a acção destes agentes em órgãos vitales, elles não mudam a sua forma original sem que degenerem. A pelle porém distinguindo-se dos outros órgãos em estar sujeita á acção immediata da luz, deve receber de uma

maneira analogá, a sua impressão e modificar-se segundo elles, isto é, apresentar as diversas cores que resultam da sua decomposição. Isto e junctamente o calor mudando o estado da secreção cutanea podem explicar até certo ponto a varia cor da pelle no corpo humano. Mas uma cor como a preta rezultante de uma organização particular não se muda por nenhuma acção destes agentes, em quanto se não muda pela mistura de diversa organização.

Assim os pretos serão pretos em todos os climas, em quanto se não cruzarem com os brancos. Se o que é organico ainda mesmo em cor se não muda a variação nenhuma dos agentes externos, como poderemos suppor que esta variação produzisse a differente estructura do systema osseo, que se não desinvolve, senão pela immediata reacção do principio vital obrando do centro para a periferia? Alem disso se a força dos agentes externos, como calor, luz, electricidade, etc., dessem a forma primitiva á substancia dos ossos, ou das partes solidas organicas, por que razão no mesmo clima, isto é, com os mesmos agentes, temos diversas d'aquellas estruturas?

Se a identidade de agentes desse identidade de organização, como se poderiam conservar as differentes e quasi semelhantes especies de substancias animaes e vegetaes? O citado exemplo dos Judeus dispersos por todos os climas, e não obstante a varia cor, conservando certas feições primitivas da sua raça, sobre tudo entre aquelles que se não misturam com outras, vem a favor do que avançamos, isto é, que o clima só por si não transtorna organizações primitivas, mas que altera grandemente os seus incidentes.

Não satisfeitos por tanto com as doutrinas de Camper e Blumenbach, n'este ponto, admittimos com tudo a grande influencia do clima sobre o corpo humano a muitos outros respeito.

Sem fallarmos da acção morbosa dos principios constitutivos de um clima doentio, que essa não só vicia, mas até destroe o systema vital, produzindo infinidades de molestias eudemicas; mas simplesmente considerando os effectos da temperatura e da luz em differente grau, não só explicaremos o differente habito physico das nações, como o seu character moral. Sem dar tudo ao clima como Montesquieu, e sem nada lhe darmos como Filangieri, poderemos estabelecer como principio, que todo o ser organico para regular

o exercicio de suas funcções precisa de uma dada temperatura; que o seu excesso demasiado ou grande falta, perturba o equilibrio daquellas funcções, e os effeitos que d'aqui resultam, não sendo contrabalançados, devem produzir no ente vivo a sua deterioração, ou acabamento.

Bas a olhar para os differentes povos da terra nos seus respectivos climas, para reconhecer a força já vivificante, já depressora do calor. Vigorando as potencias de um e relaxando as de outro, segundo a sua intensidade, elle desinvolve o athleta que affronta a morte sem a pallidez do medo; e forma o poltrão, que infiando á vista d'ella, cede inteiramente aos impulsos da dor.

N. C. PITTA.

SOCIALISMO.

Amae-vos uns aos outros, diz
J. C., e conhecereis meus
discipulos por esta divisa.
(EVANG. S. JOÃO—12, 35).

As columnas d'um jornal, attento a variadissimos assumptos que as ornarn, tornam-se sempre acanhadas para se tractar com aquelle desinvolvimento preciso uma materia de tanta importancia, e de tamanho vulto, como é a do socialismo: não desceremos por tanto á sua historia, apresentando as differentes modificações, por que tem passado com a marcha progressiva dos tempos: o fim que temos em vista, é mostrar a bondade, e justiça deste sublime systema; os seus signaes caracteristicos e differenciaes, que o separam do Communismo, com que dolosamente o tem confundido alguns escriptores, para desse modo cantarem com mais facilidade a victoria quando tractam de o combater: predispondo assim o animo do povo contra um systema, que não tem por fim mais que a felicidade do mesmo povo.

É um facto incontestavel (desgraçadamente!) que uma grande parte da raça humana geme sob o péso da desgraça, em quanto a outra, muito diminuta, folga alegre nos braços da opulencia, embriagando os sentidos a ponto de olhar com um cynismo revoltante seus irmãos, que cáem dizimados pelas soffregas garras da miseria. A pretensão de se curar a humanidade desse flagello não é nova: entre os regeneradores que tiveram os

mais vastos designios, cada um segundo o seu systema, contamos a triade gigante: Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen. Estes homens, symbolo da verdadeira caridade, que souberam traduzir perfeitamente o sublime pensamento do Divino Mestre.—*Todos os homens são irmãos*—; que não tinham outro pensamento mais do que a vida actual, e a vida futura; Deus e o homem; o Ceo e a terra; e por theatro das suas experiencias o globo inteiro; estes homens, que queriam quebrar o circulo estreito e egoista da nacionalidade, para fazer safr d'elle a unidade terrestre, e constituir a humanidade n'uma só familia, merecem com justiça, ainda que os seus systemas fossem irrealisaveis, attento aos meios com que queriam chegar ao fim, um logar distinctissimo entre os grandes pensadores.

O Socialismo é um systema realisavel; por que a sua base é a razão; o Socialismo é realisavel porque nunca foi Communismo, posto dirigir-se ao mesmo fim; cada um segue o seu rumo, porque divergem inteiramente nos meios. O Communismo quer a communhão de bens, e que uma comunidade composta d'um certo numero d'individuos, se arrogue a si o poder de dispor do fructo da actividade dos cidadãos, distribuindo a cada um tão sómente o que ella julgar necessario, apontando-lhes o uso que devem fazer d'elle.

Um systema baseado nestes principios, não pôde de maneira nenhuma deixar de ser condemnado aos olhos da boa razão, porque os principios, sobre que assenta, são revoltantes, por serem exclusivos: este systema condemna o que na ordem moral se chama *egoismo*, e na das idéas philosophicas, *individualismo*; porém ao passo que condemna o individualismo, vem justamente basear-se em uma comunidade, que não é outra cousa mais que o individualismo moral, ou um ser colectivo mais geral; e por tanto refuta o que implicitamente abraça.

Além dessa contradicção tão palpavel, poderíamos apresentar muitos argumentos contra semelhante concepção, que não passa d'uma utopia encantadora, uma poetica divagação do espirito humano. Mas o *Socialismo* não é um systema exclusivo; não tem por fim dividir igualmente a propriedade segundo se diz; e nem tão pouco pretende privar a cada um da liberdade, que tem de exercer a sua actividade dentro da sua esphera, e gozar os productos, que por ventura houver alcançado em virtude da mesma actividade:

o *socialismo* é o systema, que sabe conciliar perfeitamente o principio da liberdade humana, cuja origem está no individuo, com o principio da humanidade: o seu fim é o melhoramento moral, intellectual, e com especialidade o material, da humanidade, tendendo mais á extincção do pauperismo; o *socialismo* não faz mais que proporcionar aos homens os meios de poderem exercer a verdadeira caridade, dispensando o superfluo ao desgraçado.

O *socialismo* prepara o homem, para se verificar o *desiderandum* de S. AGOSTINHO, quando diz com aquella bondade fraternal: *É melhor meu irmão, que não haja nenhum miseravel, e que tu não exerças a misericordia; porque aquelle que para exercer a misericordia, deseja que hajam miseraveis, a sua misericordia é cruel.* E eu direi: a sua misericordia é cruelissima, quando o necessitado depois de muito soffrer, chega a alcançal-a: senão, que o diga a desesperação que sente o desgraçado, victima da fome e da miseria, quando dirige seus debeis passos movidos pela fome ao palacio do rico abastado, pedindo-lhe, não carinhos, mas um bocado de pão, do seu sobejo, para saciar a fome! Que o diga o miseravel, quando depois de muito esperar lhe dizem com caridade pharisaica: *Não pode ser hoje irmão, como se a fome pudesse esperar!* Que o diga o desgraçado, quando, recorrendo á caridade d'outro qualquer irmão, além d'ouvir mil imprecações, vem retumbar-lhe por fim a eterna phrase: *tem paciencia!* Que quereis pois que elle faça? A sociedade, esta sociedade tão prompta em castigar os delictos de que ella é causa primária, como ávara em premiar a virtude, responde-lhe: *soffre com resignação, que é legado do pobre!* Quando o infeliz tiver esgotado o calix do soffrimento até as fezes, acha consolo ao canto d'uma rua, aonde deposita o seu pesadissimo fardo.—

A sociedade, como se acha hoje organizada, é dividida em duas classes, *ricos e pobres*, aquelles tiveram em patrimonio a abundancia, o repouso, os gozos, todas as delicias da vida—estes, encanecidos pelo jugo da indigencia—a vigilia, a fome, a miseria e todos os dissabores deste mundo. Haverá algum principio aos olhos da Philosophia, que possa justificar uma desigualdade tão excessiva? Acaso o Auctor da natureza quiz que o homem fosse dependente da sociedade, para n'ella encontrar, em vez d'uma desvelada mãe, uma perversa madrasta? De certo que

não. A Natureza providente sempre em suas obras, conhecendo a nossa fraqueza, isto é, que, abandonados a nós mesmos, nada conseguiríamos, determinou, por sua alta providencia, que o homem nascesse na sociedade, em cujo seio acharia os soccorros beneficos e gratuitos de todos os seus semelhantes.

O homem só entregue a si proprio, sem o soccorro da primeira sociedade, onde bebe todas as illusões deste mundo, que para elle se apresenta radioso e ameno; onde um terno sorrir d'uma desvelada mãe para elle é ventura, que seria d'elle? A sua entrada para a vida, era a sua saída para a morte. Na edade já adulta, sem convivencia com outros homens, não disputaria a ferocidade até ás proprias feras? Se a sociedade é de tanta importancia, porque não satisfará o fim da sua instituição? Por que volta as costas ao orpham desvalido, que mendiga um bocado de pão? A miseria é uma vergonha, é uma injustiça, é um perigo para a sociedade: todos os homens são seus filhos—todos elles tem necessidades—a natureza em todos é igual—o fim geral é o mesmo em todos—e portanto os meios de o conseguir, devem ser subministrados igualmente a todos, *em relação aos fins particulares*, todos igualmente importantes, que, reunidos, tendem todos ao fim geral. Nós porém o que vemos? O egoismo predominando em todas as acções do homem; é elle a causa da miseria, e esta, a dos males que gangrenam a sociedade. Todos conhecem ou a *priori* ou a *posteriori* as funestas consequencias da miseria; ella torna os homens escravos de suas paixões; do seu seio nascem ladrões, assassinos, e mais principalmente prostitutas como meio de cevar brutaes appetites a quem mais der!! E que será do menino, do velho, do paralytico, que por suas forças nada podem produzir? Não terão direito aos meios de sua subsistencia? O homem fraco, mudo, ou aleijado, não terá senão a mesquinha porção de productos, que houver tão sómente creado? Em que mereceram estes infelizes desastrosos, que culpa nenhuma tiveram de vir ao mundo, a desgraça de morrer á fome, e os fortes, favorecidos da natureza, a posse de todos os gozos? As boas ou más qualidades organicas do homem devidas ao acaso, serão quem deve regular a sorte dos mesmos? O homem forte produzirá em virtude da sua robustez productos como *cem*, e o mais fraco em proporção ás suas forças, como *dois*, não

terá este intrinsicamente o mesmo merecimento que aquelle? Cremos que sim.—

Vós outros que deveis as vossas riquezas á felicidade de terdes nascido em uma casa opulenta, onde ao despontar da aurora da vida vos achastes envolvidos em pannos de alva brancura, acalentados n'um rico berço, perfumado de ambar e d'outros cheiros esquisitos, não vos julgueis, com direito de salpicar de lama os vossos irmãos, que não fazem mais que implorar a vossa caridade: Não! não cuideis que sois mais que o desgraçado que ganha o negro pão á custa do seu trabalho! O acaso que vos accumulou de bens, não vos dá nunca o direito de desprezar o vosso irmão, só porque o mesmo acaso o não favorece.

Os cabedaes, que achastes amontoados, pertencem ao colono a quem vossos antepassados extorquiram usurariamente o fructo de seus trabalhos, aos laboriosos, que noite e dia, trabalhavam para ganhar um mesquinho salario muito desproporcionado á actividade de seus serviços; elles votados a trabalhar, por que o trabalho é honra; e vós locupletando-vos com os seus suores, porque sois ingratos! Eis em que se cifram os vossos cabedaes, a que uma sociedade mal organizada vos garante um direito exclusivo.

Um similhante estado é impossivel que se mantenha. O pauperismo tem feito um progresso extraordinario; a ambição dos egoistas torna-se excessiva; uma lucta, quicá terribilissima para a sociedade, deve acabar estas desigualdades excessivas.

Á vista do exposto, facilmente se vê que há uma grande necessidade em remediar um tal estado. De que meio porém deve a sociedade lançar mão? Será o da força? Esta longe de estabelecer paz e harmonia entre os homens, iria dar guarida ao despotismo, que manteria por algum tempo a reforma; porém logo que cessasse este constrangimento, as cousas iriam pouco a pouco cobrando o seu predominio. Só o Socialismo, que assente como base a liberdade individual, e a moralidade, é que pode operar uma tal redempção; porque diz ao homem: *Tu guardarás a tua propriedade para a consecução dos teus fins; e lembra-te que acima do direito de propriedade, acharás um outro mais importante o da humanidade.*

Eis a linguagem do Socialismo. Estes principios palpaveis e incontestaveis, que acabamos de expor, formam a sua base.— Por tanto este systema não é impossivel de se

realisar, só porque os meios até hoje empregados não sido gorados; não é injusto, como pretendem os seus antagonistas; e nem tão pouco é espoliação de ninguem.

Leandro José da Costa Junior.

COIMBRA.

(RECORDAÇÕES.)

Coimbra!... Terra de incanto,
Do Mondego alegre flor,
Venho pagar-te em meu canto
Tributo d'antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
Não m'o engeites desdenhosa,
Não, que esta alma saudosa
Se inflamma ao ver-te outra vez.

Sou quasi teu filho; amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber;
Foi nestas margens virentes
Que co'as azas incipientes
Meu estro voar tentou;
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia;
Sou quasi teu filho, sou.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras,...
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o incanto de Veneza,
De Paris a seducção;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os Cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas gallas
Que eu sei, que apprendi de cór,
Não diziam o que dizes
Nesse extental de matizes,
Que tens de ti ao redor.

Se não contas tantas glorias
 Quantas por lá querem ter,
 E's um livro de memorias
 Que um portuguez sabe ler;
 Eu, por mim, n'essa tua fronte,
 N'essas collinas defronte,
 No teu rio de crystal,
 Na tua *Fonte dos amores*,
 No ar, na terra, nas flores,
 Leio em tudo—Portugal!

Aos que pedirem façanhas
 D'audaz, guerreiro valor,
 Tu as podes dar tamanhas
 Que os façam mudar de côr;
 Se quizerem da cidade
 Provas d'antiga lealdade
 Apontas-lhe o teu Martim;
 Tens sobeja, altiva gloria,
 Mas não é, não é tua historia
 O que só me falla a mim.

Tudo aqui me falla, tudo,
 D'esse tempo que lá vae,
 Quando nas lides do estudo
 Tive em cada mestre um pae;
 Falla-me o sino da torre
 Com um som que nunca morre
 Nos echos que a vida tem;
 Fallam-me os dias d'outrora
 C'um folguedo em cada hora,
 Com horas que mais não veem.

Lembram-me aquelles passeios
 Lá baixo no *Salgueiral*,
 Ou na *Lapa dos Esteios*,
 Ou no fulgente *Areal*;
 Lembram-me as idas a *Cellas*,
 As suaves tardes bellas,
 Passadas da ponte no *O'*;
 E quando, já n'essa idade,
 No *Penedo da Saudade*
 Saudades gemia só.

Nem me ficaes esquecidos,
 Antigos socios de então,
 Que a esses dias volvidos
 Vossos nomes nome dão;
 Foi vida de irmãos a nossa,
 Aqui o palacio e a choça
 Eram por dentro eguaes;
 Crenças vivas, rosto puro,
 Olhos fitos no futuro,
 No amor da patria rivaes.

Esta mesma casa... oh! quantas,
 Quantas lembranças me traz!
 Palco amigo, tu me incantas
 Co'as imagens que me dás;
 Compõe-me inteiro o passado,
 E d'esse viver sonhado

Deixa-me agora enganar...
 Mas não... logar ao presente,
 Que eil-o se ergue nobremente
 Com novos loiros sem par.

Quaes fomos, sois hoje a esp'rança,
 Mancebos, da patria a flor,
 Do futuro segurança,
 Das nossas lettras penhor;
 Entre vós o rei da lyra
 Bem vedes que vos inspira,
 Brandindo um facho de luz,
 Bem vedes o immenso brilho
 Com que o nome de Castilho
 Em nossas glorias reluz.

Eia, mancebos, ávante,
 Vencei-nos, vencei-nos, vós;
 Seja a patria triumphante,
 Que é o que importa a todos nós;
 Tendes crença, fogo e vida,
 Tendes a alma despida
 Do lodo das vis paixões;
 Levae ao mundo essa aurora,
 E sobre os braços d'outrora
 Levantae novos braços.

Eia, pois, COIMBRA seja
 Primavera do porvir,
 E n'ella, mau grado á inveja,
 Portugal sempre a florir;
 Oh! possa eterno este solio,
 Este augusto capitolio
 Das patrias lettras, brilhar,
 Que eu, tomado de respeito,
 Eu sempre, dentro do peito,
 Hei-de seu nome guardar.

Coimbra, 25 de Novembro de 1854.

J. de Lemos.

Quando não houve jornal litterario, e mesmo politico, que se não honrasse de transcrever a poesia, que acima publicamos, do Snr. *João de Lemos*, recitada por elle no ultimo saráu poetico, a REVISTA ACADEMICA, de que elle foi um dos mais illustres Redactores, não podia, nem devia ficar silenciosa.

Os louros que o poeta legitimista colheu n'aquella noite de saudosa recordação para todos os que tiveram a fortuna de o ouvir, assentaram é verdade sobre uma fronte já familiarizada com estes triumphos; mas temos fé que os brados d'enthusiasmo que o Snr. *João de Lemos* arrancou de todos os que n'aquella noite anciosos e estaticos o escutavam, fazendo-lhe conhecer a mina

inexgotavel que possui de poesia e de sentimento, hão de abrir-lhe novos horizontes, e dar-lhe um logar distincto entre os grandes poetas do seculo.

Recitada no mesmo saráu foi a poesia que abaixo transcrevemos do nosso collega e amigo, o Snr. *T. A. Ribeiro*, que revela tambem muito genio, e faz-nos crer que teremos mais um poeta digno d'este nome.

Alexandre Meyrelles.

UM PEDIDO ÀS DAMAS.

RECITADO NO ULTIMO SARÁU POETICO,

E OFFERECIDO AO SNR.

Antonio Feliciano de Castilho.

Se eu fôra mulher formosa...
Uma de vós que me ouvís,
Do meu toucado uma rosa
A de mais vivo matiz
Desprendera,—e sem receio
Fôra depôl-a no seio
Do genio!—do trovador,
Que da rosa—aroma—encantos,
Traduzem-se em magos cantos,
Em hymnos de casto amor.

Soldado, se na batalha
Por entre balas sem fim
Fosse o meu genio, a metralha
Esvoaçando em torno a mim,
Dera-lhe o pranto magoado,
Que do amigo trespassado
Juncto ao cadaver chorei;
Não lhe ofertára a victoria
Não quer o vate essa gloria,
Venci, quer dizer—matei!...

Desse-me ouro a sorte avára,
Que eu daria ao trovador
Cit'ra d'ouro, onde cantára
Patria, crenças, Deus, e amor;
E ella por elle pulsada
Branda—solemne—sagrada
Causaria inveja ao Céu,
Escutal'o-hiam archanjos!!
Roubassem-lha embora os anjos!
Mas tinha-lha dado,—eu!!

Não dera um throno ao poeta!
P'ra quem dá ao mundo a lei,
D'um reino é mesquinha a méta...

Dera mais, se fosse um rei!
Dera-lhe prados e montes
'Onde cascatas e fontes
Rios—aves—terra, e mar,
Casando em nobre harmonia,
Lhe dessem crenças, poesia
E inspirações p'ra cantar.

Se Deus me desse um momento
A lyra de Salomão,
Bem casada ao sentimento
Que aviventa o coração,
Como elle, eu fôra grandioso,
Meu cantico majestoso
Revoara da terra aos Ceus
Como o seu canto divino,
Tangera eu sómente um hymno
P'ra elle!... outro, ... só p'ra Deus!!

Mas que val' um vão desejo,
Se eu não vejo
Como hei-de provar-lho?!... assim?!...
Vós sois da terra os archanjos
Fadas! anjos
Oh! dizei-lh'o vós por mim.

Vai deixar-nos, vós, levae-lhe
Offertae-lhe
Os vossos votos, e os meus!
Dizei-lhe, ó anjos, comigo
Que aceite, e leve consigo
Um triste sentido adeus.

T. A. Ribeiro.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

V.

O HAVRE.

Continuado de pag. 72.

Terra da Normandia! Tu foste a primeira, que meus olhos viram, d'esse bello paiz de França, que fazia derramar lagrimas de saudade á infeliz *Maria Stuart*, e lhe inspirava este canto tão triste da despedida.

Adeus, ó risonha França,
Adeus, ó patria querida!
Levo na minha lembrança
Doce vida em ti vivida!
Adeus plainos venturosos,
Adeus dias jubilosos!

A nave, que nos separa,
Leva de mim só metade!
A outra, muito mais cara,
Confia á tua amizade;
E porque da outra parte
Tu possas sempre lembrar-te.

Tão joven e tão formosa, que parece não havia peitos humanos, que se lhe não rendessem, captivos de tantas perfeições! E tão cedo viu a sua corôa de rainha rojada no pó, seu sceptro partido por mãos de amigos e irmãos, e atraçoada, e vilipendiada, e por fim encarcerada como uma criminosa nas sombrias fortalezas da Escossia, seu paiz natal, cerrou os olhos á luz da vida, longe do povo, que a adoptara por filha, e de quem ella fôra rainha por todos os direitos reunidos n'uma só cabeça, mas principalmente pelo da formosura!

E o tempo havia passado quasi indifferente e mudo por sobre esta grande catastrophe, como se o destino de uma princeza, que fora rainha de dois povos e requestada pelos mais poderosos monarchas da Europa, não valesse outra cousa que o olvido!

Mas que importa a esse ceifeiro implacavel de annos e de vidas, os gemidos d'uma mulher, protestando do fundo do sepulcro contra a vingança ignobil e atroz de uma outra mulher, rainha como ella, mas rainha hypocrita e infame? O sangue derramado não foi por ventura calcado pelas gerações que seguiram o crime? E Isabel, a rainha *virgem*, não viveu e não morreu cercada das honras, que sempre acompanham o assassino poderoso e rico?

Seu cadáver não repousa em Westminster na capella dos reis? Honras durante a vida; honras depois de morta. Embora. O sangue de *Maria Stuart*, a mártir, ha de bradar em toda a parte contra Isabel a criminosa.

O estrangeiro ao pôr o pé sobre a terra por onde ella passou, e d'onde partiu para o desterro e para a morte, ha de lançar a todos os ventos do ceo, o nome aborrecido da que mandou degollar a mais bella cabeça de mulher, que houve talvez na Europa.

Por isso, eu, o mais obscuro d'entre todos os que se assentam a este sublime banquete da intelligencia, *onde muitos são os chamados, e poucos os escolhidos*, tocado de compaixão por tão grande infortunio, quiz, sem embargo do riso escarnecedor dos que não comprehendem o sublime viver do coração, o commercio dôce e pacifico do pensamento de hoje com o pensamento de outras éras, legar tambem aqui, sobre esta pagina, o meu odio ao matador, e a minha compaixão á victima de tantos rigores e crueldades.

Não! Nunca me hão de esquecer os primeiros dias, que passei no Havre, tão engol-

phado, e tão perdido no meio das suas maravilhas. Suas casas brancas de neve, e cobertas de árdosia dão-lhe um aspecto risonho.

Seu porto accessivel e seguro está sempre guarnecido de uma espessa floresta de navios. De vez em quando algumas velas brancas, torcendo-se ao vento, tentam, mas debalde, evadir-se ao negro veo de fumo que projectam de redor d'ellas as altas chaminés dos barcos de vapor, que avançam a toda a pressa de todos os portos de Inglaterra. Os marinheiros com suas vestias e bonnés vermelhos estrugem os ares de mil gritos, quando se tracta d'íçar as velas d'algum navio prestes a partir.

Situado n'uma das mais bellas provincias da França, o Havre, possui deliciosos panoramas. É aqui que a Normandia derrama com mais profusão as bellezas da sua agricultura.

A cidade está cercada de outeiros plantados de arvores gigantes. E tudo isso aquecido pelos raios ainda tepidos de um sol de outomno, tornam este quadro arrebatador e sublime.

Mas se o Havre visto de dia faz scismar, como a natureza reuniu em ponto tão pequeno tantas bellezas, que vos direi do Havre, a horas silenciosas da noite, quando a abobada celeste é apenas allumiada pelos pallidos raios da lua, que, estacionaria no meio da sua carreira, parece perguntar-se, se deve ou não apparecer n'esses paizes civilizados, em que os homens cansados de não ver tambem de noite, como de dia, imaginaram essas phosphorentes luzes, que n'um instante, e como se obedecessem a um poder sobrenatural, allumiam uma cidade, de mil fogos, e permitem a seus habitadores o circular pelas ruas, á meia noite, com a mesma facilidade com que o fazem ao meio dia? Então, quando a cidade resplende de mil luzes, quando no porto silencioso e triste, não se ouve nenhum rumor, a não ser o do pescador ao recolher o barco, ou a dobrar a véla, quando o marinheiro dorme a somno solto sobre o convez, quando os ricos palacios, que bordam o caes, abrem as suas portas e janelas ás picantes brisas do mar, é doce, os olhos cravados no oceano, seguir esse languido balancear da vaga, que passa ao acaso, sem razão e sem fim, escutar no mais profundo silencio seu mudo rugido, quando se precipita sobre o rochedo e que depois recua para voltar outra vez com mais furia.

Lembravam-me n'estes passeios os meus folguedos da infancia sobre a praia de *** brincando com as ondas, e rindo-me da sua furia impotente. Oh! mas quantas vezes, quando o ceo se repintava de nuvens negras, quando a custo a estrella rompia a nuvem, não pensava eu e a mais joven de minhas irmãs, companheira inseparavel de minhas pequenas digressões d'então, nos pobres marinheiros expostos ou a ser engolidos pelas vagas, ou despedaçados sobre os rochedos.

Foi talvez n'um dia semelhante, que, perturbada a imaginação por tão lugubres sonhos, Victor Hugo, o grande poeta lyrico da França, escreveu estes versos tão simples, mas tão suaves e tão bellos.

E o poeta dirigindo-se ás vagas exclama assim:

Où sont ils ces marins sombrés dans les nuits noires
 Ó flots! que vous savez de lugubres histoires?
 Flots profonds redoutés des mères à genoux
 Vous vous les racontez en montant les marées,
 Et c'est ee qui vous fait ces voix désespérées
 Que vous avez le soir quand vous venez vers nous.

Mais alguns dias passados a visitar os principaes edificios da cidade, e deixamos o Havre, essa patria de Bernardim de Saint Pierre, e aonde elle escreveu esse delicioso romance de Paulo e Virginia, historia pathetica e sublime de dous amantes, victimas do amor e da fidelidade. É que ha escriptos immortaes, assim como ha obeliscos de granito que ficam de pé no meio das cidades em ruinas, para attestar aos seculos futuros, que alli, onde o simoun do deserto se revolve irado, arrojando, de vez em quando, do seu seio inflammado, as arêas para o interior das terras, se erguera outrora uma cidade opulenta.

Supprimi todas essas glorias da intelligencia, todos esses monumentos que o genio deixa após si, semeando-os, aqui e alli, de perolas mimosas para abrilhantar o mundo, e da espada do conquistador, d'essa espada que deixa por toda a parte os campos talados, as cidades incendiadas, e milhares de familias submergidas na tristeza, que resta? Apenas um vão nome e o echo maldicto d'essas batalhas d'exterminio. Mas do philosopho, e do poeta, restam a saudade e a gloria, que eternizam a memoria dos que desceram ao tumulo cercados de loiros, loiros bemquistos e sagrados, que não custaram uma só gota de sangue. A virtude não é uma palavra sem sentido, como afirmou esse Ro-

mano sem fé, antes de misturar seu derraideiro suspiro com o da Republica agonizante.

Na vespera da minha partida fui agradavelmente surprehendido pela chegada d'um irmão meu que se achava estudando em Paris, e que sabendo da nossa chegada ao Havre, deixára immediatamente aquella cidade para vir ao nosso encontro. Tinha-o visto nos meus primeiros annos, mas delle não conservava senão uma mui remota lembrança. A fortuna que lhe havia dado o logar de primogenito na nossa familia, não lhe fôra tambem avára dos dotes do espirito e do coração.

Joven ainda, contando apenas 15 annos, havia jurado bandeiras nas tropas que na Ilha de *** combateram pela monarchia constitucional. Seu coração inflammado por estas palavras magicas — patria e liberdade, — voára, como outros muitos, ao appello, que então se fazia, a todos quantos sentiam bater-lhe no peito um coração portuguez.

Mas a nova e rapida face que tomaram os acontecimentos, e circumstancias domesticas, não lhe permittiram acompanhar a divisão Açoriana, que fôra jogar, no continente, em pleito sanguinolento, a sorte da dynastia. Uma carta de meu Pae, vinda de Napoles, mandára-o partir para Paris; para onde elle em continente se dirigira. Eil-o pois agora correndo comnosco a estrada que vae do Havre a Paris.

Paris! Essa cidade dos meus sonhos da infancia, essa fada de tantos prodigios, essa Babylonia da Europa, aos bazares opulentos, aos ricos monumentos de bronze e de granito, arrancados pela mão d'um conquistador ás arêas de fogo do Egypto, essas praças onde um povo em delirio havia feito correr rios de sangue, essas pontes sobre o Sena, essa torre de Vendome feita com as peças ganhadas nos campos de batalha da Europa agitando nos ares a estatua de Napoleão, tudo isso em fim que faz de Paris a cidade por excellencia, a terra da civilisação e das luzes, fa offerecer-se a meus olhos em poucas horas.

A diligencia puxada por oito cavalles arrebatava-nos no espaço, mas era pouco ainda para a minha imaginação de fogo, para o meu desejo insaciavel, para a minha inquietação infantil.

Ainda me lembro do effeito magico, que produziu no meu espirito a vista d'essa grande cidade, que n'um raio de sete legoas

extende seu corpo gigante, banhado pelas aguas pacificas do Sena, e encostada sobre algumas collinas que lhe dão um aspecto verdadeiramente grandioso.

Os peregrinos e viajantes da Terra Sancta sentem vergarem-se-lhe os joelhos, quando avistam as torres de Jerusalem.

O que eu senti porem, foi respeito e admiracão, quando avistei a antiga igreja de S.^{ta} Genoveva, hoje tumulo dos heroes—Pantheon, que guarda em suas vastas catacumbas as cinzas e os nomes dos benemeritos da patria.

(Continua.)

Alexandre Meyrelles.

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

A guerra de trinta annos é uma das epochas mais notaveis da historia moderna. Esta guerra rebentou primeiro n'uma cidade da Bohemia; porém estendeu-se bem depressa por sobre a maior parte da Europa. As opiniões religiosas que lhe serviam de principio mudaram de forma. A seita de Luthero substituiu quasi geralmente a de João Huss; mas a memoria do supplicio atroz applicado a este ultimo continuou a animar os espiritos dos innovadores, mesmo depois de se afastarem da sua doutrina. A guerra de trinta annos teve por movel, nos povos, a necessidade d'adquirir a liberdade religiosa; nos principes, o desejo de conservar a sua independencia politica. Após uma longa e terrivel luta, estes dois fins foram alcançados. A paz em 1648 assegurou aos protestantes o exercicio do seu culto, e aos pequenos soberanos d'Allemanha o gozo e augmento de seus direitos. A influencia da guerra de trinta annos durou até ao nosso seculo.

O tratado de Westphalia deu ao imperio germanico uma constituição muito complicada; porém esta constituição, dividindo esse corpo immenso em uma multidão de pequenas soberanias particulares, importou para a nação allemã, com algumas excepções, um seculo e meio de liberdade civil e de administração pacifica e moderada. Do facto de se acharem trinta milhões de subditos repartidos pela auctoridade d'um consideravel numero de principes independentes uns dos outros, e cujo poder, na apparencia illimitado, era-o de facto pela insignificancia de seus

dominios, resultou para esses trinta milhões d'homens uma existencia quasi sempre socegada, uma não diminuta segurança, uma liberdade d'opiniões quasi completa, e para a parte esclarecida d'esta sociedade, a possibilidade de se entregar á cultura das lettras, ao aperfeiçoamento das artes, á indagação da verdade. Em virtude d'esta influencia não admira que a guerra de trinta annos tenha sido um dos objectos favoritos dos trabalhos dos historiadores e dos poetas da Allemanha. E debaixo de mil formas diversas, elles se applaudiram de mostrar á geração actual qual tinha sido a energia de seus antepassados: e esta geração, que no ocio recolhia o beneficio da perdida energia, contemplava com curiosidade, na historia e na scena, os homens dos tempos passados, cuja força, determinação, actividade, e coragem, revestiam, aos olhos d'uma raça enfraquecida, os annaes germanicos, de todo o encanto do maravilhoso.

A guerra de trinta annos é ainda interessante debaixo d'um outro ponto de vista.

Depois d'esta guerra, diversos monarchas apprehenderam expedições belicosas, illustraram-se pela gloria das armas; mas o espirito militar, propriamente dicto, tornou-se cada vez mais estranho ao espirito dos povos. O espirito militar não pôde existir, senão quando o estado da sociedade é proprio para o fazer nascer, isto é, quando ha um numero consideravel d'homens que a necessidade, o desassocego, a falta de segurança, a esperança e a possibilidade do bom exito, a agitação continua, tem lançado fóra da sua situação natural. Estes homens amam então a guerra pela guerra, e vão procural-a n'um lugar, quando a não acham n'outro. Na actualidade, o estado militar é sempre subordinado á auctoridade politica.—Os generaes não se fazem obedecer pelos soldados que commandam senão em virtude da missão que receberam d'aquella auctoridade: não são chefes d'um exercito seu, por elles pago, e prompto a segui-los, sem que tenham a approvação de soberano algum. Pelo contrario no principio e até ao meado do seculo dezeseete, viram-se homens, sem outra missão mais que o sentimento de seus talentos e de sua coragem, assoldadarem corpos de trópa, reunirem, em roda de seus estandartes particulares, guerreiros que dominavam unicamente pelo ascendente de seu genio pessoal, e ora venderem-se com seu pequeno exercito aos soberanos que os compravam; ora tentarem, com a espada em punho, tornarem-se elles mesmos

soberanos. Tal foi, na guerra de trinta annos, esse conde de Mansfeld, menos celebre ainda por algumas victorias, que pela desreza que manifestou continuamente nos reveses. Taes foram, ainda que descendentes das casas imperantes as mais illustres da Allemanha, Christiano de Brunswick e mesmo Bernardo de Weymar. Tal foi finalmente Wallstein, duque de Trierland, o heroe das tragedias allemãs, que me fiz cargo de fazer conhecer ao publico.

Este Wallstein, na verdade, nunca pegou em armas senão a favor da casa d'Austria; mas o exercito que elle commandava pertencia-lhe, reunido em seu nome, pago por sua ordem, e com as contribuições que levantava sobre a Allemanha, por sua propria auctoridade. Fazia negociações como um potentado, dentro nos arraiaes, com os monarchas inimigos do imperador. Quiz finalmente, com direito apoderar-se, da independencia, de que de feito gozava; e se a sua empresa foi infructifera, não se deve attribuir a sua quèda á insufficiencia dos meios que tinha á sua disposição, mas ás faltas que lhe fez commetter um mixto extravagante de superstição e d'incerteza. O modo d'existir dos generaes do seculo 17.º imprimia-lhes no seu character uma originalidade, de que não podemos já formar idéa. A originalidade é sempre o resultado da independencia; á medida que a autoridade se concentra, os individuos desaparecem. Todas as pedras talhadas para a construcção d'uma pyramide, e amoldadas ao logar que devem occupar, tomam um exterior uniforme. A individualidade desaparece no homem, por isso que elle deixa de ser um fim, e se torna um meio. Todavia a só individualidade pôde inspirar interesse, principalmente ás nações estrangeiras; porque os Francezes, como observarei logo, omittem a individualidade nos personagens de suas tragédias, mais facilmente que os Allemães e os Inglezes.

Compreende-se pois facilmente o motivo por que na Allemanha os poetas, que tentaram representar na scena epochas da sua historia, preferiram aquellas em que nos individuos apparecia um certo cunho de personalidade, e onde transluzia facilmente o seu character natural. É assim que Goëthe, o auctor de Werther, pintou, em Goetz de Berlichingen, a lucta entre a cavallaria moribunda e o poder do imperio; e que Schiller quiz tambem traçar em Wallstein, os ultimos esforços do espirito militar, e essa vida independente e quasi selvagem do campo

de batalha, á qual os progressos da civilização fizeram succeder, no mesmo campo, a uniformidade, a obediencia e a disciplina.

Schiller compoz tres peças sobre a conspiração e morte de Wallstein. A primeira intitula-se o *Campo de Wallstein*; a segunda, os *Piccolomini*; a terceira, a *Morte de Wallstein*.

A ideia de compôr tres peças, que se succedem e constituem entre si um todo, é derivada dos Gregos, que denominavam este genero uma trilogia. Eschylo deixou-nos duas obras semelhantes, o seu *Prometheu* e as suas tres tragedias da familia de Agamemnon. O *Prometheu* d'Eschylo era, como se sabe, dividido em tres partes, formando cada uma sua peça em separado. Na primeira apresentava-se *Prometheu*, bemeitor dos homens, trazendo-lhes o fogo do céo, e fazendo-lhes conhecer os elementos da vida social. Na segunda, a unica que chegou até nós, *Prometheu* é punido pelos deuses, invejosos dos serviços que elle prestou á humanidade. A terceira mostrava *Prometheu* libertado por Hercules, e reconciliado com Jupiter.

Nas tres tragedias que se referem á familia dos Atridas, a primeira tem por assumpto a morte d'Agamemnon; a segunda, o castigo de Clytemnestra; a ultima, a absolvição de Orestes pelo Areopago. Vemos que entre os Gregos, cada uma das peças que compunham suas trilogias, tinha sua acção particular, que acabava na propria peça.

Schiller quiz ligar mais estreitamente entre si as tres peças do seu Wallstein. A acção só começa na segunda e acaba na terceira. O *Campo* é uma especie de prologo sem acção nenhuma: Toma-se n'elle conhecimento dos costumes dos soldados, dentro nos seus acampamentos; entregam-se uns aos cantos, outros ao vinho, voltando alguns com os despojos da pilhagem. Contam-se mutuamente as suas façanhas; fallam do seu chefe, da liberdade que elle lhes concede, das recompensas que lhes prodigaliza. As scenas succedem-se umas ás outras, sem que nada as encadeie; mas esta incoherencia é natural; é um quadro transitorio, onde não existe nem o passado nem o futuro. Todavia o genio de Wallstein preside a esta desordem apparente. Vive no coração de todos; celebram todos seus louvores, inquietam-nos os boatos espalhados do descontentamento da cõrte, jurando entre si não abandonar o general que os protege. Percebem-se todos os symptomas d'uma insurreição prestes a rebenotar, se o signal para ella for dado por Wallstein.

Decifram-se ao mesmo tempo os motivos occultos, que modificam em cada individuo a sua dedicação; os temores, as suspeitas, os calculos particulares, que vem conter o impulso geral. Vemos esse povo armado, entregue a todas as agitações populares, arrastado pelo seu enthusiasmo, tomado de receios, esforçando-se por discorrer, e não o conseguindo, por falta d'habito; arrostando a auctoridade, e fazendo por tanto consistir a sua honra em obedecer ao seu chefe; ultrajando a religião, e abraçando com avidéz todas as tradições supersticiosas; mas sempre altivo de sua força, sempre cheio de desprezo para qualquer outra profissão, que não a das armas, sendo a coragem sua unica virtude, e o seu fim o prazer do momento.

Seria impossivel transportar para o nosso theatro esta singular producção do genio, da exactidão, e direi mesmo da erudição allemã; porque foi necessaria erudição para reunir em um corpo todas as feições que distinguem os exercitos do XVII.º seculo, e que hoje não convem a exercito nenhum. Nos nossos dias, assim no campo como nas cidades, são regulares e obedientes os exercitos. A disciplina substituiu o desenfreamento; se ha desordens parciaes, são excepções que se tracta de prevenir. Na guerra de trinta annos, pelo contrario, estas desordens eram o estado permanente, e o gozo d'uma liberdade grosseira e licenciosa, o desforço dos perigos e fadigas.

(Continua.)

Sobeida

CONTO DE FADAS E DUENDES, QUE NÃO TEVE PRINCÍPIO NEM HA DE TER FIM.

Ao meu amigo

JOSÉ EDUARDO DA SILVA PEREIRA.

Meu caro Silva Pereira.

Por que não nascemos nós n'outra época, nós, que temos a loucura de tentar reagir contra a tendencia pronunciada do seculo, possuindo a convicção de que a alma se alimenta mais com a esperanza do que com a duvida, com a fé do que com a descrença?

Porque não vivemos antes quando o ultimo canto do poeta era um hymno perfumado e suave, e não um brado de desesperação e blasphemia? Porque não viemos ao mundo, n'esses dias em que a civilização não significava a apothese da immoralidade, e em que o progresso não substituiu a aspirações nobres e grandiosas, a aridez do scepticismo e a torpeza do calculo? Por que?! Ignoramol-o; é triste; mas a nossa infelicidade não é completa; compete-nos a resignação sem queixumes, visto que hoje ainda temos paixões, e que algum dia teremos saudades.

Unidos agora pelos laços de uma convivencia quasi fraterna, baseada da tua parte n'uma funda sympathia, e da minha na consciencia de quanto vales, tu não tens, penso eu, um amigo que me prefiras, e eu sinto apenas não ter mais amizade para te dar, e não ser mais digno da tua; com tudo esta phase da nossa vida é uma transição, e onde nos conduzirá ella? Forçar-nos-ha a uma separação breve, longa, ou eterna? Quem sabe?! O que é certo porem é que reconheço a impossibilidade de nos esquecermos mutuamente, e que tenho a certeza deque uma recordação minha te será sempre agradável—é isso que te offereço.

Este *Conto*, que escrevi sem outro fim mais do que o de me subtrahir durante algumas horas á monotona insipidez, que ás vezes aqui nos devora lentamente a existencia, este *Conto*, que te dedico, não assumirá de certo o menor gráu d'importancia aos olhos do mundo litterario, possuirá algum aos teus, a idéa que me levou a offertar-to? Confio muito em ti para suppôr que sim.

Se tu não fosses quasi tão preguiçoso como intelligente, se, conscio do teu merecimento, não fosses d'elle tão egoista, pedirte-hia que á minha lembrança retribuisses com outra igual; mas sei que não devo atrever-me a esperal-o,—tão grande como a tua amizade, só conheço a tua indolencia.

Se o meu *conto* é do dominio da critica, esta carta não o é; escripta só para ti, prolongal-a, seria repetir o que dizemos mil vezes nas expansões d'uma conversação intima; o que para os outros, que me não comprehendessem, seria tão fastidioso, como inutil para nós; resta-me por tanto afirmar-te ainda uma vez que sou

Teu do C. am.º verd.º

Ernesto Marecos.

I.

— E amas-me? — continuou ella.

— Amo-te como a flor ama o sol que lhe deu vida, como o sol ama Deus que o accendeu no espaço — amo-te porque te vi nos meus sonhos de criança, e nas minhas aspirações de homem, sempre triste e pallida como a imagem da melancholia, serena e candida como a estatua da pureza — amo-te e quero-te — e has de ser minha, porque és parte do meu ser.

E eu amava-a então! e ella parecia ceder ao magnetismo de uma influencia inexplicavel, o sangue estuava-lhe nas veias, cada olhar que despedia, fusilava paixão, cada palavra que proferia lhe escaldava os labios.

— Tambem eu te quero tanto, disse ella, que nunca medirás a extensão do meu amor — ainda te não vira, e vivias comigo, é eu presentira a tua existencia, porque me vibrou no coração uma corda de que até alli não escutára um som — e no centro da minha solidão soffria o inferno, porque temia perder-te, antes de me haveres pertencido; — o meu amor tocava o delirio, e a minha dor a desesperação; — não partia a cadêa de ferro que me prendia ao isolamento, porque a minha força era impotente para reagir contra outra força superior, que não conhecia, mas que me subjugava; — e se me subtrahi por momentos a esse poder fatal — não hesitei — corri como louca — aonde?! — ignorava-o; sabia apenas que, no fim da estrada que seguia, existia para mim a felicidade, e vite, e amei-te — e quero a tua alma identificada com a minha, e quero a minha existencia fundida na tua.

Comecei a crer que era victima da illusão dos meus sentidos — e julguei que esse anjo que me fascinava, era apenas uma appareção enganosa; é que eu havia sonhado mil vezes as *houris* do propheta, e não lhes attribuir tanta belleza; é que eu scismára sozinho n'um poema de amor, e não calculára a intensidade de tanta paixão! — Timido e irresoluto, concentrava em mim todas as minhas faculdades, receiando anniquilar a visão que suppunha ter creado, ao proferir de uma palavra, ao fazer de um movimento — e com tudo momentos antes havia-lhe fallado com todo o entusiasmo de uma verdadeira impressão — mas o prazer embriagou-me, permaneci estático... immovel.

— Falla-me — o teu silencio esmaga-me.

E ao accentuar estas palavras com uma expressão apaixonada e triste, pousou a sua mão de neve entre as minhas e continuou:

— Não vês que o tempo foge? não te disse que ha parte da minha vida que me não pertence? — que existe um poder sobrenatural, que por vezes me opprime a intelligencia, paralyzando-me a vontade! — não receias, como eu, que o algoz reclame a victima?

E não sabes, respondi eu, a quem o contacto d'aquella mão despertára em sobresalto, que tenho força para te disputar ao destino, e coragem para não ceder sem encontrar na lucta a ventura ou a morte?!

— Custa tanto a vêr só lagrimas no passado, a duvidar no presente e a temer no futuro!

O passado vêl-o-hemos fugir, como um pesadello de que se acorda aos raios scintilantes de um sol puro e vivificante — ha em nós bastante amor, para que possamos crear o Eden na terra.

Enlaçámo-nos estreitamente — o seu coração repercutia as pulsações do meu — o meu halito impregnava-se dos perfumes do seu halito — quantos annos de prazer resumidos n'um momento! — quantas sensações experimentadas n'um instante! —

O gozo mata como a dôr — eu teria morrido, se não visse desfazer o encanto!

A noute já adiantada, senti no ar um ruido surdo e inclassificavel — estremecei, porque sentira estremece-la juncto a mim — olhei-a — estorcia-se convulsamente — ouvi-lhe um suspiro, talvez um adeus, e o ruido cessou, e achei-me só! —

A respiração tornava-se-me difficil! e soffria espantosamente — perdi os sentidos.

(Continua.)

Ernesto Marecos.

SOCIABILIDADE.

Il faut à l'homme des compagnons
et des rivaux; il lui faut une ville,
un pays, une patrie, un monde.

(AIMÉ-MARTIN. Educação das
mães de familia, Cap. XIV.)

O homem não póde, de fraco tornar-se forte, de ignorante tornar-se sabio, d'escri-

vo tornar-se livre, de pygmeu tornar-se gigante, senão por um unico meio, pela coexistencia pacifica com os seus semelhantes; pela associação. Porque embora, considerando-o isoladamente, lhe não possamos negar na essencia estes tres predicados, *intelligencia, liberdade e moralidade*, é com tudo incontestavel que elle não os poderia dilatar nem desinvolver sem o influxo do elemento social.

O homem isolado seria um aborto da natureza, uma degradação da especie, uma excepção em fim, mas nunca uma regra geral.

O destino do homem cifra-se n'estas duas palavras, *lucta e conquista*, porque é n'esse trabalho constante que lhe vemos usar todas as forças da sua organização. Ora timido e fraco, ora arrojado e forte, assim imprime ás suas obras o sello da sua vontade rica ou pobre, da sua natureza esteril ou fecunda.

Para preencher porém os diversos fins, para que foi creado, dotou-o Deus de magnificos dons, que todos comprovam a sua tendencia para a sociabilidade.

O primeiro, e o mais eminente de entre todos, principio gerador de todas as luzes e de todos os progressos, é a linguagem.

Quando não tivéssemos outro argumento para provar a sociabilidade humana, e como consequencia que d'ella necessariamente se deduz a fraternidade humana, bastava-nos este — o da linguagem, que resume dois modos distinctos, e cuja influencia foi poderosissima no destino das sociedades civís, a *palavra falada, e a palavra escripta*.

A linguagem! Principio de luz e de vida que se manifesta nas obras da criação, mysterioso e mudo, e que só ao homem foi dado penetrar e desinvolver pela palavra! É pela palavra que elle sobe da terra ao céo em magnificas evoluções do pensamento, traduzidas em sons harmoniosos, sons arrebatadores e sublimes!

Mas quereis saber o que é a palavra, e o seu poder immenso, poderoso e irresistivel? Supprimi-a do mundo. Fazei com que o homem não fale nem com Deus, nem com os entes que o cercam? Que esse instrumento docil e obediente resista á sua vontade? Tornai-o mudo.

Á luz succedeu a escuridão, á vida a aniquilação e a morte, á harmonia a discordancia, o chaos, a confusão e a desordem. Supprimido o organ da justiça, quem havia de defender o fraco contra o forte, o opprimido contra o oppressor? O homem perdia o unico meio que tem de provar a sua personalidade e intelligencia.

Teria de nascer, viver, morrer sem dizer os sonhos que lhe doiraram a infancia, as glorias que lhe inflammaram a juventude, e as virtudes que depois tornaram veneravel sua campá.

D'antes exprimia os sentimentos de seu coração, projectava as chammas do seu genio; derramava em redor de si os thesouros da sua imaginação. Poderosa alavanca da civilização, a palavra governava o mundo, e sujeitava tudo ao seu imperio.

Gloria a vós, genios brilhantes que ideastes sons harmoniosos para cantar os heróes, a patria, os sentimentos nobres e a grandeza do Eterno! Gloria a vós, cujas palavras eloquentes e sabias resoaram como o trovão aos ouvidos dos povos e dos reis!

Se vós não fosseis, a liberdade espavorida, teria ido refugiar-se nas brenhas e nas solidões do deserto, ou teria sido para os povos o supplicio de Tantaló, que ardendo em séde no meio da agua, a via escapar-lhe quando a ia chegar aos labios. Quando tudo porém tremia, vós arrostaveis impavido a colera dos tyrannos e os gritos das multidões.

A voz de Cicero no meio do Senado de Roma levantava os animos abatidos, desafiava o poder de Catilina á frente de suas cohortes armadas, e salvava a Republica.

Demosthenes, quando era prohibido, sob pena de morte, o erguer a voz contra Philippe rei da Macedonia, sóbe á tribuna e incita os animos para a guerra.

Não, cidadãos, dizia elle antes da batalha de Cheronea, não, combattendo Philippe, não vos vai d'ahi nenhum erro. Eu vol-o juro pelos manes dos grandes homens que combateram pela mesma causa nos plainos de Marathona.

Nos fins do seculo passado, quando a realza em França se debatia convulsa nas agonias da morte, e disputava palmo a palmo a tunica ensangentada do despotismo, Mirabeau, vinha, sacudi-a ao vento, feita pedaços, e arrastava-a consigo ao tumulto.

Mas supprimida a palavra, a tribuna das liberdades publicas ficava vazia e erma como um sepulcro. E o orador longe de discutir os destinos do homem e os da patria, os graves interesses da liberdade e da vida, cruzaria os braços no meio do povo, silencioso e triste como uma estatua.

Já vedes que sem a palavra a sociedade seria impossivel, porque sem ella seria impossivel a ordem, seria impossivel a vida, seria impossivel a harmonia.

Mas quando arrebatado por essa força de vontade que o caracteriza, á força de vigílias e meditações, depois de ter combinado em sua vasta intelligencia o systema da linguagem, o homem, da palavra falada chega á palavra escripta, quem ha ali que conteste a este segundo meio de progresso humano seus grandiosos resultados para a civilisação è para a liberdade?

Quem se atreverá a negar a este supremo motor da associação, grávido n'um aço que resistê á lei destruidora do tempo, esse character de solidariedade, que transmite ás gerações futuras a herança do passado, herança de lagrimas e de sangue, que passa inviolavel e sagrada de paes a filhos, como um testamento solemne aonde vem exaradas todas as conquistas, todas as luzes e todas as verdades?

(Continua.)

Alexandro Meyrelles.

RELATORIO

E

CONTAS DA GERENCIA

DA

SOCIEDADE PHILANTHROPICO-ACADEMICA

NO ANNO DE 1851.

SENHORES:

A Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, tendo findado o tempo da sua gerencia, vem hoje depositar nas vossas mãos o honroso mandato de que a encarregasteis, e satisfazendo ao mesmo tempo ao dever que lhe impõe os Estatutos, vem dar-vos conta da sua administração.

A Direcção, summamente interessada em ver os progressos e o engrandecimento de uma Associação tão meritoria, e digna de ver no seu gremio todos os mancebos que se dizem academicos, experimenta n'esta occasião um vivo sentimento de não vos poder deixar em cofre um saldo bastante avultado, para que a Direcção que tendes agora d'eleger, podesse dar á Sociedade mais expansão, e uma esphêra de vida mais larga, que a que ora tem. Sobram-lhe porém os bons desejos, e tem além d'isso a frança vaidade de sen-

tir, e de vos declarar, que, conscia da missão elevada e espinhosa que lhe fôra incumbida, não se poupou a esforços, não se esquivou a trabalhos e diligencias tendentes a melhorar e engrandecer o estado da Sociedade, a augmentar os seus recursos, e a dar-lhes a applicação mais justa, e mais conforme com o espirito dos Estatutos. A Direcção porém na sua gerencia encontrou, e teve infelizmente de capitular com grandes embaraços e difficuldades que não poderão deixar de mallograr até certo ponto os seus desejos, e de lhe obstruir o passo.

A maior e mais sensivel d'aquellas difficuldades, aquella com que todas as Direcções tem luctado, e que nenhuma pôde ainda até agora vencer, é sem duvida a de um systema de cobrança perfeito, ou pelo menos satisfactorio, com quanto tenha incontestavel superioridade sobre os outros que se tem posto em practica o adoptado já pela ultima Direcção, em que a cobrança é feita pelos proprios academicos, encarregando-se cada um dos delegadôs de receber as mensalidades do seu curso, ou de mais nos cursos pouco numerosos. E ainda assim, senhores, a pezar da vantagem relativa d'este systema, os resultados mostram que elle é deficientissimo; realmente custa até a crer que sendo 400 os socios d'esta Sociedade, devendo por consequencia dar uma receita mensal de 48\$000 rs., raras vezes excedeu ella a metade d'esta somma, e algumas nem passou da quarta parte. Esta verdade tornou-a ainda mais triste, e mais palpavel um Relatorio apresentado pelo sr. Thesoureiro á Direcção, onde se vê que a receita mensal liquida da Sociedade desde a sua instituição até Maio proximo passado foi de R.º 10\$800, devendo por outro lado ainda attender-se á circumstancia de que de todo o anno lectivo em seis mezes só (de Novembro a Abril inclusive) é que a cobrança é mais activa, e mais regular; nos outros quatro, quando não é de todo esteril, é ao menos muito deficiente.

São razões de sobejo estas para vos levar a crer, senhores, que se a Sociedade Philanthropico-Academica tivesse de viver exclusivamente das mensalidades que constituem a sua receita ordinaria, se não tivesse mais nenhuns recursos de que lançar mão, teriamos ha muito já deplorado a sua anniquilação completa, porque com aquelles meios insufficientissimos de modo nenhum poderia conseguir os fins da sua instituição. O principal elemento de vida pois d'esta Sociedade, o seu

mais poderoso sustentaculo, e o que lhe tem dado algum impulso, tem sido inquestionavelmente essas verbas extraordinarias provenientes dos bazares, e d'alguns beneficios, que as Direcções todas tem sido sollicitas em promover a favor da Sociedade.

Mas bem sabeis, senhores, e ninguem o ignora, quanto é contingente aquella fonte de receita; todos sabem que aquelles meios extraordinarios, em si tão eventuaes, estão muito longe de poder ser um apoio firme, uma garantia segura da existencia e conservação da Sociedade. Seria pois muito para desejar que a vida da Sociedade Philanthropico-Academica não estivesse tanto á mercê de uma alimentação, que, com quanto lhe seja muito proficua, é por outro lado também muito fallivel; seria muitissimo conveniente que nos seus recursos se fosse estabelecendo o mais possivel a fixação e a certeza, e que a Sociedade podesse tirar dos seus rendimentos ordinarios os meios de satisfazer também ás suas despesas ordinarias, ficando intacto, e por assim dizer vinculado no cofre um fundo destinado exclusivamente a emprestimos, e a remediar necessidades mais urgentes dos prestacionados, ou de qualquer outro Socio, como um caso de molestia grave, etc. A Direcção tem uma fé mui viva em que se ha de conseguir brevemente aquelle desideratum, porque este está dependente em primeiro lugar do numero dos Socios que tem crescido é verdade, mas não tanto quanto devera n'uma associação d'esta natureza, destinada exclusivamente a exercer entre academicos desvalidos a mais nobre e mais sublime das virtudes—a caridade; e em segundo lugar do systema de cobrança que tem melhorado já, e irá progressivamente melhorando. Vencidas que sejam estas duas difficuldades, verá a Sociedade abrir-se deante de si um largo horizonte, e poderá então, forte e vigorosa, practicar em grande escala os elevados fins da sua instituição, e mesmo até dar a estes muito maior latitude do que a que é concebida nos Estatutos.

A Direcção conhece que muitos mancebos, que não podem deixar de sentir as immensas vantagens d'esta Associação, e de ter uma grande sympathia por ella, ignoram completamente o seu movimento e a applicação que se dá aos seus fundos, ou formam a este respeito juizos menos exactos por más informações que recebem. E por isso deliberou n'uma das suas sessões que se publicasse todos os mezes uma conta circumstanciada da

sua receita e despesa, e effectivamente começou isto já a observar-se em Novembro passado. Mas como por alli não é possivel adquirir-se um conhecimento cabal do estado da Sociedade, nem da distribuição dos seus meios pelo modesto escrupulo que tem tido sempre as Direcções em publicar os nomes dos academicos prestacionados, aquelle conhecimento só poderá conseguir-se, consultando-se os livros e documentos da Sociedade, que se acham patentes na Secretaria, e cujo exame, podendo por um lado illucidar quaesquer socios que tenham formado juizos menos bem fundados da administração da Sociedade, pôde também por outro lado suscitar alguns conselhos e esclarecimentos uteis que vão illustrar a Direcção, e que esta receberá sempre com reconhecimento, como uma prova d'interesse pelo bem da Sociedade.

De certo, senhores, podereis conhecer pela conta corrente juncta, e ainda melhor pelos livros e documentos existentes na Secretaria, as differentes verbas de receita e despesa d'esta administração; ahi vereis que nas primeiras figuram principalmente as de tres bazares que a Direcção promoveu em beneficio da Sociedade, e em que obteve resultados satisfactorios; e nas segundas as prestações mensaes, e matriculas que ella deu durante todo o anno a seis academicos.

A Direcção, conformando-se com a prudente deliberação tomada já pela Direcção antecedente, de deixar sempre que fosse possivel em cofre um saldo de 300\$000 rs., para occorrer ás suas despesas extraordinarias, teve sempre muito em vista esta ideia na sua gerencia, e compraz-se ao menos em vos deixar effectivo em cofre a quantia de 388\$645 rs., não contando aqui as dividas activas da Sociedade que se acham legalmente garantidas, e que sommam em 73\$885 rs.

A Direcção conclue pedindo-vos, lhe releveis quaesquer omissões e erros que involuntariamente commettesse no exercicio das suas attribuições, e retira-se fazendo os mais ardentes votos pelo engrandecimento e prosperidade da Sociedade Philanthropico-Academica.

Coimbra, Sala da Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, 15 de Janeiro de 1855.

Doutor Joaquim José Paes da Silva, *Presidente*.

” José Manoel Ruas, *Fiscal*.

José Eugenio da Silva Ramos, *Procurador*.

Manoel Pinto d'Araujo, *Vogal ordinario*.

Manoel José da Fonseca, *Secretario*.

Do movimento mensal da Receita e Despesa da Sociedade Philanthropico-Academica, desde Março até Dezembro de 1854.

1854.		RECEITA	1854.		DESPESA
Março	Saldo effectivo em 28 de Fevereiro deixado pela Direcção passada	271\$870	Março	Mezadas	28\$800
"	Emprestimo recebido	10\$000	Abrii	"	28\$800
"	Mensalidades dos Socros	35\$760	Maió	Matriculas	84\$675
Abrii	Emprestimo recebido	10\$000	"	Emprestimos	51\$455
"	Mensalidades	31\$680	"	Despesas da rifa	3\$260
Maió	Emprestimo recebido	14\$400	"	" de finudezas	8\$200
"	"	14\$400	"	"	2\$735
"	"	10\$000	Junho	Mezadas	26\$400
"	Producto da rifa de 4 de Maio	21\$750	"	Despesas	1\$880
"	"	80	"	Emprestimo	14\$400
"	Recceia extraordinaria	72\$380	Julho	Mezadas	14\$400
"	Producto d'outra rifa a 21 d'este mez	13\$240	"	Despesas	1\$630
"	Emprestimo recebido	16\$560	Agosto	Extraordinario a um dos prestacionados por motivo de doença	3\$200
Junho	Producto d'outra rifa, que se fez do resto d'umas pre- das	40\$440	Outubro	Mezadas	24\$000
"	Emprestimo recebido	13\$230	Novembro	Emprestimo	60\$000
"	Mensalidades	10\$080	"	Mezadas	33\$600
Julho	Emprestimo recebido	13\$500	Dezembro	Impressão das contas de Março a Outubro	1\$400
"	Mensalidades	7\$680	"	Mezadas	24\$000
Outubro	Emprestimo recebido	20\$000	"	Emprestimo	43\$200
"	"	14\$400	"	Despesas	\$680
"	"	12\$000			
"	Mensalidades	8\$160			485\$515
Novembro	Mensalidades	36\$960			
"	Producto liquido d'outra rifa	47\$670			
"	Dadiva offercida pelos Sr. ^{es} Parreira e Militão	24\$000			
Dezembro	Emprestimo recebido	60\$000			
"	"	14\$400			
"	Mensalidades	29\$520			
	R.	874\$160			388\$645
					874\$160

Coimbra, Sala da Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, 15 de Janeiro de 1855.

O Thesourreiro,
D. Francisco Fernandes Costa.

1881
1882
1883
1884
1885

1886
1887
1888
1889
1890

1891

1892
1893
1894

1895
1896
1897

1898
1899
1900

1901
1902
1903
1904
1905

1906
1907
1908
1909
1910

1911
1912
1913
1914
1915



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, Rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 6—MAIO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
	Testamento politico	101
	Collegios de educação	104
Alexandre Meyrelles	Necrologio	107
J. de Lemos	Victoria linda	108
Maria C. de C. C. de V.	A rosa dos amores	110
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	ib.
	Reflexões sobre o theatro Allemão	112
Alexandre Meyrelles	Sociabilidade	113
" "	Discurso	115
	Theatro Academico	117
	A infancia e mocidade dos grandes homens	119
	Maximas e pensamentos	120

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 64

INSTITUTIONAL REPORT

INSTITUTIONAL REPORT

INSTITUTIONAL REPORT

INSTITUTIONAL REPORT



Quando os espiritos preocupados, e como aturdidos por uma fatal vertigem, retiram os olhos do passado, tão rico de tradições gloriosas, e os voltam para um futuro, em que esperam se ha de proclamar á face da Europa, que nós os Portuguezes que no seculo quinze e dezeseis assombrámos o mundo com grandes descobertas e conquistas, resignamos o lugar de povo independente e livre, para nos pôr-mos á mercê da Hespanha, julgámos, que fariamos um serviço ás letras e á patria transcrevendo na REVISTA ACADEMICA uma das peças mais preciosas, que conhecemos, de um dos nossos mais profundos diplomatas, D. Luiz da Cunha.

A liberdade com que o ministro de D. PEDRO II. fala ao principe D. JOSÉ, que depois foi Rei, honraria qualquer Republica, por mais livre que ella fosse. O espirito compraz-se em ver, desde tempos os mais remotos, o character Portuguez rivalisar sempre em nobreza, altivez e firmeza com o das nações mais civilizadas da Europa. As sabias medidas e conselhos propostos por Luiz da Cunha, mereciam ser vertidos em todas as linguas, e decorados por todos aquelles, a quem Deus confiou a governação dos povos.

Mas o que sobresáe, a nosso ver, entre todos, é a escolha, que Luiz da Cunha aconselha a D. JOSÉ dos seus ministros, sendo entre elles a d'esse celebre Sebastião José de Carvalho, a quem Portugal deveu o ter sido durante muitos annos uma potencia de primeira ordem.

Com que sagacidade Luiz da Cunha não desenha o genio arrojado e profundo do que foi depois Marquez de Pombal? E ao mesmo tempo que grandeza d'alma se não manifesta nos elogios prestados aos seus rivaes em gloria?

Admira-se a politica d'este grande homem em querer harmonizar entre si todas as altas funções administrativas, pondo á frente d'ellas homens de uma politica e character homoganeo. A este gravissimo erro da má escolha dos ministros, de que tem resultado a Portugal tantos males (e sirvam de prova as convulsões politicas por que temos passado, e o atrazo em que nos achamos, já em commercio, já em agricultura, já em sciencias, já finalmente em navegação), queria Luiz da Cunha obviar, dotando o paiz com bons e sabios administradores.

Finalmente para não enfastiar-mos os nos-

soz leitores com repetições, pallido reflexo d'este precioso escripto, que nada deixa a desejar tanto na belleza da forma, como na excellencia da materia, remataremos por observar que uma das idéas fixas e dominantes de Luiz da Cunha, era promover o progresso da navegação, convencido de que a natureza, collocando-nos n'uma tão pequena fita de terra, apontara-nos com o dedo para o mar.

Este pensamento, que o marquez de Pombal soube aproveitar em grande escala, fazendo respeitar a nossa bandeira em todas as partes do mundo, não foi depois proseguído com ardor, antes parece, que se varreu da cabeça dos nossos estadistas, mais occupados em engrossar o numero de seus partidarios e creaturas, do que em promover o beneficio do commercio e da navegação.

Paremos aqui. Mas mais de espaço voltaremos a este assumpto, que intendemos ser, permitta-se-nos a expressão, d'interesse *palpitante*, e em que se devem empenhar sem distincção de côres politicas, todos os que prezam a nossa independencia e liberdade, porque, se hoje ainda lhes podemos dizer, salvai a patria agonizante, amanhã não sabemos o que será de nós e da patria.

Alexandre Meyrelles,

TESTAMENTO POLITICO.

De D. Luiz da Cunha, nosso Embaixador em França, onde morreu, e Thio do Secretario d'Estado do mesmo nome, que falleceu no anno de 1775.

Senhor,

Na tristissima, e summamente dolorosa idéa, que naturalmente se póde fazer, de que El Rei Nosso Senhor, glorioso Pae de V. A. nos venha a faltar, que praza a Deus o não vejamos, senão depois de passados muitos annos; e na doce esperanza de que V. A. subirá ao Throno de seus Inclytos Avós, para d'elle gozar por seculos inteiros; tomo a liberdade de me pôr aos seus Reaes Pés, com a mais humilde e reverente submissão, para que, lembrando-lhe que sou o mais antigo Ministro, que o Senhor Rei D. PEDRO Heroico Avô de V. A. no anno de * * * frou da casa da Supplicação para o servir no Ministerio Estrangeiro, e que nelle me conservou El rei N. S. até agora, e que fundado nesta

antiguidade; e no zelo cuidadoso, com que sempre procurei cumprir com a minha obrigação, pego na pena para ter a honra não de lhe pedir algum premio pelos meus serviços, mas sómente para pôr na sua Real Presença quaes são os meus sentimentos com a liberdade, que o dicto Senhor muitas vezes não só me *permittiu, mas expressamenje me ordenou*; e assim me aproveito della para quando V. A. tome com a felicidade, que lhe desejo, as reedes do Governo dos seus reinos, e dilatadas conquistas, para o bem dos seus fieis vassallos.

Se me servir, Senhor, d'alguns exemplos não serão tirados da Historia, que faria larga e fastidiosa a sua leitura, que procurarei abreviar quanto me for possível, mas das maximas que vi practicar em Inglaterra, em Hollanda e França; ainda que nem todas se possam seguir pela differença dos climas, dos governos, dos interesses, dos tempos e pelos diversos genios das Nações.

Em primeiro lugar, Senhor, naquelle temido, infausto, e natural accidente (que não espero vêr) estou bem certo que V. A. não mostrará logo, que em certas cousas quer tomar o *contra pé* do Governo d'Elrei seu Pae; e que quando se vir obrigado a fazel-o, será mostrando, que são differentes occurrencias, que o forcãam a tomar differentes resoluções, porque se não diga, que V. A. as emenda, antes as venera. Estou igualmente certo que V. A. conservará por uma Mãe tão Sancta, como é a Rainha N. S. o mesmo respeito, e filial veneração com que até agora a tractou (effeito da admiravel e christã educação que ella lhe deu): que V. A. vivirá com a Serenissima Princeza do Brazil sua Amabilissima e Real Consorte, na máis cordeal e sincera confiança que se possa desejar: Que mostrará a SS. Altezas Irmãos e Thios, que a sua elevação ao Throno não lhe diminuiu em cousa alguma o amor e carinho devido ao sangue que lhe corre nas veias.

Estas obrigações são pessoas, e de um dever do homem; mas as de Rei, sem offender as que insinuo, são mostrar que V. A. é unico Senhor, e que todos, sem excepção de pessoa, são seus vassallos, e dependentes unicamente das suas Reaes Resoluções.

Debaixo pois d'estes principios, já se vê que não serei d'opinião que V. A. a titulo de descanso se sirva de um Primeiro Ministro, por duas, entre outras muitas razões. A primeira, *porque Deus não poz Sceptros nas mãos dos Principes para que descansem*;

senão para que trabalhem no bom governo de seus reinos, trabalho digo, que lhe será muito suave, se repartirem bem e inalteravelmente as horas; porque estou certo que sobejarão as que bastem para as empregar nos divertimentos que convém ao seu character, entre os quaes conto os da caça, não porque seja como alguns dizem a imagem da guerra; porque não ha armas, que menos se lhe pareçam; pois nella se não vê mais que muitos cavalleiros, e uma infinidade de cães, que correm atrás dos pobres animaes que fogem, e não se defendem; mas porque este divertimento serve a dissipar os grandes cuidados, de que o Principe está sempre preocupado.

A segunda, e ainda mais forte razão vem a ser, que o dicto Ministro ordinariamente tira ao Soberano o credito, que elle se arroga a si mesmo: desconsola os naturaes, e perde muito com os estrangeiros.

O Duque de Marlborough se levantou com o poder, que se devia á Rainha Anna de Inglaterra. O Duque d'Orleans, se arrependeu muito de haver dado a Luiz XV. por *Primeiro Ministro*, o Cardeal de Bois, que servindo-se daquelle eminente character concebeu mandal-o prender, havendo-o levantado do pó da terra; e por isso, logo que aquelle indigno Prelado falleceu, o substituiu no seu Governo; e se nelle lhe não succedesse o Duque de Bourbon, já mais a Princeza de Polonia seria Rainha de França; porque Madame de Priai, que o dominava, se deixou comprar; e em fim ninguem ousou applicar-se em direitura a Luiz XV. em quanto viveu o Cardeal de Fleury, sob pena de perder a sua pretensão.

Com tudo o Cardeal depois de reconhecer que o Governo de um tão grande Monarcha excedia as suas forças, achou Mr. Chauvelin, que tinha todas as qualidades necessarias para o poder alliviar, associou-o a *Primeiro Ministro*; mas vendo que dois Gallos não cantavam bem em um só poleiro, se viu precisado a desfazer-se de Chauvelin, antes que Chauvelin se desfizesse delle, pois que para isso começava a tomár as suas medidas. Isto que digo do *Primeiro Ministro* milita tão bem com o *valido* para que V. A. se não sirva do primeiro, nem se deixe enganar de quem procura ser o segundo, porque ordinariamente ambos cuidam mais em estabelecer o seu poder, do que em conservar a reputação do Principe de que só deviam ser zelosos; o que em Portugal é mais perigoso;

pois que por um intoleravel e impio abuso temos feito habito de nos esquecer-mos de Deus, para nos applicar-mos aos seus Sanctos, ou tidos por taes, costumando dizer que são os seus validos.

Mas, Senhor: Os validos do Céu são mui differentes dos validos da terra; porque os primeiros conforme o nosso proverbio *não rogam senão quando Deus quer; e os segundos, as mais das vezes, pelo que nem Deus, nem o Principe* querem. Deus me preserve de dizer, que a applicação que se faz aos Sanctos, como validos da Majestade Divina é supersticiosa, porque a Egreja definiu que ella era util, mas não necessaria; porém digo sómente que a que se faz aos validos da Majestade Humana é ainda mais necessaria, para ser util, que seja em grande prejuizo da independencia do Principe, e da mesma Monarchia. Em uma palavra, Senhor, todo o poder, que o Primeiro Ministro, ou valido se attribue não é outra cousa, senão uma pura usurpação, por não dizer escandaloso furto, que se faz á sagrada auctoridade do mesmo Principe.

Porém sem recurso a exemplos estrangeiros, V. A. tem de casa um terrivel, se quizer reflectir sobre o perigo a que nos expoz o Ministerio, e valimento do Conde de Castello Milhor, e na sua vizinhança o de PHILIPPE III. e PHILIPPE IV., que sem embargo de serem tão grandes Monarchas, como não viam as cousas dos seus dominios senão pelos olhos dos seus primeiros Ministros e validos; não só perderam no mundo a sua reputação, mas tambem a da mesma Monarchia. V. A. tambem se pôde lembrar do pouco caso que pessoalmente se fez de PHILIPPE V., porque se deixava governar pela Rainha sua Mulher, e esta pelo Cardeal Alberoni, até que concorreram muitas razões, para que aquella Princeza se cansasse da sua petulancia, e o mandasse sair de Hespanha.

Depois de ser o meu pensamento que V. A. fuja de ter um primeiro Ministro, ou um valido, não sei se lhe ajunctara que tambem se dispensasse de ter um Confessor, quero dizer, com este titulo; porque com elle auctoriza para querer ingerir-se nas cousas do Governo, e fazer-se respeitar, servindo-se do Confessionario para tirar, ou encher o Principe de escrúpulos, segundo convém aos interesses da sua ordem, de seus Parentes ou amigos, do que podera allegar muitos exemplos, se não temesse a diffusão d'este

papel: mas como seja preciso, que o Principe faça vêr aos seus vassallos, que regularmente practica os preceitos da Egreja, dissera que V. A. escolhesse para Cura da sua Freguezia um homem de boa vida e costumes, desinteressado, prudente, sem ser hypocrita, e com a sciencia, que baste, para tranquillizar a sua consciencia nos casos que lhe propozer, e que com elle se confessasse; porque tenho observado que a Theologia de Frades, principalmente a dos Jesuitas, que são os que mais a estudam, e por isso mais aptos para adoptarem as opiniões que possam agradar ao confessado, se fôr Principe, e não um pobre lavrador, é em geral perigosa.

Se alguém me accusar de que n'esta parte abraço as maximas de Machiavelo em quanto diz — que o Governo Monarchico seria o mais perfeito de todos, se o Principe não tivesse validos, nem confessor, confesso a minha culpa sem arrependimento algum, e ainda em silencio passo á Dama, de que aquelle refinado Politico quer que o Principe seja exempto: porque graças a Deus, que entre as muitas virtudes de que Deus dotou a V. A. tem a de não querer romper a fé conjugal, para não auctorizar com o seu mau exemplo a dissolução entre os dois sexos, como fez LUIZ XIV. de França e CARLOS II. de Inglaterra, não sem grandes prejuizos de seus Governos; de sorte que nas suas côrtes ainda hoje reina o espirito do *deboche por ser a unica moda, que se augmenta, mas não se muda*; e CARLOS II. que sem embargo de ser um Principe muito distraído, tinha muito intendimento, costumava dizer, que *o governo das mulheres era o melhor, porque nelle governavam os homens; e que o Governo dos homens era o peor, porque governavam as mulheres*; do que em si mesmo tinha a experiencia, porque se deixou governar por Madame de Portsmouth, assim como LUIZ XIV. por Madame de Maintenon.

É verdade que S. Majestade teve uma especie de Primeiro Ministro, que foi o Cardeal Motta; especie digo de Primeiro Ministro, porque ainda que em certo modo fazia as suas funcções, nunca o dicto Senhor o revestiu d'aquelle character; e o que todo o mundo lhe deu (porque eu nunca pessoalmente o conheci) foi de ser muito bom homem, modesto, bem intencionado, e limpo de mãos, com muito pouco conhecimento dos negocios Estrangeiros, e ainda menos activo nos domesticos; dois defeitos irreparaveis

em quem se encarrega da direcção das cousas publicas, porque delles resulta demorarem-se as resoluções, que passam pelas suas mãos; e assim não vejo que em tantos annos de Ministro fizesse alguma cousa em beneficio do Reino, tanto a respeito do seu commercio, como da sua navegação, manufacturas e forças assim terrestres, como maritimas, passando o tempo em outros projectos, sem resolver algum, do que proveiu não deixar á posteridade saudade da sua memoria.

O que na minha opinião se lhe deve louvar são duas cousas—a primeira de haver sempre aconselhado a S. Majestade de conservar em paz e quietação os seus vassallos, quando toda a Europa ardia em guerra, e quando outros podiam inspirar que se aproveitasse da occasião em que a Inglaterra a declarára á Hespanha, a fim de forçar aquella corôa a que conviesse em cumprir exactamente o que com ella estipulámos no Tractado de Utrecht; pois uma diversão da parte de Portugal não lhe permittiria acudir á guerra de Italia com as forças que a França lhe propunha. A segunda foi concorrer com o seu arbitrio para que S. Majestade sendo instruido da confusão em que *Diogo de Mendonça Corte Real* deixára os papeis das Secretarias que servia, principalmente depois do incendio das suas casas, em que muitos se desencaminharam, e outros pereceram, lhe desse melhor providencia, repartindo entre tres Secretarias aquelle trabalho, a que um só, até aquelle tempo, não sem queixa das partes, dava tanta expedição, sem a poder evitar pela affluencia e variedade dos negocios, já estrangeiros, já domesticos e já ultramarinos; e nesta parte um animal, e tão grande animal, como é o camello, mostra mais juizo, e menos presumpção que o homem, pois soffre só a carga com que póde, por se não deitar com ella; de maneira que comparo a cabeça de cada individuo a um vaso, que, quando se lhe deita mais agua do que a que póde conter, trásborda, derrama-se e turva-se a que fica nelle.

Em fim V. A. sabe a divisão que Sua Majestade fez da Secretaria, e os Ministros que para ellas nomeou, todos muito dignos de servirem aquelles empregos com toda a satisfação, e só se reparou que todos fossem creaturas do Cardeal, principalmente a do Reino, que foi seu irmão, para que cada um obrasse conforme lhe infundisse. Não digo que esta foi a intenção, com que aquelle Prelado fez a inculca a sua Majestade; mas

mas é incontestavel que as apparencias foram taes.

(Continua.)

OS COLLEGIOS DE EDUCAÇÃO.

Eu sempre pensei que o genero humano seria reformado, se o fosse a educação da mocidade.

(LEIBNITZ.)

Tendo como causa unica da felicidade dos povos a instrucção pela intelligencia e pelo coração, não se consignou de balde o bem que de futuro resultaria a essa mesma instrucção, se se tractasse, com a seriedade que o assumpto reclama, de bem inspecionar, qual a organização, methodos e regulamentos, por que se dirigem em geral as escholae collegios *particulares*, que não o são tanto, como pretendem que elles sejam seus Directores e Chefes. Não nos incumbe de certo o projecto de regeneração para aquelles estabelecimentos; mas apontando alguns, em nosso vêr, defeitos, que alli se encontram, se ainda assim não temos o mérito da novidade, por serem da maior parte sabidos, avivamos a lembrança de lhes preparar a reforma, insistindo em pontos, talvez d'uma importancia capital. Convencemo-nos de que alguém virá, que, lido e competentemente versado na materia, concorra para a mais prospera execução de tão benefica e util empresa.

Analyzando, de passagem, os periodos principaes que percorre, no seu curto existir, a vida do homem, vemos que é justamente n'aquelle de que está dependente um bom ou máu futuro, que a sua educação é confiada a mãos extranhas, e ás vezes bem pouco zeladoras de tão importante missão.

Lançado no mundo pelo destino maravilhoso da Providencia, o homem, como se sabe, nem o seu ultimo fim poderia attingir, sem uma mão protectora que lhe guiasse os passos, sem uma força energica e poderosa que o dirigisse por sobre os milhares d'escolhos, que continuamente encontra na sua passagem. Na infancia, na adolescencia, na virilidade e na velhice, em cada uma d'estas épocas notaveis da vida, as difficuldades brotam incessantes, de toda a parte pullulam obstaculos, que o homem isolado, ainda que

mal, não poderia supplantar. Sublime porém em todos os seus resultados, mais que divina na sua origem, querida e apreciada por quem lhe sabe dar seu verdadeiro valor, a associação é um principio essencial, sem o qual todo o consequimento e aperfeiçoamento dos fins racionais se tornaria impossível, principio cujos beneficios se reflectem no homem do berço ao tumulo, mas que o não exempta d'um penar acérbo, que tanto maior é, quanto mais descuidada foi a educação que lhe deram.

E na verdade, embalado pelos carinhos, que só dá o amor maternal, acalentado pela voz suave e harmoniosa da mulher, que assim se torna mais bella, o homem a par dos infantís folguedos, experimenta logo os amargores da vida, de que é vivo simulacro um grande numero d'incomodos physicos. Vem depois uma outra idade, que dizem de ventura, de crenças, de illusões, d'amor, em que a imaginação resplende d'um brilho immenso, em que tão facil é seguir os impulsos do coração, quanto custoso obedecer aos dictames frios e pausados do raciocínio. Combate desigual e terrível, que tanto predomina e influe n'esta segunda phase da vida humana.

É no espaço que medeia entre o ultimo termo da infancia e os primeiros annos da adolescencia, que se recebe de ordinario a educação dos collegios: seguem-se depois os estudos superiores, que mal poderão ser proseguídos sem os elementares, que lhes servem de base. E se, por um lado, é para de-sejar que nos collegios se receba uma conveniente educação litteraria, a moralidade nos costumes é, por outro lado, digna da maior attenção. Falando assim, notaremos com tudo que ha uma differença sensível entre aquelles em que predominou outr'ora um ou outro defeito, que a pouca reflexão fez nascer, mas que o tempo soube apagar, e os que só tem o desprezo e o abandono, por lhes não serem a principio dadas lições de doçura e agrado, exemplos de abnegação e generosidade, n'uma palavra, essas qualidades, que tanto elevam e abrilhantam o individuo, que as possui, quanto se tornam appeteciveis em quem as não tem.

E o que valem riquezas, honras, nobreza, a par do mais rico, mais honroso e mais nobre de todos os ornamentos do homem — a educação? Não é a riqueza um bem precario e muitas vezes inutil? Não são os titulos quasi sempre uma chimera sem significação nem sentido; as honras humanas, um jogo

de meninos, como muito bem lhes chamava o nosso Heitor Pinto? Não sei realmente que outro dote haja ahi que se avanteje áquelle, que sempre que acompanha o homem, lhe dá força e alento para supportar os revezes a que está sujeito nas crises delicadas e difficeis.

Deixae passar o opulento, altivo dos bens da terra, coberto d'estofo, recamado de ouro, no requinte da profusão; que tudo isso é tão ephemero, como o dar da esmola a que não preside a caridade evangelica, mas a simples ostentação; attentae que, assim como a lama das ruas não lhe respeita o elegante *tilbury*, a parte do mundo sensata, a quem não offuscam miserias mal *encobertas*, olhará para elle com escarneo e irrisão, se aquelles são os unicos documentos que attestam a sua existencia na sociedade; se todo aquelle fausto é o unico padrão por que se ha de afferir sua moralidade e engenho. Os titulos e honras, desprovidas do *dote essencial*, são ainda uma fraca garantia do merecimento do individuo, principalmente hoje que se mercadejam a cada passo, e que tudo é motivo para os requisitar e pedir, menos os sacrificios prestados em prol da patria e da humanidade. E tempo virá, e talvez não longe, digamos de passagem, em que á imitação do que fez, quasi em sentido identico, o immortal Cervantes, alguém queira occupar-se do grande serviço de caracterizar devidamente essa moderna phalange que aristocrata se appellida com orgulho impavido.

Nem se espere para o homem, na ultima quadra da vida, uma melhor sorte, se antecedentemente lhe faltarem com o poderoso estímulo da educação; vezes immensas terá de ser perturbado no repouso, que a idade, a todo o custo, lhe exigir.

A carencia, ainda que não absoluta, de conhecimentos, a ignorancia, por outra, é a chaga de que mais tem a recear a humanidade. A perfeição a que póde aspirar o intendimento humano, senão é illimitada, é digna da maior consideração; mas será nulla, e por tanto origem de venenosos fructos, se se não apresentarem os meios convenientes para a desinvolver e cultivar.

Tempo houve em que abortos da especie humana se não envergonharam em proclamar, como dogma, « que só póde ser bem governado, o povo que permanecer n'um estado de completa estupidez. » Hoje, no século em que vivemos, todo de progresso, illuminado como é, aquelle que tiver a peito

o bem estar da humanidade, que fôr devéras pensador e liberal, ha de forçosamente admittir que uma nação é tanto mais feliz, quanto mais se diffundir por ella uma boa educação moral. A civilização, com a illustração de todas as classes, subirá de ponto, e o povo que a possuir, não vegetará inglorio a um canto do mundo, entregue ao seu torpor e ignorancia, origem só de desprezo, mas occupará um logar honroso no grande banquete das nações. Toda a sua industria, artes e commercio serão empregados em objectos d'uma não facticia utilidade; as suas paixões e tendencias funestas hão de corrigir-se, ou pelo menos modificar-se; e o povo que assim fôr constituido, será um esteio de todo o governo recto, justiceiro e probo, como vigorosa alavanca para deslocar de seu mal cabido posto os que, longe de curarem dos sagrados interesses de seus governados, tem por unico fito o egoismo, e por devisa a desmoralização.

Se lançarmos um rapido olhar por sobre o catalogo de todos quantos homens celebres tem existido, acharemos que o maior numero saú das classes inferiores da sociedade: mas uma emulação nobre, um bem intellido desejo de preeminencia, foi o que quasi sempre os levou a sair da obscuridade, em que haviam nascido. Já se vê pois que se, n'um povo qualquer, as classes superiores forem as unicas que tiverem acesso a uma boa educação, bem fraca será a figura que poderá fazer esse povo nas sciencias e nas lettras. D'aqui a necessidade evidente de facilitar a todos os meios de se instruirem e illustrarem.

Em Portugal, porém, que só agora parece querer sair do lethargo em que, por tantos annos tem jazido, que ainda assim *tenteia*, na phrase d'um escriptor consummado, *as trevas d'uma ante-manhã silenciosa e regelada*, a educação deve ser sobre tudo esmerada nos que, possuindo as necessarias condições, tenham de presidir aos destinos publicos, na tribuna, no fôro, na imprensa; n'uma palavra, em tudo quanto possa promover o adiantamento dos que menos favorecidos da fortuna, possam um dia ter o logar que de direito lhes compete: é por isso que aqui nos occupamos d'uma classe especial, qual é a dos que frequentam de ordinario os collegios, já na côrte, já nas principaes cidades do reino.

Antes de entrarmos em considerações relativas ao que se passa, e devêra passar nos

collegios d'educação, faremos sobresaír a necessidade de intervir n'elles uma auctoridade superior. E de feito, se os homens pertencem mais á sociedade, que debalde os não chama para o seu gremio, do que aos entes de quem immediatamente receberam o ser; está demonstrado que todo o ensino, que se lhes der, longe de ficar ao inteiro e livre arbitrio da paternidade, deve ser, de mais alto, rigorosamente vigiado. Admittir nos paes para com os filhos uma indefinida liberdade d'educação, seria reconhecer n'elles uma omnipotencia, que manifestamente não têm. E com quanto se presuma nos paes, na qualidade de protectores innatos, um cuidado religioso sobre o desinvolvimento intellectual e moral de seus filhos, bem depressa nos certificaremos de que semelhante proposição soffre, por um concurso de causas, milhares de modificações. A sã vontade e a boa intenção que se suppõe presidir a todos os actos paternaes, não são ainda uma sufficiente garantia. Por mais adequados que nos pareçam os meios para a efficaz execução d'um fim, o resultado practico nem sempre nos é favoravel. Muitos e fervorosos desejos podem ser os d'um pae para que seu filho tenha a educação conveniente ao seu estado e posição; mas ou póde enganar-se na escolha dos mestres, ou não ter os conhecimentos que tal escolha requer. Ao Estado, como chefe da sociedade, compete pois, mais que a ninguém, evidenciar qual a excellencia dos methodos a seguir na formação dos dotes, que tanto caracterizam e distinguem cidadãos uteis e illustrados. Se a felicidade do individuo e das nações, do homem e da humanidade, está ligada a dois importantes pontos, *moralidade e saber*; a liberdade absoluta d'ensino é nimamente prejudicial. Sobre os governos pesa pois uma responsabilidade ilimitada, quando, longe de intervirem, abandonam entregues a si mesmas essas instituições, cujo fim muitas vezes, longe de ser o da educação da mocidade, não é mais que uma rede, lançada aos incautos, como meio de especulação de indolentes e ineptos.

(Continúa.)



NECROLOGIO.

..... Despedida

Solemne! E que expressão ha hi na terra
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo
Todo esse accumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus incerra.

(GABRET, Camões Canto II.)

Tristes dos que tem a lamentar a perda d'um pae, d'uma amante ou de um irmão, que ninguem virá depois encher-lhes o vazio, que a morte lhes deixou, nem desanuviar-lhes a frente carregada da dor profunda, *da dor como não ha na terra*, mas mais triste ainda, a mãe, que viu descer ao sepulcro a filha do seu coração, sem poder impedil-a de cair n'essa voragem, que uns chamam morte do corpo e do espirito, outros immortalidade!

O grito, que safu das entranhas que conceberam a que vistes desaparecer da terra como uma visão celestial, e cuja passagem nem siquer tivestes tempo d'apreciar, tão rapida ella foi, não o podem pintar, nem descrever linguas humanas; só Deus sabe até onde elle chegou, só a sua omnipotencia penetrou o segredo d'essa dor,

Que longe cá nos desterra
Da vida do nosso amor.

Como o poeta, cujos versos abaixo se leem, venho eu tambem inclinar-me ante o augusto espectáculo d'uma mãe viuva de sua filha, d'um pae, e d'uma familia inteira coberta de mais negro lucto, que aquelle que recomendam os estylos e as pompas da terra — o lucto do coração.

Louco intento! dirá alguem, dirá talvez o

poeta, que em tão sublimes versos convidou a triste mãe a derramar copiosas lagrimas sobre a campa da filha, se pretendes erguer essa alma abatida, e fulminada pelas azas de fogo do genio da morte; mas mais louco ainda, se quando a dor se mitigou com o tempo, vens acordal-a ou provocal-a com teus cantos de tristeza.

Poeta! lhe responderia eu então. Se a tua lyra vibrou sons tão plangentes, que as faces da mãe, do pae e das irmãs, de lagrimas se regaram, esqueces-te com tudo, que para encher abysmo tão profundo devias primeiro remontar ao throno do Eterno, e ahí, curvados os joelhos, e attentos os ouvidos, escutar as palavras da Sabedoria Divina, para depois as vazares, sublimes de inspiração e de fé, no coração amargurado dos que a sós gemiam sem consolação nem remedio. Então, tu serias para elles, como um anjo que Deus lhes teria enviado para os consolar, vel-os-hieis de repente erguerem-se ao encanto da tua voz, e dizerem contigo « Que a paz seja comnosco porque Deus dignou-se de visitar seus servos, e cobril-os das suas misericordias.

Porque, ao contrario, choras-te, como Jeremias, sobre a louza coberta de flores da virgem que Deus chamou para si?

Ah! porque disseste?

Feliz! de certo, e não chores
Dirá tudo á triste mãe;
Porque a filha, seus amores
Melhor mundo agora tem:
Não chores lhe persuade
A christã conformidade
Não chores... mas a saudade
Rebenta do coração;
Se curva a frente ao tormento,
Se obedece o pensamento,
Vem rebelde o sentimento
E as faces regadas são?

E mais adiante:

Senhor! Senhor! não tinhas lá mais anjos?
Tão depressa, Senhor?!
Pois faltam-te no Ceu córos d'archanjos
A cantar teu louvor?

Não sabias, quantos rios de lagrimas haviam de fazer correr, esses teus versos, á pobre mãe?

Où cuidas-te que tão *negra pena* carecia antes de ser excitada, que alliviada pelo balsamo da religião e da fé, e que era preciso descer aos abysmos da dor, para d'ahi soltares teu canto de maldicção e de descrença?

Perdoa, poeta christão, se inspirado pelo desejo de restituir a uma mãe e a uma familia, que nadam na tristeza, a alegria, que depois de pago o primeiro tributo á natureza, seu coração deve sentir, eu accuso aqui teu funebre canto de descrito e maldicto.

Sei, que plantou Deus em tua alma a fé, com tão fundas raizes, que a não poderia arrancar um scepticismo igual ao d'esse poeta da descrença, de que tanto se gloria a orgulhosa Inglaterra. Mas não sabes que os labios que soltam uma queixa d'Aquella a cujo aceno se movem os ceos, a terra e o mar, são réos de lesa majestade divina, e que ao homem não é permittido o accusar de rigorosos ou injustos os decretos da Providencia?

Agora direi eu a essa mãe desconsolada.

Para que é chorar? Para que é gemer? Essa joven tão formosa, nascida á sombra do cedro tantas vezes ferido pelo raio, mas sempre de pé, e orgulhoso por ter ouvido as meigas salas que a linda *Ignez de Castro* falou a PEDRO I., essa flor tão viçosa que eu vi tantas vezes baloiçar-se em suaves ondulações ao sopro das brisas do Mondego, não tinha por ventura tudo do ceo? Os olhos, em que se retratava a celestial candura? Os cabellos, que em longas tranças lhe pendiam do collo d'alabastro? O rosto em que se lhe devisava a pureza dos anjos? No corpo em fim, complexo de graças e perfeições, vieis por ventura alguma cousa, que não fosse umas formas aerias, vaporosas e divinas? E quarieis que o anjo vivesse erradio e perdido cá no mundo, sem voar á sua patria primitiva?

Filha dos vossos amores, embalada no berço por vossas mãos, beijada mil vezes nos accessos da vossa ternura, querida, e idolatrada pelas virgens do Senhor no Real Col-

legio das Ursulinas, vossa filha, vossa irmã, antes de o ser da terra, era-o primeiro do ceo.

Deus chamou-a de direito para si. Sua voz poderosa do alto de seu throno retumbou no espaço, e quiz ver uma virgem do Mondego em todo o esplendor da belleza.

E ella partiu alegre e contente, como a andorinha, quando depois de longa ausencia, volta á sua terra natal.

Não lhe vistes o sorriso angelico adejando nas bordas do tumulo? E que sua alma caminhava já para Deus!

Suspendei pois vossas lagrimas, e adoraes a mão providencial, que visitou vossa morada, e vos pediu esse anjo.

Com estas palavras rematarei este modesto epitaphio á memoria da Ex.^{ma} Sr.^a D. *Maria da Victoria Osorio Pereira de Menezes*, filha do digno Par do Reino, o Ex.^{mo} Sr. *Antonio Maria Osorio Cabral* e da Ex.^{ma} Sr.^a D. *Maria da Conceição Pereira de Menezes*.

Se este tributo de sincera e grata amizade lhes servir de lenitivo, peço-lhes tão sómente que meditem as seguintes palavras de um dos maiores poetas da Inglaterra, *Alexandre Pope*, sobre a campa de de dois amantes.

« Que quando Deus faz baixar ao tumulo
« a innocencia, é egualmente justo, seja qual
« for o tempo em que descarrega a sentença
« de morte; porque a misericordia, que tira
« a vida, é a mesma que a conserva. »

Coimbra, 28 de Janeiro de 1855.

Alexandre Meyrelles.

VICTORIA LINDA.¹

Á EXM.^a SR.^a D. MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA DE MENEZES.



I.

Sôpro de morte, em tua aurora ainda,
Victoria linda, desbotou-te a côr;
Voz do Senhor a outra vida infinda,
Victoria linda, te chamou em flor!

¹ Estes versos foram feitos por ocasião da morte da Exm.^a Sr.^a D. *Maria da Victoria Osorio Pereira de Menezes*, que nasceu na Quinta das Lagrimas, junto a Coimbra, em 16 de janeiro de 1841, e falleceu na mesma

Nascida á sombra de formoso cedro,
Onde Dom Pedro meiga Ignez amou,
Como chorou a morta Ignez Dom Pedro,
Ao pé do cedro tua mãe chorou.

Fonte de lagrimas e amor chamada
Viu-te embalada na tua infancia ahi;
Do Ceu aqui tu vinhas já fadada
A ser chorada neste amor por ti.

Vento dá tarde te levou sem custo,
Qual tenro arbusto sem raiz no pé;
Mas vaes co'a fé enraizar sem susto,
Do throno augusto do teu Deus ao pé.

Como arribada d'outra praia á beira,
Ave estrangeira que por cá gemeu,
Do patrio ceu a suspirar fagueira
N'aza ligeira remontaste ao Ceu.

Anjo da morte a derradeira hora
Na torre agora que soou já diz,
O bronze quiz alli chorar . . . não chora,
Nem prece implora . . . só bradou — feliz!

II.

Feliz! de certo, e não chores
Dirá tudo á triste mãe;
Porque a filha, seus amores,
Melhor mundo agora tem:
Não chores lhe persuade
A christã conformidade,
Não chores . . . mas a saudade
Rebenta do coração;
Se curva a fronte ao tormento,
Se obedece o pensamento,
Vem rebelde o sentimento
E as faces regadas são.

Nem ha crime nesse pranto,
Dá Deus prantos para a dor;
Na amargura tem encanto,
Que nutre magoado amor;
As lagrimas são do homem,
Por privilegio lh'as tomem,
Que se a luz dos olhos somem,
Tambem nellas brilha luz;
Quando da Cruz já pendia
O Filho, que lhe morria,
Tambem a Virgem Maria
Foi chorar aos pés da Cruz!

Chora, pois, ó mãe saudosa,
Chora a filha que morreu,
Folha a folha d'essa rosa
Recorda o que já foi teu;
Pinta as graças na memoria,
Essas graças, doce gloria,
Que da formosa Victoria,
N'alma e corpo, podes ter;
Beija o nome—prophecia
Da victoria que a devia
Na vida, e na morte um dia,
C'roada sempre trazer.

Quinta em 15 de janeiro de 1855, sendo enterrada no dia 16 em que completava 14 annos de idade. Sua extremosa mãe, a quem os versos são offercidos, costumava charmar-lhe *Victoria linda*, e d'esta terna expressão do affecto maternal se tomou o titulo da composição.

Se vês triste o esposo ao lado,
Se os mais filhos tristes vês,
Se o teu anjo é tão chorado,
Tu mais na dor te revês;
Mais lembra então que voara,
Na falta mais se repara,
Mais viva se retratára
A pomba que andava alli;
Era a alegria de tudo,
Na mesa, no brinco e estudo,
E tudo agora vês mudo,
E a saudade cresce em ti.

Oh! não ha, não ha na terra
Outra dor como essa dor,
Que longe cá nos desterra
Da vida do nosso amor;
É das penas negra pena,
Toda a outra é mais pequena,
E se Deus não a condemna
Deixem a pena penar;
Se nos leva todo o riso,
Se ás vezes leva o juizo,
Do gozado paraíso
Possa a saudade ficar.

Chora, chora, alma pungida,
Pobre mãe, se allivio é teu;
Intendo-te a dor sentida
Que bem perto a vi já eu;
Tambem de filha formosa
Vi na face melindrosa
Desbotar nascente rosa,
E a morte em torno a rugir;
Da sepultura aos regêlos
Vi-lhe os pés ir a descel-os,
Quando Deus pelos cabellos
A suspendeu de cair.

Tu foste mais desgraçada,
Rôla viuva, bem sei;
Choras na campa fechada,
Na campa aberta eu chorei;
Mas nessa magoa que eu tinha
A tua bem se addivinha,
E por isso acceita a minha
Que contigo chorar vem!
Ah! dize, como eu dissera,
Se é anjo do Ceu . . . poderá,
Vivendo como vivera,
Ser anjo depois tambem.

III.

Mas lá vae . . . oh! lá jaz . . . inda fumegam
Mal extinctos brandões! . . .
Agora em volta os crepes se despregam . . .
E das sanctas canções
Nos já desertos muros da capella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Quatorze primaveras! . . . Falta um dia . . .
Dia do seu natal! . . .
Ai! mas nesse . . . infeliz! . . . a mãe fazia
Da filha o funeral!
E em vez de festa em honra da donzella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Senhor! Senhor! Não tinhas lá mais anjos?
Tão de pressa, Senhor?!
Pois faltam-te no Ceu córos d'archanjos
A cantar teu louvor? . . .
Roubando cá da terra essa voz bella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Eterna mágoa nunca interrompida
 Esta, ao menos, será;
 Entre a morte e a memória, espaço à vida
 Alegre não terá,
 Que da alegria da apagada estrella
 Só resta o echo a suspirar por ella!

J. DE LEMOS.

A ROSA DOS AMORES.

Linda rosa dos amores,
 Linda flor do coração,
 Symb'lo da minha ventura
 Nos dias que já lá vão.

Que é feito de ti? Murchaste,
 Fugiste, sonho fagueiro?
 Porque tão pouco duraste
 Doce engano lisongeiro?

Porque deixaste na terra
 A minha alma tão vazia,
 Porque findaste esse sonho
 Que a minha dita fazia?

Fugiste, foram contigo
 Doces enganos d'outr'ora;
 Das illusões que eu nutria
 Só restam cinzas agora.

Cinzas só, que não desenham
 N'esses campos do porvir
 As mil fagueiras esp'ranças
 Que antes lá via sorrir.

Fagueiras esp'ranças minhas,
 Que não mais as vi voltar,
 Illusões dos verdes annos
 Que entre prantos vi murchar.

Pobre flor! Tu eras minha,
 Mal podias resistir,
 Branda aragem da ventura
 Nunca te veiu sorrir.

Quiz dar-te a vida, aquecer-te,
 Dei-te um lugar no meu peito;
 Foi de balde, porque o gelo
 Da descrença te ha desfeito.

Foi de balde, o desengano
 Bem depressa te cortou,
 Das venturas que me deste
 Só a saudade restou.

Murchaste, murchou contigo
 Dos meus annos o verdor,
 Hoje em vez d'alegres hymnos
 Solto só cantos de dor.

Maria C. de C. C. de V.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

VI.

París.

Continuado de pag. 93.

O Leão.

Mais longe, aonde o Sena soluçando
 volta sobre seus passos, e faz mais
 de um rodeio para buscar no seu lodo
 a cidade que banhava, e que ainda
 hontem era sua companheira, mais
 longe, a riba chorava, a onda bra-
 mindo dizia ao mar até onde sua
 vista o alcançava :

Ó mar, vem em meu auxilio, e entre-
 ga-me o que te resta do meu impe-
 rador de Sancta Helena. No mesmo
 logar, um povo tinha decepado uma
 cabeça de rei d'antiga raça. Este
 tronco de gigante, que jazia insepul-
 to, levantava-se sempre nos joelhos,
 e gemendo procurava uma cabeça.
 Mas em quanto os que estavam em tor-
 no delle, e com elle choravam, lh'a
 arremessavam aos pés, elle sopesan-
 do-a, a deixava cair como um péso
 de mais para forças d'homem. Tres
 vezes isto aconteceu, tres vezes a
 cabeça lhe caíu, tres vezes o velho
 tronco pediu um chefe real, para co-
 roar a chaga que sangrava sobre
 seus hombros. Esta vista, dura de
 supportar, arrancou-me dos olhos
 lagrimas de leão.

S. Marcos.

Não achaste senão isso n'essa França
 tão temida?

O Leão.

Revolvi as areias do abysmo; varri
 com a juba a praia. A França não
 deixou nem ouro, nem vasos, nem
 braceletes custosos, nem preciosas
 arrecadas, nem variegados mosai-
 cos, nem marmoreas escadas. Nella
 só achei este tronco de roble calca-
 do nos combates, só este bico d'a-
 guia de bronze, e estes punhos d'es-
 pada sem mancha, que aqui vos tra-
 go para os guardardes com o vosso
 braço.

(EDGAR QUINET, AHAVERUS.)

Quem não tem ouvido pronunciar com
 assombro o nome d'esta cidade tão famosa,

centro da industria e do commercio, fóco luminoso d'onde partem para todos os pontos do globo a civilisação e a liberdade?

Quem, por mais limitado que seja o circulo em que tenha vivido, por mais obscuro que seja o canto de terra, em que nasceu, não tem desejado visitar esses monumentos, essas praças e essas ruas, aonde se representaram as tão variadas scenas d'esse pomposo drama da civilisação moderna?

Mas quantas vezes tambem, povos da Europa, não desejastes vingar a affronta de haverdes sido em cem batalhas subjugados por essa raça de heroes, por esses filhos de París? E com tudo é tal o prestigio que a cerca, tamanho o esplendor e magnificencia que a cingem como de uma triplice muralha de fogo, que os barbaros atravessaram, silenciosamente e como tomados de respeito, suas ruas, quando o imperador *Alexandre*, depois da batalha de Waterlow, foi descansar no soberbo leito em que *Luiz XIV.* havia recostado a cabeça, e depois d'elle, o maior homem dos tempos antigos e modernos, *Napoleão*.

Porque é que o rosto altivo d'esses guerreiros do norte perdia assim da sua rudeza e ferocidade, ao entrar as portas da grande cidade?

Porque se lhes abrandava assim a colera a ponto de se tornarem de leões, mansos cordeiros? Não fôra alli que a Assemblêa Constituinte, proclamando a egualdade do homem perante a pena, havia decepado a cabeça ao infeliz *Luiz XVI.*, e convidado a Europa a um duello de morte?

Não fôra do seio sanguinolento d'essa mãe das nações, que haviam saído essas legiões armadas, que leváram as aguias francezas até aos campos da Moskova?

Que! Já vos não lembra de quando o clarim das batalhas soava desde o Sena até aos Appeninos, desde o Tejo até ao Ebro? Que juras não fazieis então de não deixar pedra sobre pedra, se um dia vosso braço vingador podesse fazer sentir a esse inimigo terrivel os males que vos causára? Cumpristes acaso vossa promessa? Ahi a tendes; velha prostituta, cansada de satisfazer os caprichos d'esse Attila moderno, abre-vos os braços para se saciar comvosco de crimes e de infamias.

Que esperaes? Reis e imperadores, é chegado o momento de firmar sobre vossas cabeças essas corôas vacillantes, que um sopro do leão de París pôde lançar por terra. Autocrata de todas as Russias, lembra-te, ao

menos, das torres incendiadas do Kremlin! Representa-te Moskova, e seus bellos edificios devorados pelas chammas! Rei da Prussia, recorda em teu espirito o combate encarniçado de Iena! Tu, imperador da Austria, prepara-te para lavar a nodoa de teres sido tantas vezes vencido dentro da tua propria capital! E a ti tambem, orgulhosa Inglaterra, chegou a tua vez de humilhar a altivez da tua rival!

Palavras, que o vento leva, e que se desfazem como a néve aos raios do sol, quando se avistam, negreando no horizonte, suas torres devassando as nuvens, quando ella vos mostra o seio palpitante de prazer, e vos fala meigas falas de ternura pela bocca de suas graciosas nymphas, quando em fim vos convida não á carnagem, não a scenas horriveis de morte ou de pilhagem, mas a que vos mistureis com o ruido sempre incessante de suas festas, a que danseis ao som dos seus mil instrumentos, e que por fim, quando cansados de festas e prazeres, vos deixeis adormecer em seus braços.

Roma, a loba das nações, na phrase eloquente d'um escriptor contemporaneo, não se pôde applaudir de tanto! Quando o estrangeiro entrava em seus muros, era sempre sacudindo sobre elles o facho do incendio. Mas não sabeis que París é ainda hoje o que foi Capua para esse general Carthaginez, o mais bello typo de guerreiro, que conhecemos na historia depois de Napoleão e de Alexandre?

Agora que vos tenho iniciado na parte mais intima das minhas reflexões ao entrar n'essa grande cidade, reflexões que vos teriam occupado outro tanto tempo, por pouco que tivesseses folheado as paginas da historia, quero conduzir-vos á rua do *Bac.* Era ahi que morava, se a memoria me não engana, um homem de que tereis ouvido falar muitas vezes, porque o seu nome é hoje bem conhecido na Europa.

Em 1830, havia em Coimbra, terra de gloriosas recordações, e berço famoso das letras Portuguezas, um frade da ordem de S. Agostinho, a quem todos prestavam homenagens de respeito e um verdadeiro culto de admiração, porque nunca a uma tão nobre physionomia se unira alma mais pura, nem intelligencia mais elevada. Vendo-o subir ao pulpito com passo firme e resolute, como quem já se não preocupava dos pequenos interesses da terra, dissereis, que a eloquencia d'um Chrysostomó ou d'um Vieira,

era quem lhe dava tamanho esforço; e juro-vos que vos não enganaveis, porque quando sua voz trovejava do alto da tribuna Evangelica, não havia resistir-lhe.

Bello e sublime espectáculo (me dizia ainda não ha muitos annos um homem respeitavel, que o vira muitas vezes annunciar a palavra de Deus), quando o illustre missionario assomava ao pulpito; pois dos olhos se lhe despediam faiscas que deslumbavam, e dos labios torrentes de palavras, que caíam nos corações, como gotas d'orvalho!

Pois bem! Esse frade que assim attrahia aos seus discursos a população illustrada de Coimbra, esse cidadão benemerito, esse amigo da humanidade, esse sabio em fim, era o Doutor *José da Silva Tavares*, conhecido tambem em Portugal pelo nome de *Sacra Família*.

(Continúa.)

Alexandre Meyrelles.

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

Continuado de pag. 95.

A segunda peça tem por titulo *os Piccolomini*. É aqui que a acção começa; a peça porém acaba sem que termine a acção. Atase o nó, *desinvolve-se os characteres*, vem a ultima scena do quinto acto, e cae o pano. Só na terceira peça, *a morte de Wallstein*, é que o poeta collocou o desenlace. As duas primeiras são verdadeiramente uma exposição que contém mais de quatro mil versos.

As tres peças de *Schiller* parece não se poderem representar separadamente; são-no todavia na Allemanha. Já se vê pois que os Allemães toleram ora uma peça sem acção, *o campo de Wallstein*; ora uma acção sem desenlace, *os Piccolomini*; ora um desenlace sem exposição, *a morte de Wallstein*.

Formando tenção de fazer conhecer ao publico francez esta obra de *Schiller*, conheci a necessidade de reunir em uma só as tres peças do original. Esta empresa offerecia muitas difficuldades; tornava-se impossivel uma traducção, ou mesmo uma imitação exacta. Seria necessario comprehender pouco mais ou menos em dois mil versos, o que o auctor allemão apresentou em nove mil. O exemplo porém dos que tentáram

traduzir poetas estrangeiros em verso alexandrino, prova que este genero de versos carece de continuos circumloquios. O mais habil de nossos traductores em verso, o abade *Délille*, a pezar do seu prodigioso talento, não conseguiu, n'este ponto de vista, vencer de todo a natureza da nossa lingua. Traduziu em muitas partes *Virgilio* e *Milton*, por meio de periphrases d'uma elegancia e harmonia inimitaveis, mas muito mais extensas que o original; *Boileau*, traduzindo o principio da *Eneida*, poz em vez de dois, tres versos, como observa *M. de La Harpe*, e nem por isso deixou de omittir uma das circumstancias mais essenciaes com que o auctor latino quiz impressionar o espirito do leitor. Eu tinha pois de lutar, n'uma traducção, contra um primeiro obstaculo, e havia de encontrar um segundo no proprio assumpto. Tudo o que diz relação á guerra de trinta annos, cujo theatro teve logar na Allemanha, é nacional para os Allemães, e, como tal, conhecido de todos.

Os nomes de *Wallstein*, de *Tilly*, de *Bernardo de Weymar*, d'*Oxenstiern*, de *Mansfeld*, avivam, na memoria de todos os espectadores, lembranças que para nós não existem. D'este modo pôde *Schiller* apresentar uma multidão d'allusões rapidas que os seus compatriotas comprehendiam facilmente, mas que eram sem significação para os Francezes.

Entre nós ha geralmente um certo abandono para com a historia estrangeira, que se oppõe quasi inteiramente á composição de tragedias historicas, como as que se encontram na litteratura das nações vizinhas. As mesmas tragedias que se occupam de assumptos tirados dos nossos annaes correm o risco de caírem na obscuridade. O auctor dos *Templarios* teve de acrescentar á sua obra notas explicativas, em quanto que *Schiller*, na sua *Joanna d'Arc*, assumpto derivado da história franceza que elle apresentava a um publico allemão, tinha a certeza de encontrar nos seus ouvintes sufficiente massa de conhecimentos que o dispensasse de qualquer commentario. As tragedias que mais triumpho alcançaram em França ou são de pura invenção, porque d'este modo exigem poucas noções preliminares, ou são derivadas da mythologia grega, e da historia romana, porque o estudo d'esta mythologia e d'esta historia faz parte da nossa primeira educação.

A familiaridade do dialogo tragico, nos

versos jambicos ou não rimados dos Allemaes, seria ainda, para um traductor, d'uma difficuldade consideravel. A linguagem da tragedia allemã não está subjeita a regras tão minuciosas, nem tão restrictas como a nossa.

O pomposo obrigado do verso alexandrino precisa sempre de sustentar certa grandeza na expressão.

(Continúa.)

SOCIABILIDADE.

Continuado de pag. 98.

Negae á palavra escripta a sua poderosa influencia, e podeis depois negar ao sol o brilhantismo de seus raios. Rasgae a epopéa de Homero, lançae ao fogo os versos sublimes da Iliada, da Odyssea, e a Eneida de Virgilio; supprimi os Luziadas de Camões, a Jerusalem do Tasso, e todo esse catalogo de obras luminosas e profundas; fazei que não existam Platão, Aristoteles, Cicero, Newton, Descartes e Leibnitz, e dizei-me depois se o mundo não recua seis mil annos d'existencia, e se não volta outra vez para a ignorancia, para a barbarie e para as trevas!

Agora será ainda mistér enumerar-vos todos os outros factos que provam a sociabilidade humana?

Será mistér dizer-vos qual o motivo, por que o homem parece no meio dos seres, que povôam o mundo material e sensível, como de uma natureza superior, como destinado a empunhar o sceptro e a dominar como rei? Será mistér dar-vos a razão d'esse privilegio sublime que lhe deu o Omnipotente sobre as outras creaturas, privilegio a que elle deve a sua preeminencia ou inferioridade sobre seus semelhantes, a sua celebridade ou olvido, as homenagens ou o desprezo, o odio ou a affeição da posteridade? Ahi tendes o seu passado, soletrae-o letra por letra no grande livro dos destinos da humanidade. Vereis que o espirito de Deus se manifesta nelle desde o primeiro dia da criação; e que é esse mesmo espirito quem ainda hoje o acompanha através dos seculos.

Será mistér dizer-vos que o homem não procura unir-se á mulher por laços indissolueis só para satisfazer os desejos dos sentidos, mas para obedecer a uma lei suprema da

sua natureza, constante e irresistivel, que lhe faz ter em horror o isolamento, que lhe faz desejar uma companheira que partilhe das suas alegrias e das suas penas, que seja testemunha sincera de seus triumphos, que o console nos seus revezes? Será preciso tambem accrescentar que o homem deseja perpetuar o seu nome, ainda mesmo alem da campa?

O homem nasceu para a familia; a familia é o seu estado natural, legitimo e necessario.

Se seu coração s'inflamma ao pronunciar os nomes de patria e liberdade, se como *André Chenier*, batendo na testa, sente que possui alguma cousa de grande e de sublime, conhece, comtudo, que ha um vazio que ninguem lhe póde encher, senão a voz meiga e terna da mulher.

É-lhe preciso encontrar no limiar da porta, ao recolher das suas luctas e fadigas um rosto puro e gracioso, que o venha receber com festas e carinhos, uma bocca seductora prompta a abrir-se para lhe entornar consolações.

O homem, como dizia o anno passado na Revista o meu nobre amigo *Santos e Silva*, *só então vive pelo amor, e para o amor, pela mulher e para a mulher, pelo sentimento e para o sentimento.*

Mas quantos terão experimentado o amor como elle o pintou, grande como o pensamento que o gerou, sublime como a imagem de Deus d'onde tira a sua origem?

Quantos terão conservado isolado e puro o germen que lhes inoculou Deus no coração?

N'este seculo de corrupção e de calculo, é licito duvidar que hajam muitas d'essas almas escolhidas ou predestinadas por Deus para continuar essa cadêa brilhante de gloriosos destinos. Uns votam-se aos frios prazeres do egoismo brutal e desenfreado. Outros desfallecem no caminho, porque pensam que é uma condição da humanidade, uma lei Providencial, que n'esta terra, em que tudo deve morrer, os sentimentos não podem escapar a essa lei fatal d'anniquilação. A dor, dizem elles, apaga-se; a alegria esquece-se... e a paixão extingue-se!...

Estes são dignos de compaixão, porque conservando o germen da sensibilidade, não tiveram com tudo bastante força para o fecundar.

Como o viajante que extenuado de fadiga, caminhando nos desertos da Africa, julga ver perfilarem-se sobre o azul dos céos os mil

contornos das Mesquitas e os ramos das palmeiras, e que depois de ter caminhado muito tempo, quando se acha no meio d'areas eternos, e debaixo d'um sol ardente, reconhece que era victima d'uma illusão dos sentidos, assim é para elles a illusão da alma, a mais cruel de todas.

O contrario d'estes são os que sacudiram o pó dos seus sapatos para se não mancharem ao contacto da corrupção, que pediram a Deus esperança e força, e que caminharam sós e intrepidos por entre os escolhos da vida.

Vêde esse homem, cuja vida se passou como a d'esse Herrmaan, de que nos fala Goëthe, e que caminhou sempre direito na estrada da honra, que teve sempre suas vistas inclinadas para Deus, acha-se um dia unido a uma mulher, a um anjo, que lhe converteu a vida n'um paraíso. Seus dias passam limpidos e serenos como o ribeiro que corre através dos campos. De manhã, quando o sol começa a dourar as montanhas, levantam-se e saudam-no com alegria e reconhecimento. De tarde, quando o sol se põe, seguem-no com a vista nos longos circuitos, que elle faz no horizonte, até que o vêem ou atufar-se nas ondas, ou sumir-se por detrás das montanhas; então, eil-os que abençoam a hora do repouso e da felicidade; seus filhos crescem em belleza e em virtudes; achaes por ventura esta pintura exaggerada?

Abailard amou Heloiza até á morte, e Heloiza sepultou-se nos muros d'um convento, porque, não podendo viver da realidade d'um amor que haviam tornado impossivel physicamente, quiz votar-se e sem reserva ao culto da sua generosa paixão.

Camões, esse nobre Poeta Portuguez, o typo da verdadeira honra e lealdade, amou *Catharina d'Athaide* até morrer; arrostou a morte em cem combates, compoz os *Lusidas*, e quando voltava para lhe offerecer o glorioso premio de seus generosos esforços, encontrou-se com o ataúde que levava ao sepulcro os restos da sua amante.

Pouco tempo depois definhava-se n'um hospital, e como Chatterton e como o Tasso morria de dôr e desesperação. Tudo isto prova que o coração do homem é mais poetico e sensível, do que muitos cuidam.

Hoje mesmo n'esta mesma hora em que estou escrevendo estas linhas, passam-se talvez scenas d'heroismo e abnegação.

Aqui é um mancebo que rejeita uma fortuna brilhante para se unir a uma donzella

pobre dos bens da fortuna, mas nobre de coração e de intelligencia; alli uma donzella que calca aos pés o oiro e as honras que lhe offerecem para se dedicar a um mancebo cujo coração é tão grande aos seus olhos, que por elle deixa sem pena, nem remorso, familia, patria, honras, tudo em fim, para lhe votar seu coração e partilhar seu destino.

Se eu não conhecesse n'este mundo almas como as de que acabo de falar, se eu não accreditasse profundamente n'esta obra divina, o homem, se eu não estivesse convencido, que em seu coração ha mais germens de bem do que de mal, seria mais que egoista, mais que avaro das affeições d'alma, seria como esse Stenio de que nos fala Eugene Sue no seu bello romance a *Salamandra*: seria cynico! O prazer seria o meu Deus; sacrificaria a essa bachante desganhada todas as alegrias puras da minha alma, seria em fim perjuro ou covarde, se tanto fosse preciso para saciar minhas paixões.

Mas eu creio no homem e na mulher, e afasto para longe de mim essa illusão cruel das imaginações infermas, que se comprazem muitas vezes em torturar o coração sem razão nem motivo, só para poderem ter o direito de se queixar do seu destino.

Acham um prazer occulto em julgar a sua posição sob um aspecto sombrio, porque a dor eleva o homem a uma altura quasi infinita. Lembram-se que Deus sanctificou o soffrimento, e querem imital-o. Louca presumpção! porque Deus quer que o homem seja feliz mesmo sobre esta terra, que não é senão um logar de passagem para a eternidade.

Mais teriamos que dizer, se pretendessemos desinvolver todos os argumentos que provam a sociabilidade humana; mas tudo quanto vos dissessemos seria pouco, que não bastam as estreitas dimensões d'este artigo para tão vasto assumpto; ou seria talvez muito, porque uma verdade radicada na consciencia de todos os homens, e registrada nos livros da sciencia, como uma verdade mathematica, não carece de raios extranhos, brilha da sua propria luz.

Alexandre Meyrelles.

